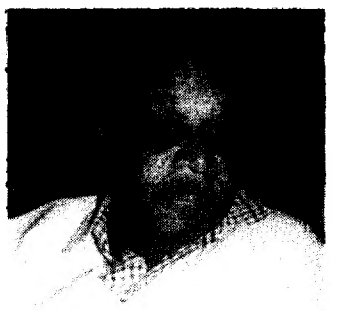
Houve corrupção no caso do "monstro"?

Sporting usa óculos para acusar RTP

O Sporting Clube de Portugal acusa a RTP de corrupção pelo facto de ter publicitado a venda, «a preço especulativo», dos óculos (mão-de-obra prisional) destinados ao visionamento do filme em três dimensões «O Monstro da Lagoa Negra», transmitido na passada sexta-feira à noite. A acusação vem impressa num documento que o clube de João Rocha distribuiu, ontem à tarde, para recolha de assinaturas, no Estádio José Alvalade, durante o jogo com o Farense. **Pág. 32**



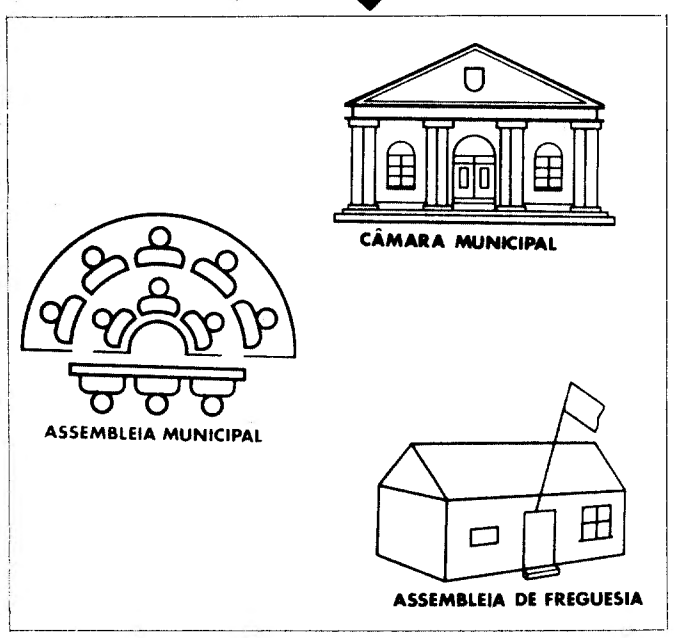
Diário de Lisboa

ANO 65 N.º 21 925 Segunda-feira, 2 de Dezembro de 1985 Preço 40$00

Craveirinha: regimes não fazem poetas

ppágs. 10 e 11

AUTÁRQUICAS



Primeiras badaladas da campanha vão soar à meia-noite

pág. 9

Cavaco ignorou inquérito

Comissário para a CEE "mentiu" ao Parlamento

Cardoso e Cunha

Falsas declarações e «sintonia» entre os interesses manifestados por uma multinacional francesa e as condições e datas oficiais da liberalização do comércio de cereais são algumas das acusações directa ou indirectamente feitas ao comissário português da CEE, ontem escolhido por Cavaco Silva, pela Comissão Parlamentar de Inquérito que em Maio concluiu os seus trabalhos. O relatório da Comissão, recorde-se, foi aprovado no plenário da Assembleia no início de Julho. **Pág. 13**

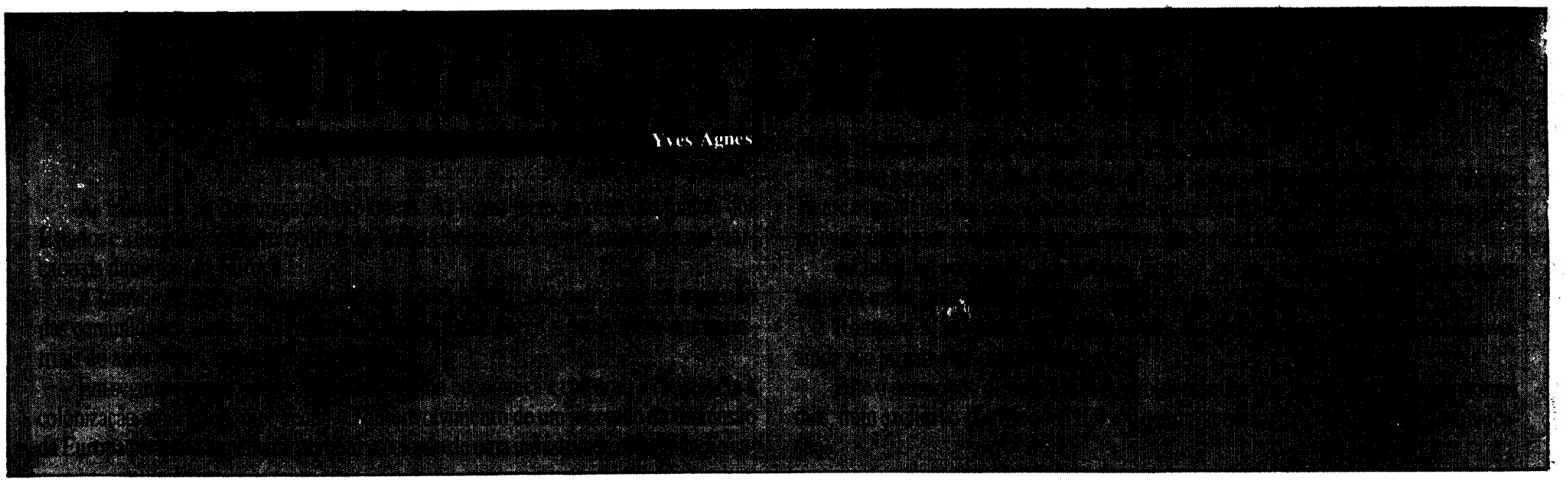
"Piratinha do ar" confessa: era verdadeira a arma com que desviou o avião

Rui Rodrigues, o jovem que, na próxima sexta-feira irá ser julgado na Boa-Hora, acusado do desvio em 6 de Maio de 1980, de um avião da TAP do aeroporto de Faro para Madrid, revela pela primeira vez, em entrevista ao «DL», ter praticado a acção com uma pistola real **Pág. 8**

À venda em seis Câmaras Municipais

Pinheiros a preço simbólico para proteger as florestas

pág. 7



Batalha por uma televisão sem fronteiras

Jean-François Lacan

Exclusivo Le Monde/«DL»

À primeira vista, a televisão europeia é uma ideia perfeitamente incrível. Como imaginar uma cadeia capaz de satisfazer várias centenas de espectadores de línguas e culturas diferentes. Como supor que um mesmo difusor possa arranjar uma passagem no dédalo dos regulamentos desse mosaico de Estados? Uma tal empresa seria de um don-quichotismo primário se não fosse a pressão dos imperativos económicos. Todas as cadeias de televisão, principalmente na Europa, são hoje confrontadas com a mesma realidade: uma inflação galopante dos custos de produção em face das receitas que, na melhor das hipóteses têm tendência para estagnar. Para escapar a essa contradição é necessáro, ou reduzir os custos, ou alargar o mercado para além das fronteiras.

As cadeias nacionais escolheram a primeira solução organizando entre si sistemas de co-produção. Partilhando as despesas de grandes séries de ficção, elas compram mais baratos programas europeus de qualidade, sem perder o domínio do seu próprio mercado. Mas as novas tecnologias agitam esta partilha amigável. O satélite, estando-se nas tintas para as fronteiras, as redes por cabo, importado das televisões estrangeiras, acabam por condenar o sistema das co-produções europeias. Poderá imaginar-se, por exemplo, a RAI italiana e a Antena 2, difundir ao mesmo tempo e no mesmo território a série **Cristóvão Colombo,** que acabam de co-produzir?

O primeiro a explorar a segunda solução é o britânico Brian Haynes. Ao lançar em 1982 o Satélite Televisão, ele mostra que novos operadores podem contornar os monopólios nacionais difundindo por satélite um programa destinado às redes por cabo. Mas este mercado não se constrói num só dia: em 1985 só há 9 milhões de assinantes de cabo em toda a Europa. Segundo as previsões mais realistas es serão 24 milhões em 1992.

Sete anos para obter uma massa de espectadores quase equivalente à de um país como a França! É preciso ser-se sólido para aguentar isto. Em 1984 Brian Haynes surge: **Sattelite Television** torna-se **Sky Channel,** comprada pelo magnate da imprensa australiana Rupert Murdoch, que acaba de se instalar na Grã-Bretanha, onde também comprou o **Times.** Hoje o canal é ouvido em 4 milhões de casas, mas acusa uma perda de 12 milhões de dólares no seu último exercício.

Hollywood ataca

Compreende-se que tais números esfriem o entusiasmo dos investidores potenciais. A quase totalidade dos grandes grupos de comunicação privados europeus não têm uma superfície financeira bastante para fazer face a tamanho desafio. Colocados na periferia do sistema audiovisual pelos monopólios públicos nacionais, falta-lhes ao mesmo tempo recursos e experiência em matéria de televisão. Só o gigante da electrónica britânica Thorn EMI se lança na aventura, em 1983, com três canais de televisão temáticos. Dois anos mais tarde, perante dificuldades económicas agudas, Thorn EMI pensa em se libertar e já vendeu 30% de **Music Box** ao grupo americano **Viacom.**

O peso das companhias «majors» americanas, nessa aventura, não é de desprezar. Elas também tentam fazer à sua maneira a televisão europeia. É certo que os grandes estúdios de Hollywood já estão presentes em todos os écrans do Velho Continente vendendo filmes e séries que ocupam um lugar cada vez mais importante nas programações. Mas os Americanos já não se podem satisfazer com essa simples relação comercial. As televisões europeias são consideradas, além Atlântico, como más pagadoras, utilizando a sua posição de monopólio para negociar os preços mais baixos. Sabe-se que o preço da dobragem de uma série americana representa uns 60% do preço de compra, por uma televisão francesa e fica a cargo do vendedor americano ou do seu representante?

Perante a modéstia destas receitas e a queda brutal da frequência das salas de cinema, Hollywood decide, a partir de 1983, passar à exploração directa dos seus programas na Europa. Os grandes estúdios agrupam-se em dois consórcios contribuintes nas redes por cabo. Na Grã-Bretanha associam-se com **Thorn EMI** e **Robert Maxwell,** na Alemanha, com **Bertelsmann,** na Holanda com um agrupamento de editores locais. Em França eles procuram entrar no capital de **Canal Plus.**

A Europa das televisões irá ser federada pelos americanos? Essa hipótese era a mais provável até há poucos meses. Pois não detinha Hollywood a matéria prima, os programas e a força financeira? Mas o ano de 1985 faz aparecer brutalmente num novo dado: a desordem geral da paisagem audiovisual europeia. Em França anunciam-se redes privadas. Em Espanha o monopólio está condenado a curto prazo. Na Alemanha vacila sob as iniciativas das Länder controladas pelos democratas-cristãos. Na Grã-Bretanha a partilha do mercado entre a BBC e a televisão independente é reposta em causa pelas dificuldades financeiras da televisão pública. Na Bélgica, a RTL e a **Sky Channel** enfrentam um mercado publicitário interdito até então. Sem esquecer a Itália na qual reinam há já três anos as três cadeias privadas de Silvio Berlusconi.

Perante esta mutação, a estratégia dos grandes grupos europeus evolui radicalemente. Já não é necessário esperar a lenta ascensão das redes por cabo, já que pode esperar-se, a curto prazo, explorar uma cadeia privada hertziana, cuja rentabilidade é menos aleatória. Cada um centra-se no seu mercado principal. Murdrch não esconde a sua intenção de fazer do Sky Channel uma cadeia nacional britânica apostando num rápido desenvolvimento das antenas individuais da recepção dos satélites. Ele provoca imediatamente a reacção da televisão independente (ITV), que **Superchannel** acaba de criar, no mesmo espírito.

Primeiras alianças

Na Alemanha, Bertelsmann aliou-se com a RTL **(RTL Plus)** esperando pela liberalização do mercado. Mas o grupo de imprensa **Springer** também acordou criando «**Sat 1**» com outros editores. Silvio Berlusconi lança ofensivas em Espanha, onde procura uma aliança com o jornal **El País**, e em França, onde encontrou um parceiro na pessoa de Jerome Saydoux. Mas a Hachette, a Companhia luxemburguesa de teledifusão (CLT) e Robert Hersant não estão dispostos a deixar escapar o bolo francês.

Essa formidável batalha pela conquista dos mercados nacionais parece relegar para segundo plano os grandes projectos europeus. Estes mantêm-se, no entanto, determinantes: ninguém esqueceu que as pressões económicas da televisão impõem produções ou compras de emissões a um nivel internacional. Assim, formam-se nos bastidores as primeiras alianças. O grupo Murdoch cria **Media International** com o banqueiro belga Albert Frère, principal accionista da CLT e convida a Hachette a reforçar essa união. Como reacção, a Havas inicia o diálogo com Bertelsmann. Por seu lado, Berlusconi procura obter uma economia de escala sobre os mercados italiano, francês e espanhol.

Ainda nem todas as cartas foram postas na mesa e a saída dessa batalha europeia fica indecisa enquanto não se conhece a sorte dos três mercados mais importantes: a Grã-Bretanha, a Alemanha e a França. Ora a resposta depende largamente da evolução política e regulamentar destes três países.

As hesitações dos governos

Pode, no entanto, notar-se um fenómeno bastante inquietante. Em nenhum desses três países os governos parecem estar em situação de dominar a confusão em curso, em proveito dos seus operadores e das suas indústrias nacionais de programas. Na Grã-Bretanha, a partilha do bolo publicitário entre doze sociedades privadas no seio do ITV, não permite a nenhuma delas adquirir um tamanho suficiente para fazer face ao desafio de Murdoch. Ora se o governo da senhora Thatcher autoriza a BBC a difundir publicidade, a situação económica ITV arrisca-se a degradar-se. Na Alemanha, a oposição radical sobre o futuro do audiovisual entre os democratas-cristãos e o partido social-democrata (que partilham entre si as Länder) reparte o mercado e, consequentemente, diminui as possibilidades de crescimento. Por fim, em França, o governo, apesar das medidas de ajuda à criação, parece dar a sua preferência a uma candidatura em que Berlusconi tem um peso determinante.

Essa situação paradoxal pode, ao fim e ao cabo, ser útil aos interesses americanos. Se nenhuma força de produção consequente pode desenvolver-se na Europa, Hollywood, senhora dos programas, continuará senhora do mercado. Murdoch compreendeu-o perfeitamente e investiu nos Estados Unidos comparando a **Twentieth Century Fox** e a **Metromedia.** Quanto a Berlusconi, está numa situação muito mais frágil visto que a maior parte da sua programação depende dos distribuidores americanos. Com 2,24 mil milhões de francos de dívidas num volume de negócios de 5 mil milhões de francos, o grupo italiano lançado num desenvolvimento muito ambicioso é uma presa fácil para os grandes grupo americanos.

A EUROPA DA COMUNICAÇÃO

Yves Agnes

Exclusivo Le Monde/«DL»

As fronteiras da comunicação explodem. As novas técnicas riem dos limites dos Estados e a exiguidade dos territórios do Velho Continente levam à criação de um mercado da dimensão da Europa.

A tomada de consciência opera-se sob a pressão de certos políticos – na comissão das comunidades europeias, no Parlamento de Estrasburgo – como sob a dos industriais do audiovisual e das telecomunicações,

Em segundo plano, uma formidável batalha económica e cultural: a resistência à colonização americana, ou o recuo. O desenvolvimento de um mercado da dimensão da Europa poderia sem dúvida permitir a eclosão de uma indústria da comunicação capaz de rivalizar com os concorrentes de além-Atlântico.

É esta a aposta. Em face deste desafio, os governos hesitam em encorajar abertamente estratégias plurinacionais ou francamente comunitárias. Os dados políticos próprios de cada país interferem nas escolhas, limitam as ambições.

As batalhas complexas das normas técnicas ou da harmonização das legislações também mostram a dificuldade da empresa. Mas o movimento acelera-se.

Rompem-se os velhos equilíbrios à volta das cadeias de serviço público. Os novos ainda são largamente problemáticos.

Este o enunciado de uma sérire de problemas que desenvolveremos nos próximos dias, num exclusivo «Le Monde/DL» sob o tema genérico de «A Europa da Comunicação».

Batalha por uma televisão sem fronteiras

Jean-François Lacan

Exclusivo Le Monde/«DL»

A primeira vista, a televisão europeia é uma ideia perfeitamente incrível. Como imaginar uma cadeia capaz de satisfazer várias centenas de espectadores de línguas e culturas diferentes. Como supor que um mesmo difusor possa arranjar uma passagem no dédalo dos regulamentos desse mosaico de Estados? Uma tal empresa seria de um don-quichotismo primário se não fosse a pressão dos imperativos económicos. Todas as cadeias de televisão, principalmente na Europa, são hoje confrontadas com a mesma realidade: uma inflação galopante dos custos de produção em face das receitas que, na melhor das hipóteses têm tendência para estagnar. Para escapar a essa contradição é necessário, ou reduzir os custos, ou alargar o mercado para além das fronteiras.

As cadeias nacionais escolheram a primeira solução organizando entre si sistemas de co-produção. Partilhando as despesas de grandes séries de ficção, elas compram mais baratos programas europeus de qualidade sem perder o domínio do seu próprio mercado. Mas as novas tecnologias agitam esta partilha amigável. O satélite, estando-se nas tintas para as fronteiras, as redes por cabo, importado das televisões estrangeiras, acabam por condenar o sistema das co-produções europeias. Poderá imaginar-se, por exemplo, a RAI italiana e a Antena 2, difundir ao mesmo tempo e no mesmo território a série **Cristovão Colombo**, que acabam de co-produzir?

O primeiro a explorar a segunda solução é o britânico Brian Haynes. Ao lançar em 1982 o Satelite Televisão, ele mostra que novos operadores podem contornar os monopólios nacionais difundindo por satélite um programa destinado às redes por cabo. Mas este mercado não se constrói num só dia: em 1985 só há 9 milhões de assinantes de cabo em toda a Europa. Segundo as previsões mais realistas eles serão 24 milhões em 1992.

Sete anos para obter uma massa de espectadores quase equivalente à de um país como a França! É preciso ser-se sólido para aguentar isto. Em 1984 Brian Haynes surge: **Sattelite Television** torna-se **Sky Channel**, comprada pelo magnate da imprensa australiana Rupert Murdoch que [illegible] se instalar na Grã-Bretanha onde também comprou o **Times**. Hoje o canal [illegible] perda de [illegible] milhões de dólares no seu último exercício.

Hollywood ataca

Compreende-se que [illegible] entusiasmo dos investidores potenciais. [illegible]

Exclusivo Le Monde/«DL»

[illegible] culdades económicas agudas, Thorn EMI pensa em se libertar e já vendeu 30% de **Music Box** ao grupo americano **Viacom.**

O peso das companhias «majors» americanas, nessa aventura, não é de desprezar. Elas também tentam fazer à sua maneira a televisão europeia. É certo que os grandes estúdios de Hollywood já estão presentes em todos os écrans do Velho Continente vendendo filmes e séries que ocupam um lugar cada vez mais importante nas programações. Mas os Americanos já não se podem satisfazer com essa simples relação comercial. As televisões europeias são consideradas, além Atlântico, como más pagadoras, utilizando a sua posição de monopólio para negociar os preços mais baixos. Sabe-se que o preço da dobragem de uma série americana representa uns 60% do preço de compra, por uma televisão francesa e fica a cargo do vendedor americano ou do seu representante?

Perante a modéstia destas receitas e a queda brutal da frequência das salas de cinema, Hollywood decide, a partir de 1983, passar à exploração directa dos seus programas na Europa. Os grandes estúdios agrupam-se em dois consórcios contribuintes nas redes por cabo. Na Grã-Bretanha associam-se com **Thorn EMI** e **Robert Maxwell**, na Alemanha, com **Bertelsmann**, na Holanda com um agrupamento de editores locais. Em França eles procuram entrar no capital de **Canal Plus**.

A Europa das televisões irá ser federada pelos americanos? Essa hipótese era a mais provável até há poucos meses. Pois não detinha Hollywood a matéria-prima, os programas e a força financeira? Mas o ano de 1985 faz aparecer brutalmente num novo dado: a desordem geral da paisagem audiovisual europeia. Em França anunciam-se redes privadas. Em Espanha o monopólio está condenado a curto prazo. Na Alemanha vacila sob as iniciativas dos Lander controladas pelos democratas cristãos. Na Grã-Bretanha a partilha do mercado entre a BBC e a televisão independente é reposta em causa pelas dificuldades financeiras da televisão pública. Na Bélgica, a RTL e a **Sky Channel** enfrentam um mercado publicitário [illegible]. Sem esquecer a Itália [illegible] três cadeias privadas de Silvio Berlusconi.

Perante esta [illegible] estratégia dos grandes [illegible]. Cada um centra-se [illegible] Murdoch não esconde a [illegible] Sky Channel [illegible] ITV que **Super Channel** [illegible] mesmo espírito.

Primeiras alianças

Na Alemanha, Bertelsmann aliou-se com a RTL (**RTL Plus**) esperando pela liberalização d[illegible]

mercado. Mas o grupo de imprensa **Springer** também acordou criando «**Sat 1**» com outros editores. Silvio Berlusconi lança ofensivas em Espanha, onde procura uma aliança com o jornal **El País**, e em França, onde encontrou um parceiro na pessoa de Jerome Seydoux. Mas a Hachette, a Companhia luxemburguesa de teledifusão (CLT) e Robert Hersant não estão dispostos a deixar escapar o bolo francês.

Essa formidável batalha pela conquista dos mercados nacionais parece relegar para segundo plano os grandes projectos europeus. Estes mantêm-se, no entanto, determinantes: ninguém esquece que as pressões económicas da televisão impõem produções ou compras de emissões a um nível internacional. Assim, formam-se nos bastidores as primeiras alianças. O grupo Murdoch cria **Media International** com o banqueiro belga [illegible], principal accionista da CLT e com [illegible] Hachette [illegible] Berlusconi procura [illegible] mercados italiano [illegible].

Ainda nem todas as cartas foram postas na mesa e a saída desta batalha europeia fica indecisa enquanto não se esclarece a sorte dos três mercados mais importantes: a Grã-Bretanha, a Alemanha e [illegible]. E a resposta depende largamente d[illegible] regulamentar destes três países.

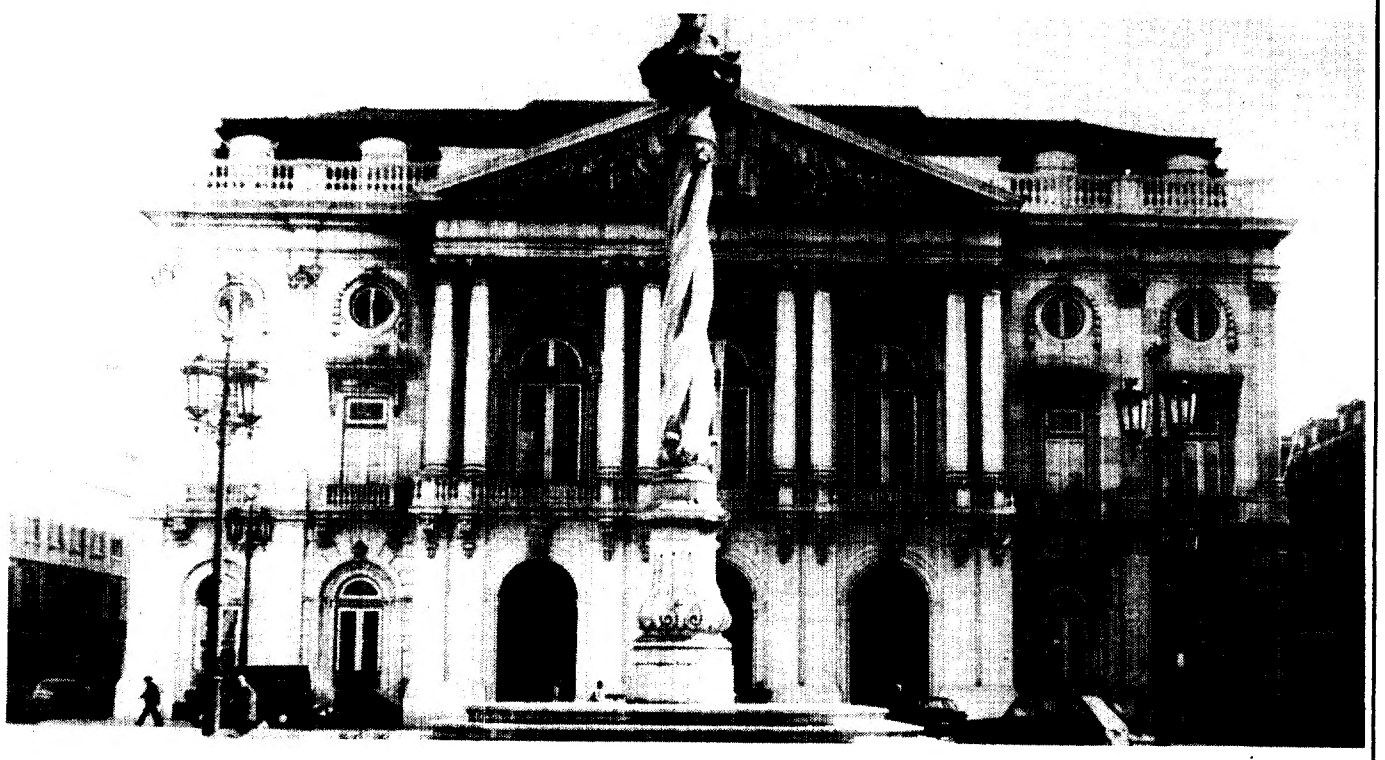
As hesitações dos governos

[illegible] Em nenhum desses três países os governos parecem estar em situação de dominar a confusão em curso, em proveito dos seus operadores e das suas indústrias nacionais de programas. Na Grã-Bretanha, a partilha do bolo publicitário entre doze sociedades privadas no seio do ITV, não permite a nenhuma delas adquirir um tamanho suficiente para fazer face ao desafio de Murdoch. Ora se o governo da senhora Thatcher autoriza a BBC a difundir publicidade, a situação económica ITV arrisca-se a degradar-se. Na Alemanha, a oposição radical sobre o futuro do audiovisual entre os democratas cristãos e o partido social democrata (que partilham entre si a Länder) reparte o mercado e, consequentemente, diminui as possibilidades de crescimento. [illegible] em França o governo, apesar das medidas [illegible] Berlusconi [illegible] determinante.

[illegible] Murdoch [illegible] **Twentieth Century Fox** e **Metromedia** [illegible]

Autarquias e aprofundamento da democracia

Blasco Hugo Fernandes



De há uns dez anos a esta parte a situação económica e social do nosso país tem-se vindo a degradar em ritmo acelerado, colocando a população, principalmente das fracções vivendo do seu salário ou fundamentalmente dos rendimentos provenientes do seu trabalho, num crescendo de mal-estar, de insegurança no presente e no futuro, de carências várias, de insatisfação das necessidades básicas a que, a curta distância do final do século XX, legitimamente se aspira neste continente europeu. Cresce a inflação, os salários não acompanham o aumento do custo de vida, avoluma-se o desemprego sobretudo entre os trabalhadores jovens; parte dos estudantes vê inviabilizado o seu acesso às escolas e estas já pela sua escassa rede já pela carência de condições não correspondem às exigências actuais do ensino; o parque habitacional é insuficiente por um lado e degrada-se por outro, anunciam-se elevados aumentos das rendas de casa; deterioram-se as já de si precárias estruturas de assistência médica e sobem galopantemente os preços dos medicamentos; procura-se instabilizar a vida dos trabalhadores com a liberalização dos despedimentos e tenta-se anular as liberdades fundamentais através da lei de segurança interna; no outono da sua vida, os reformados e pensionistas depois de uma vida árdua de trabalho dispõem de pensões de miséria que mal chegam para fazer frente às necessidades mínimas do seu quotidiano, etc. Significa todo este rosário, não de lamentações mas de negras realidades atentando contra o desevolvimento do ser humano em plenitude, que no último decénio o País — quem teve a responsabilidade de o conduzir — se afastou dos caminhos de Abril, do seu sonho, da sua filosofia, do seu programa, enfim, dos seus objectivos.

Dificultou-se (tem-se dificultado) por todos os meios o êxito das experiências e das iniciativas realizadas no espírito e em coerência com Abril de modo a evitar que elas pudessem (possam) constituir aos olhos da população portuguesa a alternativa à crise económica, social e cultural que se estava (tem-se estado) a viver. Nesse sentido se contrariou que uma política económico-social verdadeiramente nacional se implantasse, sintonizada com as aspirações, os valores e as potencialidades da população e do País. Optou-se, ao invés, por uma política monetarista norteada única e essencialmente pela rendibilidade do capital financeiro. Os resultados produziram-se e vierm à superfície, como anteriormente se mencionou.

A mudança necessária

Não se registaram até hoje modificações essenciais na cena política ao nível das estruturas de decisão para que se possam vislumbrar, na sequência da sua actuação, situações diferentes das que se citaram precedentemente. Fachadas diferentes dos edifícios não se traduzem necessariamente em alterações do seu conteúdo. Alguma coisa pode mudar por fora para que tudo fique na mesma por dentro: a filosofia e a fórmula política dirigindo actualmente os destinos da nação portuguesa garantem a continuidade dos propósitos político-sociais e culturais que se foram afirmando ao longo desta última década: a marginalização dos anseios, dos interesses e das estuturas sociais contracenando com orientações, facilidades e concessão de meios favorecendo o grande capital privado. Pelas razões apontadas, ou melhor dizendo, pela falta de identificação dessa política com os interesses nacionais de capacidade de resposta aos problemas reais da sociedade lusa e da grande maioria dos portugueses, corporiza-se cada vez mais a ideia da indispensabilidade de uma outra qualidade de crescimento e de desenvolvimento económico onde se introduzam, se aprofundem e/ou se generalizem mais adequadas reformas estruturais, perspectivando uma efectiva participação e controlo democrático do poder e uma gestão social da economia. A crise não é meramente económica mas antes de tipo de desenvolvimento: propostas conservadoras e neo-liberais são incapazes de a enfrentar, o caminho certo e eficaz é o que conduz a uma efectiva programação democrática.

O geral e o local

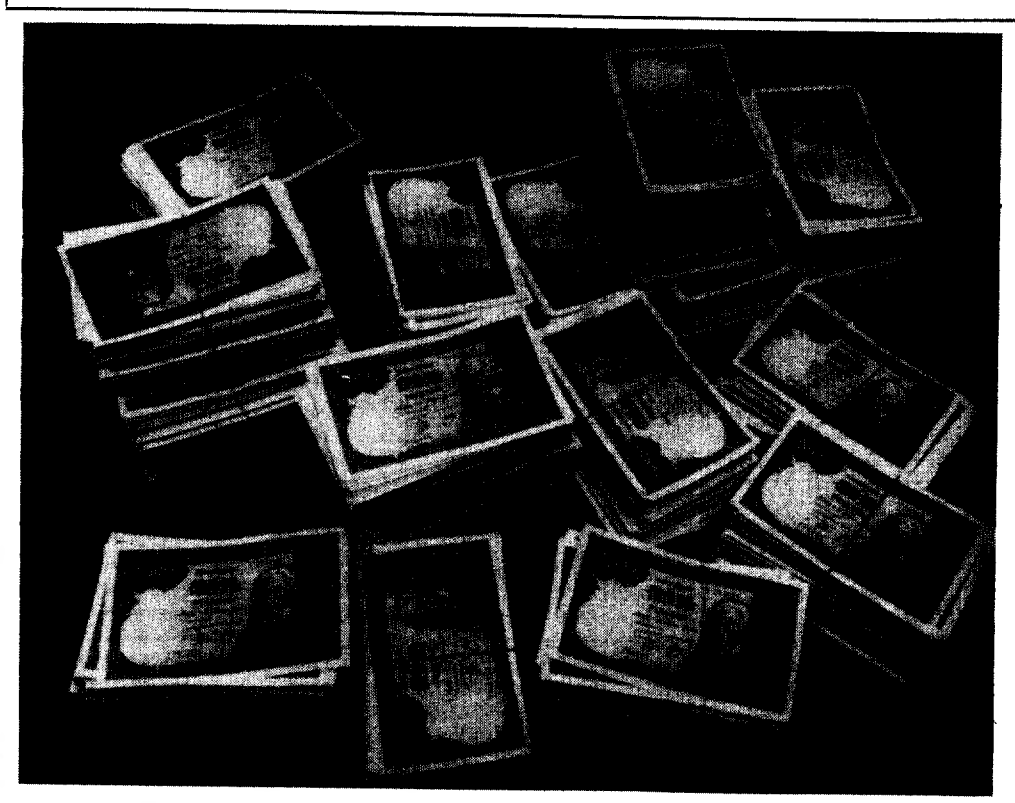
Eloquentes e significativas são neste aspecto as experiências (e as potencialidades) no plano local. Os órgãos autárquicos constituem estrutura onde os problemas brotando ao nível do respectivo horizonte geográfico se podem resolver com maior justeza técnico-económica e justiça social. Com efeito, eles têm a capacidade, limitada embora, de contribuir de algum modo para atenuar e combater algumas injustiças sociais e desequilíbrios socioculturais ocorrendo nesse espaço. Constituem, por outro lado, parcelas do território e da sociedade onde, no contacto estreito com o ambiente natural e social, facultando uma mais justa avaliação dos recursos disponíveis e das vocações regionais, se permite formar e desenvolver a consciência social do País. Razão esta pela qual as autarquias se acham em boas condições para exprimir com maior exactidão as necessidades e aspirações das populações e, em última instância, para exercer influência sobre o conteúdo e o curso político nacional, e concorrer por essa forma para lhe mudar o sentido, dada a relação dialéctica existente entre os fenómenos gerais e locais, entre a política nacional e a regional.

O exercício desta dupla qualidade dos órgãos de poder local — a de terreno de auscultação da opinião e do sentir criador das populações, por um lado, e a de escola de formação dos cidadãos nas regras de vivência da democracia e na luta pelo seu aprofundamento, por outro — condiciona-se à existência real de uma direcção e orientação identificadas com tal concepção de sociedade. E, naturalmente, com uma composição que na sua globalidade ou predominância seja capaz de estender e de actuar em consonância com Raul Proença (**Antologia-1**, Ministério da Cultura, 1985, pág. 114), para quem a democracia é, muito mais do que uma forma de sufrágio, uma maneira particularíssima de conceber as relações entre o indivíduo e a colectividade»

Estabelecendo confrontos entre as diversas situações desenroladas no nosso país nos últimos anos, nesta área da vida sociopolítica, verifica-se com relativa facilidade que existem forças e/ou pessoas agindo em coerência com aquele princípio básico da democracia moderna, consagrado, aliás na Constituição da República Portuguesa. Configuram-se desse modo como ponto de referência fundamental para a adequada resposta aos anseios das populações e para o combate para a resolução dos seus problemas no plano regional e local.

Simultaneamente fazem obstrução ao agravamento da situação socioeconómica e cultural decorrente das decisões centrais, criando um espaço, que tendencialmente se amplia, onde se consciencializa a alternativa democrática para a crise económica e sociocultural que mina actualmente o País.

O reforço do seu peso e das suas posições traduz-se, por esse facto, na consolidação do poder democrático a nível local, promovendo ao mesmo tempo uma mais ampla participação dos cidadãos na discussão e solução dos problemas da vida nacional — condição indispensável para o aprofundamento da democracia política e da sua generalização a todo o território nacional.



Enquanto o dólar desce

Carlos Amado Reis

Quando o dólar subia, até perto do final de Fevereiro de 1985, essa subida era invocada para explicar a elevação dos preços em Portugal; mas o dólar passou a descer, e os preços continuam a subir...

Ao cabo de uma prolongada ascensão, o dólar atingiu em 26 de Fevereiro a cotação de 3,45 marcos, a que então correspondiam 185 escudos; então, aqueles que podiam actuar actuaram, e o dólar passou a descer.

Não se trata de uma descida contínua, mas de oscilações, com períodos de descida e períodos de subida, com um tendência predominantemente descendente. Em 26 de Novembro o dólar cotava-se a 2,56 marcos, a que correspondiam cerca de 160 escudos. Em 9 meses o dólar desvalorizou-se 28,4% em relação ao escudo.

A descida prosseguirá?

Desde que o dólar se separou do ouro a sua evolução tornou-se cada vez mais dependente de factores psicológicos. Na base dos factores psicológicos estão interesses, mas também podem estar equívocos. É por vezes muito difícil prever o comportamento humano, e por isso a evolução monetária; mas na medida em que os comportamentos com interesse para o caso são previsíveis, é de esperar que daqui a alguns meses o dólar se encontre, face à libra e ao marco, menos cotado do que actualmente. É de esperar que o dólar se debata com dificuldades durante muito tempo, talvez até uma grande crise; mas por enquanto os países com maior influência na cotação do dólar não vão querer precipitar os acontecimentos. A crise previsível poderá demorar alguns anos, se os estrangeiros em relação aos Estados Unidos não se apressarem a levantar os seus depósitos nos bancos norte-americanos.

Quanto ao nosso escudinho, tem-se valorizado um pouco em relação ao dólar mas tem continuado a desvalorizar-se em relação a outras importantes unidades monetárias; a referida desvalorização não justifica, porém, a recente subida de preços, que vem acrescentar-se a outas já ocorridas este ano.

A maior parte das nossas importações, com destaque para o petróleo, são pagas em dólares; mas se o dólar sobe os preços sobem, e se o dólar desce os preços também sobem...

Embora haja oposição interna

MDP/CDE decidiu apoio a Zenha

O MDP/CDE decidiu ontem apoiar a candidatura à Presidência de Salgado Zenha, durante um Encontro Nacional que se realizou em Lisboa. É o segundo partido, depois do PRD, a manifestar a sua concordância com a candidatura do antigo dirigente socialista mas não se sabe, por enquanto, se à semelhança do que aconteceu com o partido eanista também existirão lugares reservados para o MDP na Comissão Política do ZAP.

Para o MDP/CDE, a candidatura de Zenha «é a única capaz de derrotar as candidaturas de Mário Soares e de Freitas do Amaral», segundo explicou o presidente do partido, José Manuel Tengarrinha, durante uma conferência de Imprensa ontem realizada. E precisou, também, serem aquelas duas as «candidaturas da direita».

O apoio a Zenha obteve o voto maioritário dos 250 delegados das distritais presentes no Encontro, mas as estruturas concelhias de Braga, Guimarães, Famalicão e Figueira da Foz optaram pela candidatura de Maria de Lurdes Pintasilgo.

Estas decisões do Encontro, segundo Tengarrinha, seguiram-se a três semanas de intenso debate político, uma vez que «elementos do partido, até mesmo ocupando posições de relevo apoiavam a candidatura de Lurdes Pintasilgo».

«A opção tomada neste Encontro, disse Tengarrinha, não ignora que elementos do partido, antecipando-se às decisões deste órgão, tomaram já posições de apoio à outra candidatura do campo democrático, a da eng. Maria de Lurdes Pintasilgo», diz o documento aprovado no Encontro. Mas «verificando embora a precipitação com que tais atitudes foram tomadas, o MDP/CDE manifesta a sua convicção de que tais posições, assumidas a título individual, não afectarão a unidade do partido para reunir esforços no sentido de derrotar os candidatos da direita e garantir a vitória de um candidato de convergência democrática».

José Manuel Tengarrinha, interrogado sobre as opções do MDP se Zenha não passasse à segunda volta, disse que caso se verificasse, essa hipótese «longínqua», «Maria de Lurdes Pintasilgo seria a única candidata da área democrática».

O presidente do MDP acrescentou que o seu partido não apoiou a candidatura de Ângelo Veloso, apresentada pelo seu parceiro na coligação da APU, por o candidato comunista ser «partidário e não apresentar condições para uma ampla convergência democrática».

Entrevista

Hoje de manhã, no «Diário de Notícias», Zenha afirma que Freitas do Amaral e Mário Soares têm a mesma concepção de partidarização das eleições presidenciais, um liderando «uma congregação partidária e, do outro lado, outro pólo político idêntico».

Zenha acusa estes dois candidatos de pretenderem que a eleição presidencial se processe por via indirecta, no Parlamento.

Falando noutro passo da entrevista, dos debates da TV, disse que eles «entre mim e o dr. Freitas do Amaral são úteis... São, em meu entender, as duas concepções que se contrampõem de modo claro. O dr. Freitas do Amaral é aquele que eu considero como meu contraponto político nestas eleições».

Problema de 1700 mil votos

"Simpatia e voluntarismo não garantem a vitória"

— diz Cunhal sobre presidenciais

«Está em curso uma operação de desviar votos do PSD para Mário Soares, para tentar garantir que ele vá à segunda volta com Freitas do Amaral e impedir assim que passe um candidato da democracia», considerou Álvaro Cunhal, em Azeitão, a propósito da recente deslocação do ex-primeiro-ministro à Madeira, onde foi homenageado por João Jardim.

O secretário-geral do PCP, que participou na Casa do Povo de Azeitão num almoço-convívio com cerca de 400 pessoas, falou ainda da necessidade de convergência de três sectores fundamentais para eleger um candidato da democracia: movimento operário, sector eanista e sector do PS que não aceita Mário Soares.

«Não é o voluntarismo e a simpatia que podem garantir esta vitória» — disse ainda, para acrescentar que «não é apenas com um destes sectores que se consegue ganhar, porque é necessário fazer contas e pensar de onde vêm os três milhões de votos necessários para ganhar à segunda volta e, antes disso, pensar que à primeira volta são necessários não menos de 1700 mil votos».

Ainda sobre o candidato a apoiar pelo PCP (Zenha ou Pintasilgo) frisou que a questão não está em «definir qual deles é o melhor, mas antes saber qual deles consegue a convergência dos três sectores indispensáveis para ganhar».

O PRD nas autárquicas

Sobre as autárquicas disse que a «batalha é difícil», mas que a APU «não vai mal encaminhada». Criticou, uma vez mais, a participação do PRD em autarquias onde a APU tem a maioria «na medida em que pode facilitar a vitória da coligação de direita» e porque «tampouco serve o PRD, pois vai receber uma votação muito mais baixa do que a de 6 de Outubro».

«O melhor que podia fazer este partido — acrescentou Álvaro Cunhal — era considerar e voltar à opinião que defendeu inicialmente: não concorrer às autarquias onde houvesse uma gestão séria e competente».

Governo: «dias contados»

Ontem, em Grândola, e referindo-se à actual situação política, Álvaro Cunhal responsabilizou o PRD pela manutenção do actual Governo em funções, Governo que considerou «os dias contados».

A propósito das eleições presidenciais, Cunhal apelou de novo à convergência de votos num só candidato democrático, com o objectivo declarado de afastar de Belém, quer Mário Soares, quer Freitas do Amaral.

Recomendando votos em Freitas ou em Soares

PSD/Madeira desiste da abstenção

O PSD da Madeira poderá recomendar aos seus militantes o voto em Freitas do Amaral ou em Mário Soares, alterando assim posição anterior que defendia a abstenção do eleitorado madeirense nas eleições presidenciais.

A Comissão Política Regional dos sociais-democratas reúne-se na próxima quinta-feira e em função da apresentação da candidatura de Salgado Zenha, apoiada pelo PCP, deverá mudar a sua posição, disse à Anop uma fonte do PSD no Funchal.

O comunicado saído dessa reunião, já convocada por Alberto João Jardim, deverá ser suficientemente explícito acerca da posição a adoptar pelo PSD, disse a mesma fonte, a qual salientou também que não haverá apoio expresso a nenhum candidato presidencial mas antes os eleitores ficarão livres de votar num «dos candidatos da área democrática».

Anteriormente, a CP do PSD/Madeira defendia a abstenção, à revelia das estruturas nacionais do partido, porque o PSD não apresentou uma candidatura própria e defensora da mudança do sistema político-constitucional.

Eurico de Melo

Entretanto, falando sobre as presidenciais em Santarém, o ministro de Estado, Eurico de Melo, afirmou que os votos em Mário Soares são votos perdidos porque o líder socialista «não tem hipóteses, sequer, de passar à segunda volta».

De Freitas do Amaral disse ser «uma pessoa com perfil de homem de Estado, cuja ideia que tem de Estado se harmoniza perfeitamente com a nossa».

Depois de salientar que Freitas deverá ganhar à primeira volta, admitiu que no caso de segunda volta, «há se um adversário que nós temos de vencer, principalmente quando aceita de muito boa alma os votos e apoio do Partido Comunista».

Hermínio Martinho:

Deixar Cavaco "governar até ver..."

O PRD vai deixar o Executivo de Cavaco «governar até ver...», declarou Hermínio Martinho, durante a visita de dois dias que fez a Castelo Branco. O presidente do PRD aludiu aos recentes aumentos de preços lembrando que o ministro que os anunciou afirmara, enquanto membro do Gvoerno PS/PSD a hipótese de «reduzir esses mesmos preços».

Acrescentou que o seu partido não irá inviabilizar o Governo de Cavaco Silva, mas antes julgá-lo no final, pelos actos que vier a praticar.

«Zenha vai ganhar»

Hermínio Martinho referiu-se também ao apoio do PRD a Salgado Zenha, considerando que este é o candidato que «vai ganhar e que melhor pode prosseguir o trabalho desenvolvido na Pesidência da República por Ramalho Eanes».

Sublinhou porém que o PRD «não vai hostilizar o eleitorado de Maria de Lourdes Pintasilgo ou de Mário Soares». Sobre uma «alegada colagem do PCP a Salgado Zenha», comentou que «o PRD não tem rigorosamente nada a ver com o PCP».

«Já se previa que, fosse qual fosse o candidat apoiado pelo general Eanes, o PCP iria tazer todos os possíveis para o apoiar» — disse, acrescentando que esse apoio «não deve ser motivo de qualquer especulação».

Afirmou ainda que a adesão efectiva de Ramalho Eanes ao PRD só se verificará após a conclusão do mandato como Presidente da República, prevendo-se que aconteça no primeiro trimestre de 1986.

Autárquicas e irregularidades

Aludiu também à participação dos renovadores nas eleições autárquicas, dizendo que «não se esperava de início que o PRD fosse concorrer a tantas câmaras».

Explicou que o gabinete de estudos previa a princípio a apresentação de candidaturas a entre 50 e 80 câmaras, tendo o PRD apresentado listas em 116 edilidades.

Instado a pronunciar-se sobre as alegadas falsificações de assinaturas nas listas de candidaturas a autarquias, nomeadamente a de Lisboa, Hermímio Martinho disse que «os erros que se cometem são sempre prestígio no futuro, quando assumimos, e o PRD assuniu-os».

Entretanto, o inquérito mandado instaurar pelo Conselho Directivo do PRD às irregularidades na apresentação do processo de candidatura às eleições autárquicas em Lisboa deverá estar concluído até ao final da próxima semana, indicou ontem uma fonte dos renovadores democráticos.

MASP tem mais sedes

Soares adverte para o perigo da divisão da esquerda

Mário Soares recebeu no fim-de-semana o apoio de José Cutileiro e do presidente da Câmara de Castelo Branco, o social-democrata César Vilafranca. Soares deslocou-se durante dois dias ao Alentejo e à Beira, para proceder às cerimónias protocolares de inauguração das sedes da sua candidatura em Setúbal, Évora, Beja, Portalegre e Castelo Branco.

«O maior perigo que se coloca à esquerda portuguesa é a sua divisão, que se tornará radical, definitiva e perigosíssima se a corrente da esquerda totalitária, que nunca desarmou, conseguir obter agora influência predominante, hegemonizando — como parece — o processo da candidatura que apoia», afirmou Soares em Setúbal, no sábado, depois de ter estado em Beja, Évora e Portalegre.

«Não sou um candidato de direita, garantiu também, interessado num bloco de direita. Não me finjo independente, nem saí do PS para me disfarçar de independente. Serei um Presidente isento como fui um Primeiro-Ministro de Portugal e não para beneficiar o PS, antes pelo contrário».

Ainda na mesma cidade, Soares disse conhecer o medo com que muitas famílias olham o futuro. «Sou um candidato à Presidência da República para responder a esse medo e desafio qualquer outro candidato a apresentar provas mais claras de garantia da democracia pluralista, de respeito pela alternância e de submissão às indicações do eleitorado», disse a propósito Mário Soares.

«O Presidente da República, afirmou também, não pode ser um personagem neutral e não pode capitalizar o seu prestígio como conta a prazo em que só se mexe depois de deixar de ser Presidente».

Em Évora, o escultor José Cutileiro compareceu na sede distrital do MASP, tendo na ocasião trocado um abraço com o ex-Primeiro-Ministro.

Em Castelo Branco, ontem à tarde, foi o presidente da câmara local, o deputado social-democrata César Vilafranca que assistiu à inauguração da sede do MASP, reunindo-se depois durante dez minutos a sós, com o candidato. Não foi revelado o conteúdo da conversa entre os dois políticos, mas a simples presença do autarca beirão foi interpretada como manifestação de apoio à candidatura de Soares à Presidência.

Nesta cidade, Mário Soares falou sobre o que entende sobre a actividade do Presidente da República. Ele «deve ter cuidado em não ser um elemento perturbador do regime democrático, nem fundo permanente de instabilidade do funcionamento dos outros órgãos de soberania». E acrescentou que ele «terá de ajudar os órgãos de soberania, sendo um animador de consensos e inspirador dos grandes desígnios nacionais».

Instado a pronunciar-se sobre a candidatura de Salgado Zenha, disse que o seu ex-camarada de partido está a «prosseguir uma política anti-Partido-Socialista».

Apoio das MS

Entretanto, na passada quinta-feira, as Mulheres Socialistas, organização do PS liderada por Beatriz Cal Brandão, emitiu um comunicado em que manifesta «total repúdio pela divisão da esquerda democrática, habilmente porgramada pelo PCP e pelo «staff» do MFA e do Presidente da República, com o aparecimento serôdio da candidatura de Salgado Zenha».

As MS defendem o apoio ao «único candidato da esquerda democrática», Mário Soares, classificado como homem a abater para o PSD e para o PCP.

Soares com Vilafranca em Castelo Branco

HABILITANDO-SE NA
LOTARIA DA PADROEIRA

Em 1640, Portugal reconquistou a independência.
Em 1646, D. João IV, para celebrar o acontecimento, proclamou Nossa Senhora da Conceição Padroeira de Portugal.

Não perca a Lotaria da Padroeira

Lotaria Nacional-mais fácil ganhar

Dia 6 de Dezembro anda a roda.

Vindo de Cabo Verde

Incentivar componente africana após a adesão ao Mercado Comum

— propõe Presidente Ramalho Eanes

«Portugal tem todo o interesse em incentivar a sua política externa de componente africana depois da adesão à CEE», sublinhou o Presidente da República à sua chegada ontem a Lisboa, no final de uma viagem oficial à República de Cabo Verde.

O Chefe de Estado português, que visitou Cabo Verde durante quatro dias, a convite do presidente Aristides Pereira, considerou que Portugal deve «melhorar e intensificar a sua acção nos campos da cultura, da investigação científica e tecnológica e também no campo económico».

«Os empresários e agentes económicos portugueses saberão encontrar formas de dinamizar a cooperação económica entre os dois países», disse Eanes, para sublinhar depois a necessidade de promover nos países africanos de expressão oficial portuguesa a língua e cultura portuguesas.

A cooperação com Cabo Verde pode ser «progressiva e multiplamente vantajosa» disse Eanes, realçando que os dirigentes cabo-verdianos «têm sabido ultrapassar as sequelas da descolonização».

«Passados 10 anos sobre a independência de Cabo Verde, os dois países mantêm laços que nem as vicissitudes históricas puderam destruir», disse.

Integravam a delegação que acompanhou o Chefe de Estado a Cabo Verde o chefe da Casa Militar da Presidência da República, o ministro dos Negócios Estrangeiros e os directores gerais da cooperação e Negócios Políticos daquele ministério.

«Saio de Belém insatisfeito»

Entretanto, no decorrer da conferência que antecedeu a sua partida para a Cidade da Praia, Eanes disse — em resposta à pergunta de um jornalista local sobre os seus dez anos de mandato em Belém — que não saía satisfeito da Presidência da República.

«Muito mais se poderia ter feito, mas penso que esta insatisfação existe em toda a gente que passa por responsabilidades semelhantes. Sei, no entanto, que parto com objectivos considerados fundamentais realizados» — sublinhou.

«Encontramos soluções não as melhores, por vezes, mas que constituem o patamar de onde podemos partir em busca de outras», afirmou ainda o PR, salientando a institucionalização da democracia e da tolerância políticas como exemplo alcançado.

Sobre a área económica, considerou que os resultados não são tão brilhantes mas que «no percurso de aprendizagem e esclarecimento percorrido, sabemos hoje o que somos e que nem todas as soluções nos servem».

Eanes só aceitou falar sobre questões portuguesas, segundo disse, por a pergunta ter sido feita por um jornalista cabo-verdiano, tendo já anteriormente recusado responder a uma questão de índole partidária.

Dificuldades para Unita e Renamo

Quando o ministro cabo-verdiano dos Negócios Estrangeiros, Silvino da Luz, que também participava na conferência, foi interrogado sobre se tinha inferido do discurso do Presidente português ao Parlamento da Praia, que Portugal ia proibir a curto ou a médio prazo as actividades da Renamo e da Unita no território lusitano, Eanes chamou a si a pergunta.

O Presidente disse que as suas palavras «valiam pelo que ficou dito», e referiu a posição do governo anterior face a um parecer da Procuradoria-Geral da República sobre a matéria, e as recentes declarações do Primeiro-Ministro por altura da visita a Portugal do presidente Pinto da Costa de São Tomé.

Silvino da Luz limitar-se-ia a dizer que o Governo cabo-verdiano partilhava da opinião expressa pelo Presidente português.

Respondendo a uma pergunta sobre se Portugal encarava o corte de relações diplomáticas com a África do Sul, Eanes respondeu: «Não temos o direito moral nem político de cortar relações com Pretória dado o número enorme de portugueses que ali vive».

Aludindo noutro passo ao convite já aceite para o ministro dos Negócios Estrangeiros Pires de Miranda visitar Angola, Eanes considerou que tal «traduz a disponibilidade de Luanda para se intensificar o diálogo entre os nossos dois países».

Função do PR não é governar

— diz Freitas do Amaral

«Não compete ao Presidente da República governar, mas dar aos governos condições para governar», declarou Freitas do Amaral durante o almoço promovido no Montijo, pelo núcleo local de apoio à sua candidatura à Presidência.

A instabilidade governativa não permite uma boa administração, nem gera confiança nos agentes económicos e nos parceiros sociais — diria ainda a propósito o candidato a Belém aos cerca de 700 participantes no almoço, frisando que um PR deve gerar condições de estabilidade, confiança e segurança.

Na primeira parte do seu discurso, Freitas do Amaral sublinhou o significado da restauração da independência de Portugal em 1640.

«O Primeiro de Dezembro evoca, acima de tudo, a capacidade de exprimir a autonomia da vontade nacional, essa vontade que é um pressuposto da independência da Pátria, mas é também a fonte de energia política capaz de animar um projecto de regeneração nacional, de vencer a crise e de constituir um País mais unido, uma Pátria mais forte, uma Nação mais próspera e uma comunidade mais fraterna», afirmou o candidato.

Tarzan Taborda apoia CDS

O antigo campeão de luta-livre, «Tarzan Taborda» apoia os candidatos do CDS à Câmara Municipal de Penamacor, anunciaram fontes dos centristas.

«Agora é que vamos lutar pela câmara», comentou o candidato centrista à presidência da Câmara de Penamacor e ex-deputado do CDS, Cunha Simões, quando «Tarzan Taborda» lhe manifestava o seu apoio. Taborda é natural do concelho de Penamacor.

Leornardo Ribeiro de Almeida em Bruxelas

O ministro da Defesa, Leonardo Ribeiro de Almeida, encontra-se desde ontem em Bruxelas, onde participa na reunião bi anual da NATO, que hoje se iniciou.

Em declarações à Imprensa à partida de Lisboa, Ribeiro de Almeida disse que «se trata de uma reunião formal de ministros da Defesa dos países membros da Aliança Atlântica, onde serão debatidos problemas de segurança no âmbito da NATO».

Ribeiro de Almeida participará nas sessões de trabalho do Eurogrupo e da Comissão dos Planos de Defesa da NATO e encontrar-se-á com o secretário-geral da NATO, Lorde Carringhton.

O titular da pasta da Defesa tem também previsto um encontro com o secretário de Estado norte-americano da Defesa, Caspar Weinberger.

Participa também na reunião da NATO o chefe de Estado-Maior-General das Forças Armadas Portuguesas, general Lemos Ferreira.

Pintasilgo realça independência da sua candidatura

«A minha candidatura é a única verdadeiramente independente, pois não dependeu de nenhum padrinho, messenas, partido, negócio ou compromisso às claras ou às escuras, mas sim da vontade dos portugueses», voltou a frisar sábado a candidata Lourdes Pintasilgo — uma afirmação em que vem insistindo desde a aparecimento da candidatura Zenha.

A candidata à Presidência da República falava no Porto, no primeiro de uma série de colóquios que o «Jornal de Notícias» vai organizar com todos os candidatos presidenciais.

«O Presidente da República deve ser uma emergência do pensar de hoje da sociedade portuguesa, de modo a poder equacionar os grandes problemas nacionais».

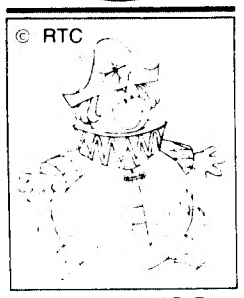
Lourdes Pintasilgo disse ainda que a sua candidatura corresponde a um imperativo que nasceu da confiança dos patriotas e de uma unidade colectiva que deverá ser «guia e horizonte para se alcançar um projecto nacional».

Maria de Lourdes Pintasilgo afirmou, também, que o futuro Presidente da República não pode entrar em «guerras partidárias ou incestos políticos».

NOME .....

Idade ..... Profissão .....

Morada .....



Localidade .....

Cod. Postal ..... Telefone .....

Freguesia .....

Concelho .....

Tem televisor ? ..... N.º Licença .....

concurso RTP

ACOMPANHANTE .....

..... Parentesco ou relação .....

Idade ..... Profissão .....

IMPORTANTE: Preencher em letras maiusculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso Um, Dois, Três, Apartado 4315 – 1508 Lisboa Codex.

arco iris

concurso RTP

NOME _____ IDADE _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____ COD. POSTAL _____

TELEFONE _____

2.º ELEMENTO NOME _____ IDADE _____

3.º ELEMENTO NOME _____ IDADE _____

ADIVINHA _____

Para impedir o desbaste indiscriminado e aleatório

Seis Câmaras têm pinheiros a preços simbólicos

As circunscrições florestais portuguesas vão pôr à venda, a «preços simbólicos», pinheiros de Natal provenientes de «cortes oportunos, tecnicamente equilibrados», confirmou um membro da Comissão para as Comemorações do Ano Internacional da Floresta.

Os pinheiros serão recolhidos pelos serviços das seis circunscrições florestais existentes (Vila Real, Porto, Viseu, Coimbra, Lisboa e Évora) e entregues às câmaras municipais correspondentes, que os venderão, tanto ao público, como aos «agentes económicos», ao preço simbólico de 50 escudos.

As árvores de Natal estarão numa acção que se repetirá todos os anos.

Cândido Igrejas, membro da Comissão para as Comemorações do Ano Internacional da Floresta, decretado pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), disse à ANOP que esta acção, denominada «A Árvore de Natal e a Floresta», deverá levar os «agentes económicos a comprarem os pinheiros directamente às câmaras municipais».

«Estas árvores, além de provirem de «desbastes culturais», que não prejudicam a floresta, serão postas à disposição, tanto do grande público, como dos agentes comerciais, a preços idênticos e em quantidades superiores às necessidades do mercado», disse Cândido Igrejas.

Para este responsável da Comissão das Comemorações do Ano Internacional, esta medida «levará os agentes económicos a abandonarem o abate de pinheiros pois poupam em transporte e em mão-de-obra»: as árvores encontram-se já cortadas e concentradas num local determinado».

Numa fase posterior, esta comissão pertende fazer aprovar legislação que vede às câmaras a concessão de licenças aos intermediários que pretendam vender pinheiros que não tenham sido cortados pelas circunscrições florestais.

No final da semana passada, estudantes finalistas do Instituto de Agronomia difundiram um comunicado em que anunciaram que irão também fazer um desbaste, com a colaboração e a orientação da Administração Florestal de Sintra, com a finalidade de obter pinheiros de Natal, os quais serão postos à venda na Tapada da Ajuda.

A venda de «pinheiros a preços sombólicos» deverá realizar-se em todas as câmaras-sede das ciscunscrições referidas, até ao dia 15 de Dezembro.

Em Vila Real, a partir do dia 10, as árvores estarão à venda no mercado municipal. No dia 12 o mesmo acontecerá no Porto.

A Comissão das Comemorações do Ano Internacional da Floresta é constituída por nove pessoas em representação da Associação das Empresas Produtoras de Pasta de Celulose, Comissão Nacional da FAO, Ministérios da Administração Interna, da Educação, da Indústria e Energia, e do Comércio, e das Direcções-Gerais da Comunicação Social e das Florestas.

Esta comissão foi constituída em Julho de 1984, mas só entrou em funções em Setembro passado.

"A problemática da droga em Portugal" está a ser debatida na Academia das Ciências

A partir de hoje e até quarta-feira decorre na Academia das Ciências de Lisboa o primeiro colóquio nacional sobre «A Problemática da Droga em Portugal».

«O Homem perturbado pela droga», «Alguns aspectos epidemiológicos das toxicomanias», «O alcoolismo em Portugal», 'Cannabis': cânhamo e haxixe» e «Dopagem — o abuso de drogas no desporto» são alguns dos temas debatidos hoje, no primeiro dia do colóquio.

O problema do uso de drogas nas escolas, bem como algumas características psicológicas da personalidade toxicodependente e o papel da família no combate à droga, são assuntos que também serão analisados neste primeiro Encontro Nacional.

Os aspectos sociais e sociojurídicos tais como a «Criminalidade sem fronteiras: o tráfico de estupefacientes e de substâncias psicotrópicas» e o papel da legislação no que se refere ao assunto, estarão também em foco.

Por fim, no último dia de trabalhos serão debatidos os aspectos do tratamento e reabilitação dos toxicodependentes e a sua avaliação e a reinserção social.

A Comissão Coordenadora deste I Colóquio Nacional sobre «A problemática da droga em Portugal» é composta pelos professores doutores Barahona Fernandes, Pinto Barbosa, Ferreira Marques, Daniel Serrão e Vasconcellos Marques.

A morte do jornalista David de Carvalho

Os democratas do Porto, eng.ª Virgínia Moura, dr.ª Helena Morgado e professor doutor José Morgado, enviaram ao nosso jornal um telegrama a pedirem-nos que transmitissemos as suas «sentidas condolências à família do saudoso amigo David Carvalho».

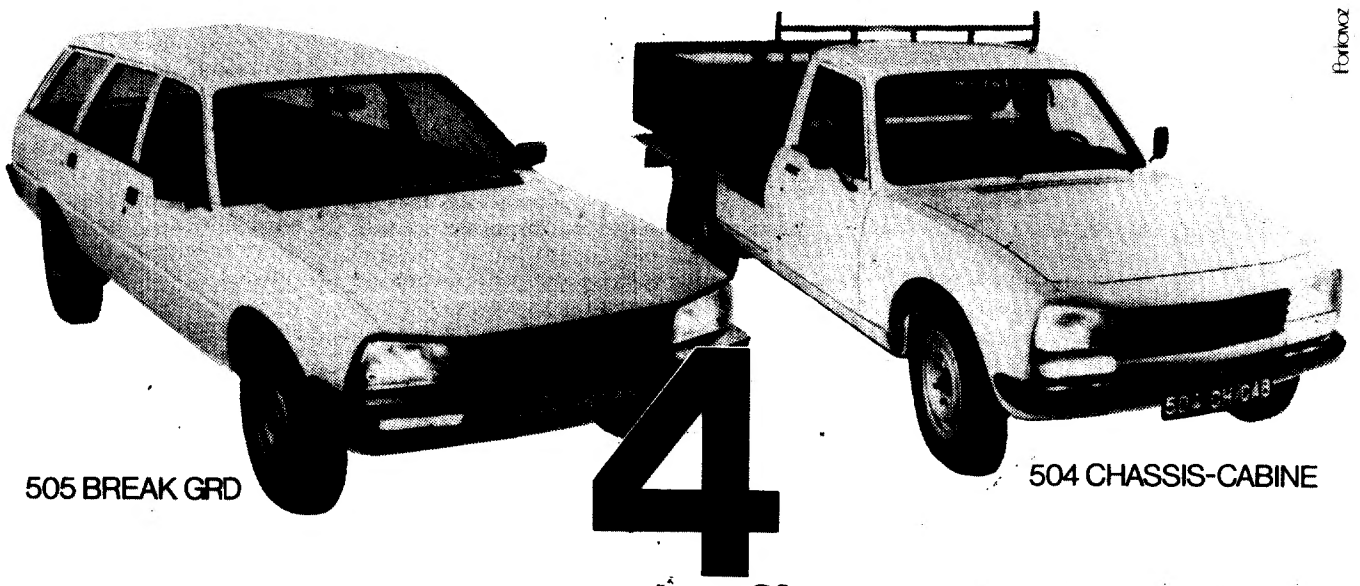
O jornalista David Carvalho fez parte da Comissão Executiva do Movimento Nacional Democrático (M.N.D.) que, como se sabe, deu continuidade à luta pelas liberdades públicas encetada pelo Movimento de Unidade Democrática (M.U.D.)

CASAL DO BICO — MASSAMÁ

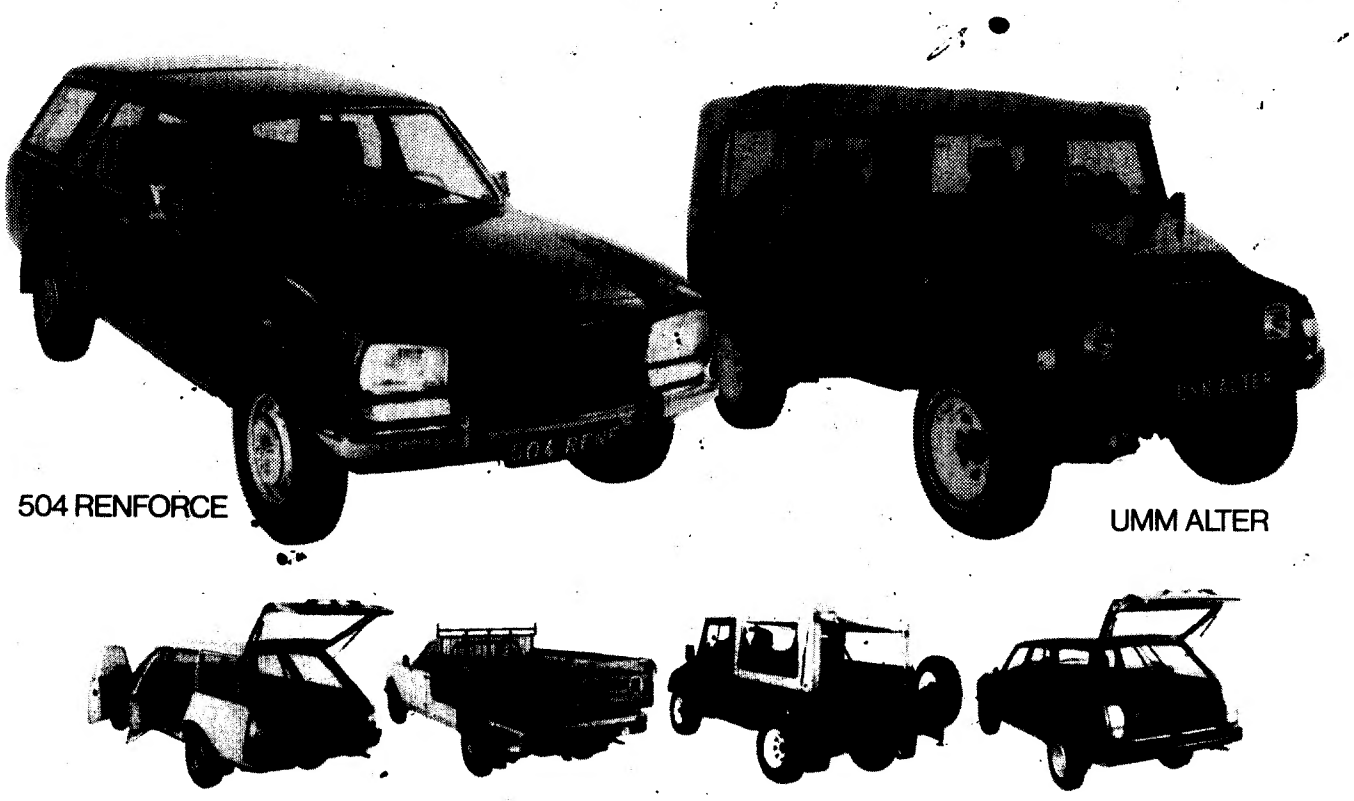
PAPELARIA CLAV-XANA

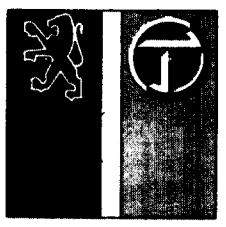
Rua Direita de Massamá, 181 Tel. 4372994

Recepção de anúncios e venda de «A GAZETA» «DIÁRIO DE LISBOA»

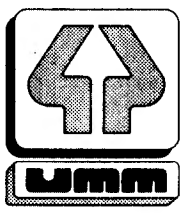


4 SOLUÇÕES PARA USO COMERCIAL





MOCAR, SARL
IMPORTADOR E DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO
AGENTES EM TODO O PAÍS



Uma experiência reflectida à distância de cinco anos

Como a Ovnilogia 'motivou' Rui Rodrigues a assaltar avião da TAP

Manuel Geraldo

Rui Rodrigues, o jovem do Feijó que, no dia 6 de Maio de 1980, desviou um avião da TAP do aeroporto de Faro para Madrid, irá ser julgado no próximo dia 5 no Tribunal da Boa Hora, no 4.º Juízo Criminal, cujo magistrado titular é o dr. Salvado, de momento destacado em Monsanto no processo das «FP-25», pelo que o pleito será presidido pelo seu substituto, coadjuvado por dois juízes-vogais e por seis jurados já seleccionados na tarde da passada sexta-feira.

Mas de seis anos decorridos sobre a aventura de que foi intérprete (Rui Rodrigues tinha então 16 anos e frequentava o 12.º ano de escolaridade) como justifica (reflecte) o jovem essa sua experiência?

Foi no sentido de procurar resposta para esta e outras interrogações que o «DL» levou a cabo um contacto (não do 5.º grau — adiante se verá a referência a um termo «ovnilógico» — mas sim terra-a-terra) com Rui Rodrigues evitando, no entanto, entrar em temas de carácter jurídico (e processual) que poderiam vir a comprometer a sua defesa em tribunal. A divulgação dessa matéria ficará naturalmente para a cobertura das sessões do julgamento que iremos reportar.

Confrontado com a primeira questão que lhe colocámos, Rui Rodrigues que mantém o mesmo semblante juvenil que lhe conhecemos no nosso primeiro contacto nas instalações do Tribunal de Instrução Criminal de Lisboa, escassos dias após o desvio do avião, não hesitou na resposta, situando a sua acção no campo «de um conflito familiar, já ultrapassado, gerador de uma depressão psicológica muito acentuada, ligada a uma natural ingenuidade e imaturidade em relação aos mecanismos sociais vigentes na sociedade portuguesa de então».

«DL» — Mas porque motivo um tal quadro psicológico iria reflectir-se no desvio de um avião e não numa outra acção menos espectacular e perigosa?

R.R: «Pela análise que tenho procurado fazer em todos estes anos, a explicação deverá situar-se no facto de eu ser na altura um devorador de livros e de filmes de ficção científica, fazendo inclusive parte de um «Clube de Fenómenos Insólitos», integrado por rapazes e raparigas da minha idade, que se dedicava ao estudo da Ovnilogia, tendo participado nessa condição em alguns programas de Rádio e de Televisão. O grupo editou uma revista, intitulada «Humanóide», de vida curta como são por norma todas as publicações sem apoios financeiros significativos, e realizou duas exposições sobre o mesmo tema, a qual percorreu não só localidades do concelho de Almada, como ainda de todo o País. No âmbito dessa mesma actividade o grupo estabeleceu contacto com outras agremiações de jovens que, à data, abundavam sobretudo em Espanha e na América Latina».

«DL» — A Ovnilogia foi assim o «motor» para o tipo de acção realizada?

R.R: «A Ovnilogia num quadro mais geral e o avião num quadro necessariamente específico. E isto porque sendo eu um leitor de tudo o que se ligava às experiências espaciais, tinha uma relação quase familiar com tudo aquilo que à Aeronáutica diz respeito, conhecendo até ao mais ínfimo pormenor, ainda que em termos teóricos naturalmente, o «corpo» de um avião, a sua mecânica, o modo como era tripulado, e ainda a forma como tinham sido levados a cabo muitos dos desvios que já então iam acontecendo um pouco por todo o Mundo».

«DL» — Mas fazendo o Rui parte de um clube, de um grupo, porque motivo actuou sozinho (este tipo de acção é quase sempre obra de um «comando») e ainda por cima armado apenas com uma pistola de plástico?

R.R: «Em primeiro lugar eu não actuei armado de uma simples pistola de plástico (essa versão nunca foi veiculada por mim mas sim por alguns órgãos de Comunicação Social que acabaram por quase «oficializá-la»). A arma que utilizei, e é isso que consta nas declarações que fiz para o processo, foi uma pistola «Saint-Etienne» de calibre 6.35, propriedade do meu pai, que a utiliza devidamente legalizada, na sua actividade diária de taxista. Quanto ao facto de ter actuado sozinho e não em grupo, situa-se na necessidade que eu tinha de afirmação individual, de forma a superar a depressão que me afectava, pelo que só agindo sem apoios poderia justificar-me perante mim e sobretudo perante aqueles com quem na altura estava em conflito e que eu pensava duvidarem das minhas capacidades intelectuais e morais».

«DL» — E decorridos todos estes anos pensa que os seus objectivos foram alcançados?

R.R.: «Em parte penso que sim, mas é evidente que se voltasse atrás não tornaria a repetir o mesmo gesto, pois a experiência que se seguiu foi bastante traumatizante, com o sofrimento que causei aos meus pais e amigos, com a dureza da prisão (foram seis meses passados na Penitenciária) e com a descoberta de um universo de malhas (chamemos-lhe burocráticas) que eu no meu casulo de adolescente nem sequer imaginava existirem».

«DL» — Mas para além dos factores negativos, essa experiência não lhe trouxe algo de positivo?

R.R.: «Mas sem dúvida. Deu-me por exemplo a oportunidade de saber ultrapassar muitos dos obstáculos que a vida me colocou, e coloca, bem como o de conhecer algumas pessoas que me ajudaram a concluir que apesar de tudo ainda vale a pena acreditar na humanidade e lutar para que o futuro de todos nós seja melhor. De entre essas pessoas gostaria de destacar o comandante do avião e o embaixador de Portugal em Espanha, dr. Sá Coutinho, que souberam compreender a «extensão da minha ingenuidade», e o advogado que acompanhou todo o processo até à minha libertação, dr. Agostinho Pereira Miranda, que irá ser substituído na Boa-Hora pelo seu colega dr. Vítor Miragaia, dado estar ausente em missão de serviço nos EUA. No entanto penso que durante o julgamento irá ser referido o trabalho que apresentou, com base no meu caso, num congresso de Criminologia realizado na Venezuela».

Filme em Hollywood não à «rambomania»

«DL» — A propósito do julgamento: a sua realização ficou a dever-se ao facto de o Rui só agora ter concluído o serviço militar ou nessa decisão esteve qualquer outro motivo?

R.R.: «O serviço militar, penso eu, não teve qualquer interferência na fixação da data do julgamento, tendo havido apenas, ao que me disseram, a coincidência de ter sido precisamente nesta altura que foram apensos ao processo os resultados dos exames médicos solicitados pela defesa».

«DL» — E para o Rui teria sido preferível a realização do julgamento agora ou logo após a sua saída da Penitenciária?

R.R.: «Penso que neste momento estou em condições de fazer um depoimento mais documental e menos emotivo, pelo que a efectivação do pleito em 1985 me parece, à partida, sumamente positivo».

«DL» — E o futuro Rui, que planos? Sabemos que antes da tropa trabalhou em alguns jornais, que esteve empregado numa empresa de audiovisuais e que chegou mesmo a ser convidado para interpretar em Hollywood, um filme sobre a sua aventura. Que projectos destes irá prosseguir, realizar?

R.R.: «É facto que logo após a minha libertação fui convidado e aceitei colaborar em alguns jornais, semanários, mas penso que no seu todo a experiência não foi positiva, pois esses convites tiveram na sua generalidade mais como objectivo utilizar o meu nome do que propriamente atestar das minhas capacidades literárias. De qualquer forma tenciono apresentar em tribunal algumas das reportagens da minha autoria publicadas nesse período. Quanto ao meu emprego numa empresa do ramo dos audiovisuais, teve óptimos reflexos, já que na tropa fui colocado no Centro de Audiovisuais do Exército, não estando posta de parte a hipótese de voltar à empresa onde trabalhei logo que concluído o julgamento, se a absolvição me sorrir.

No que se refere ao convite para fazer um filme em Hollywood, não o aceitei na altura porque o processo ainda estava a decorrer em julgado, e ainda bem que não o fiz pois tudo apontava para que fosse uma exploração sensacionalista do meu caso, facto que necessariamente me iria prejudicar em julgamento».

«DL» — Uma espécie de «Rambo» à escala portuguesa, com a diferença de que o Rui protagonizou a aventura que iria ser filmada, e o Stallone fez de herói numa guerra, a do Vietname, em que ele não participou, desertando para a Suíça?

R.R.: «O Stallone foi desertor? Olhe que essa eu não sabia. Mas de qualquer forma o que lhe posso dizer é que não estive, e muito menos agora estou disposto, a colaborar em qualquer filme, mesmo que essa proposta me volte a ser apresentada. Quero viver o real, pois de «rambomanias» já me chegou a aventura de Madrid, com os duros reflexos a que continuo a estar sujeito».

Rui Rodrigues com o repórter, em 1980, à saída do Tribunal de Instrução Criminal de Lisboa, onde fora prestar declarações

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

SOU António, **chofer** *de camiões pesados e vou contar a* **vocelências** *o meu caso. Foi assim.*

Na semana passada ia eu por uma rua no Porto e aparece-me uma vala no meio do caminho. Coisa aí para sete palmos de lado e dois de fundura. Eu ia na toda, não é verdade, ia no meu normal e zás!, não fui a tempo de meter travões. O resultado foi o que se pode ver: uma verdadeira desgraça: pneus, direcção, semi-eixo, tudo pró maneta. Sem falar de uma pedra da carga que esborrachou a casinha, me caiu em cima e me deixou o pescoço torcido, mas isso é o menos.

Bem, vou à Câmara pergunto quem é que me paga o prejuízo, respondem-me que vá à Junta Autónoma. Vou à Junta Autónoma, primeiro ao **guiché** *número um, pergunto quem me paga a oficina e mandam-me para o* **guiché** *número dois porque aqui são as licenças e ali é que são os acidentes. Vou ao* **guiché** *número dois, pergunto quem me paga o prejuízo e impõem-me para o* **guiché** *número três porque ali é que são as reclamações. Quando cheguei ao* **guiché** *número quarenta dei um murro no tabique e gritei: «Olhem que isto é Porto, não é Lisboa, lá é que aguentam tudo!» Então veio um senhor muito delicado e informou-me que o caso se tratava na Câmara, pois a Câmara é que tem a responsabilidade de sinalizar os locais perigosos.*

Voltei à Câmara e quando eu lhes disse a eles que o sítio era perigoso e não estava sinalizado, dizem-me eles assim: «Ó senhor António, ainda bem que o senhor diz isso, é uma obrigação dos bons cidadãos colaborar com as autarquias na boa gestão da cidade. Vamos já mandar sinalizar a vala». «Está muito bem — respondi eu — mas quem é que me paga o prejuízo?»

Então a Câmara disse-me que a Câmara não tinha dinheiro para tapar uma cova de belindre, quando mais para concertar uma vala. Quanto aos prejuízos não me preocupasse eu, que a Câmara ia proceder a um inquérito para saber quem tinha feito a vala, se tinha sido um TIR, ou os camiões das obras no porto, ou os **bulldozers** *da construção civil ou os blindados da tropa ou os camiões particulares e depois o culpado ia ser chamado à ordem.*

Os senhore estão a ver. Já não falo do pescoço torcido, isso é o menos, mas os prejuízos quem é que mos paga? Então a gente cai num buraco e ninguém tem a culpa do buraco? Então os buracos caem do céu?...

Esta manhã no Corpo Santo, ontem na Ajuda

Descarrilaram dois eléctricos em 24 horas

Um eléctrico com atrelado descarrilou antes das seis horas desta manhã entre a Travessa do Corpo Santo e a Rua Bernardino Machado, recolhendo às oficinas da Carris depois de recolocado na linha. Foi o atrelado e não a carruagem dianteira que saiu da linha, não provocando feridos nem prejuízos de maior. O percalço foi reparado em menos de dez minutos, disse-nos esta manhã uma funcionária das Relações Públicas da empresa, em Santo Amaro.

Foi o segundo descarrilamento, em menos de 24 horas de eléctricos da Carris, na parte baixa da cidade. O acidente de ontem, na Calçada da Ajuda, provocou vários feridos, três deles com alguma gravidade, destruindo quase completamente uma sapataria. As causas do descarrilamento desta manhã ainda não estavam apuradas à hora do fecho desta edição. Sabe-se que o eléctrico acidentado foi uma das primeiras carruagens a sair hoje do Corpo Santo e que a circulação ficaria prontamente normalizada.

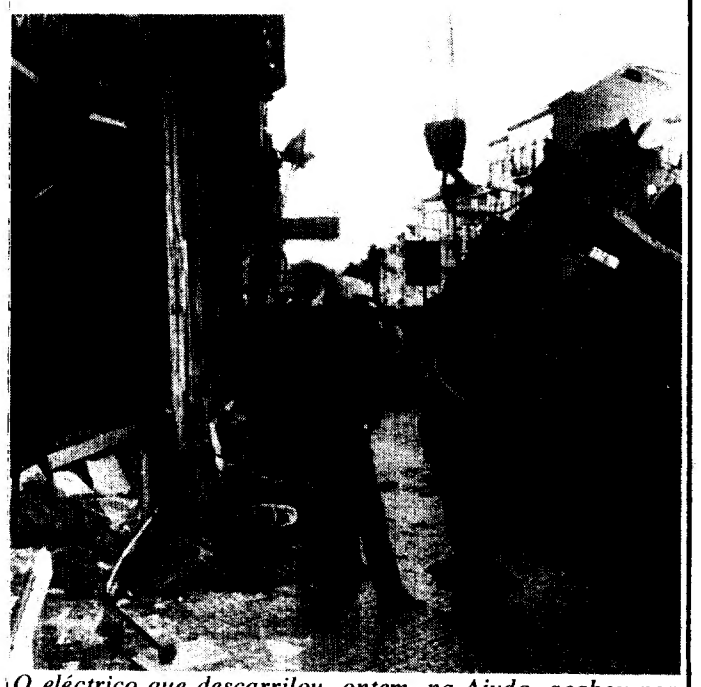
O descarrilamento de ontem foi, contudo, diferente. Diferente e bem mais grave: provocou doze feridos, três dos quais com alguma gravidade, se bem que livres de perigo. Dos doze feridos, dois deles tiveram alta do Hospital de S. José ainda de manhã, ficando ali dez. Sete continuaram durante o dia em observação, vindo alguns deles a deixar ainda ontem a unidade de cirurgia.

Apesar dos três feridos mais contusos permanecerem hospitalizados, o seu estado não é grave, mas precisam de cuidados médicos intensivos. São eles, os feridos mais graves: José Francisco Garcia Pé Curto, Serafim Moreira Fonseca e Maria Alice Carvalho. Outros passageiros que ficaram feridos no despiste do «18» que fazia a carreira Ajuda-Santo Amaro e que destruiu a «Sapataria Azul» propriedade de António Luís Inácio (que ainda esta manhã não sabia o que fazer à sua vida): Maria do Carmo Cardoso, de 53 anos; Esmeralda Correia Santos Henriques, de 32 anos; Fernando da Conceição Oliveira, de 60; Fernando Manuel Henriques Miguel, de 24; Amélia da Cruz Oliveira, de 74 e Carolina da Silva Godinho, de 70 anos.

O guarda-freio, António Costa, de 48 anos, também ficou ligeiramente «tocado», vindo a ser um dos dois primeiros a terem alta, regressando a casa. António Costa foi «cuspido» de encontro à «Sapataria Azul», a qual ficou praticamente destruída, perdendo montras e portas. Dezenas de pares de sapatos, além de malas e outros artigos ficaram inutilizados.

O «18» descia a Calçada da Ajuda quando, subitamente, ficou sem comando, porque «os travões falharam», segundo o guarda-freio e familiares seus. O revisor, Domingos Pereira confirmou a falha de travões e disse ter advertido os passageiros do perigo, antes do eléctrico embater na sapataria. «Foi o primeiro acidente, em dez anos de serviço na Carris, e também o primeiro milagre da minha vida», acentuou Domingos Pereira.

O eléctrico ficou sem comando, «desgovernado», ao virar para a Rua da Bica do Marquês e, como referimos, embateu contra a «Sapataria Azul», provocando enormes prejuízos. Trabalhadores da Carris e elementos dos BSB removeram destroços e realinharam o «18» nos carris.



O eléctrico que descarrilou, ontem, na Ajuda, acabou por ficar tombado na via pública, depois de ter destruído a montra de uma sapataria.

É gerente de uma firma que tem dívida para com a Câmara

Candidato do PSD em Olhão não é elegível

— acusa o executivo autárquico, por proposta de vereadores sociais-democratas

O cabeça de lista social-democrata à Câmara Municipal de Olhão, Vítor Neves, está em situação de inegebilidade para as próximas eleições autárquicas, acusou na passada semana o executivo autárquico por iniciativa de vereadores do PSD. Entretanto, às 24 horas de hoje, iniciam-se os dez dias de campanha do quarto acto eleitoral para as autárquicas.

A afirmação desta irregularidade tem como base uma proposta aprovada por unanimidade no decorrer da reunião pública do executivo camarário, apresentada por dois vereadores da bancada do PSD. No documento a que a Anop teve acesso, os vereadores sociais-democratas em funções no executivo da autarquia argumentam que Vítor Neves é sócio-gerente de uma sociedade de construção civil em dívida para com a Câmara Municipal de Olhão. Como razão para a inegebilidade do cabeça de lista do PSD o documento aponta o Decreto-Lei 701-B/76 que, no artigo quarto indica que «não podem ser eleitos para os órgãos do poder local membros dos corpos sociais e os gerentes de sociedades que tenham contratos com a autarquia não integralmente cumpridos».

A denúncia, segundo divulga a agência Anop, foi comprovada com fotocópias de diversos documentos em que a firma gerida por Vítor Neves se compromete pagar à Câmara de Olhão os custos de um arruamento, cujo valor só foi satisfeito em parte. Os autores da proposta, Luciano Martins e José Brás, ressalvam no documento que a exposição «é forçada pela sua própria consciência, honestidade e respeito pelos normativos legais» e também, «como militantes responsáveis e vereadores eleitos pelo PSD». Tendo em conta esta situação, o executivo da Câmara de Olhão entregou já o processo em Tribunal para que as autoridades judiciais possam esclarecer o assunto ainda antes do início da campanha eleitoral.

Recorda-se que a escolha de Vítor Neves para candidato à Câmara de Olhão pelos sociais-democratas não recolheu o parecer favorável da estrutura concelhia do PSD que adiantou à Comissão Técnica Eleitoral do Partido o nome de um outro militante social-democrata. No entanto, por imperativo do apoio dos centristas, que viam com bons olhos a candidatura de Vítor Neves, foi «imposta a sua candidatura», de acordo com a expressão recentemente usada pelo presidente do órgão concelhio do PSD de Olhão. Antes desta decisão, o juiz da Comarca viu-se confrontado com a apresentação de duas listas sociais-democratas para a Câmara local, uma da responsabilidade da estrutura concelhia e outra da Comissão Técnica Eleitoral do Partido Social-Democrata, tendo sido esta última a legalizada.

PSD: objectivo é aumento de mandatos

O objectivo do PSD nas eleições autárquicas de 15 de Dezembro é aumentar o número de mandatos, disse o secretário-geral do partido, Dias Loureiro.

Em conferência de Imprensa da Associação Nacional dos Autarcas Social-Democratas, Dias Loureiro referiu que o PSD é hoje «o único partido estável e coeso, que encetou uma nova caminhada a partir de Maio deste ano». «O PSD, sublinhou, apresenta-se às eleições com um grande capital acumulado proveniente do trablho desenvolvido pelos autarcas do partido».

Aludindo à recente decisão do Tribunal Constitucional, que recusou os recursos do PS e do PSD sobre a aceitação de listas da APU em alguns concelho do País, Dias Loureiro frisou que o PSD «nunca comenta decisões judiciais» «quando, por via da lei, uma decisão é tomada e não há possibilidades de recurso nós aceitamo-la», explicou.

O presidente da Associação Nacional dos autarcas Social-Democratas, Torres Pereira, considerou, por seu lado, que «todos os partidos são descentralizadores na oposição e centralistas quando estão no poder».

Referindo-se ao tratamento noticioso das eleições autárquicas, Torres Pereira observou que «os que anonimamente trabalham nas comunidades locais foram esquecidos em detrimento dos que vivem da política». «Em cada Telejornal», — exemplificou, — a RTP dispensa cerca de 15 minutos aos candidatos à presidência da República, apesar de estarem ainda em pré-campanha eleitoral».

Por outro lado, o ministro de Estado e da Administração Interna, Eurico de Melo, afirmou ontem em Vila Nova de Poiares que o actual Governo «elegeu o fortalecimento do poder local como um dos principais vectores da sua acção».

Falando no salão nobre dos Paços do Concelho, durante a cerimónia de boas vindas, Eurico de Melo adiantou que duas razões estiveram na base daquela opção. «A primeira foi o reconhecimento da capacidade e competência de todos quantos nas autarquias dão o melhor de si para dotar as suas terras de tudo quanto as populações justamente reclamam e anseiam», disse Eurico de Melo. «A segunda razão, — acrescentou, — foi a necessidade de eliminar as assimetrias existentes entre o campo e a cidade e entre o interior e o litoral».

Eurico de Melo exprimiu a convicção de que «só através do poder local se garantira que os empreendimentos a lançar e as obras a efectuar se dirijam à efectiva satisfação das necessidades das populações». Salientou ainda que «a visita a Vila Nova de Poiares assume para o Governo um especial significado porque todos aqueles motivos se evidenciam com especial nitidez neste concelho».

PS em busca da sua «verdadeira expressão eleitoral»

O coordenador da Comissão Técnica Eleitoral do PS para as autárquicas, Miranda Calha, disse que o partido vai «aproximar-se da sua verdadeira expressão eleitoral» nas próximas eleições.

Miranda Calha falava em Lisboa, durante um seminário de formação autárquica organizado pela Federação da Área Urbana de Lisboa (FAUL) do PS em que participaram algumas dezenas de candidatos socialistas às assembleias de freguesia.

«Não irá haver apenas uma campanha eleitoral, mas 305 campanhas, para as quais é necessário um grande esforço de participação» — salientou. Miranda Calha considerou que «está a haver uma elevada participação» dos militantes e autarcas socialistas e que o PRD vai ter «uma participação reduzida e até atribulada». A participação do PRD nas autárquicas assume «foros de escândalo» — disse Miranda Calha, referindo-se a alegadas irregularidades na apresentação das listas do Partido em Lisboa.

Miranda Calha afirmou-se convicto de que o número de Câmaras socialistas vai subir, porque — adiantou — os autarcas do PS «fizeram obras extremamente válidas e que constituem um ponto de referência de gestão positiva e geradora de confiança».

Os temas em debate no seminário são «atribuições e competências das autarquias locais», «finanças e contabilidade das Juntas de Freguesia», «direitos dos eleitos locais» e «os socialistas nas autarquias locais».

Como concorre a um terço dos concelhos

Se PRD obtiver 6 por cento terá subida proporcional

O PRD concorre a um terço das câmaras pelo que se alcançar seis por cento do eleitorado registará uma subida proporcional, afirmou ontem em Leiria Hermínio Martinho segundo despacho da agência NP. Recorda-se que os renovadores democráticos conseguiram nas últimas eleições legislativas 17,92 por cento, tendo concorrido em todos os círculos eleitorais. Hermínio Martinho falava para a Rádio Comercial de Leiria no final de uma reunião com os candidatos do PRD à Câmara de Leiria.

Entretanto, o Conselho Nacional de Jurisdição do PRD esteve reunido durante este fim-de-semana em Trancoso.

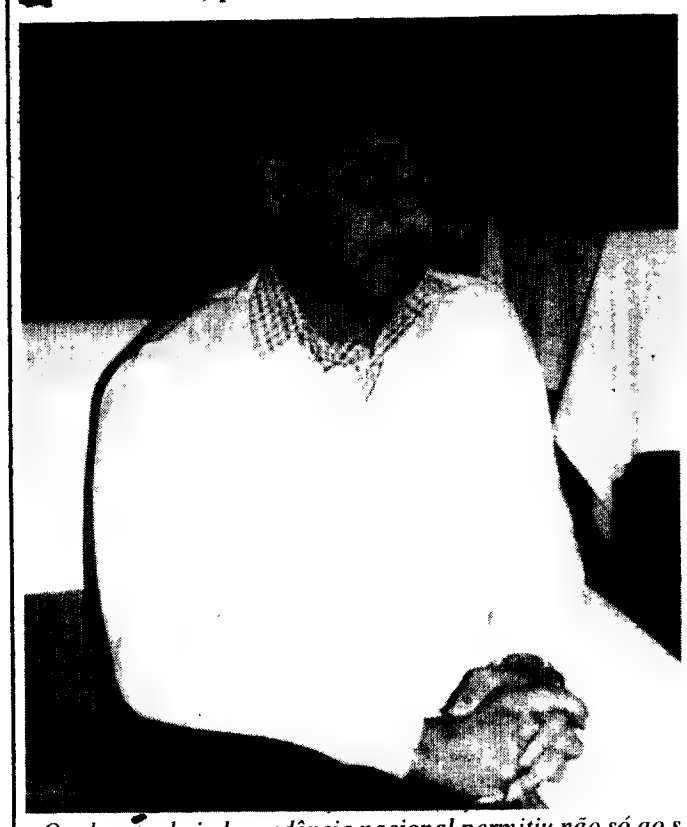
Uma fonte do partido disse ser provável que durante a próxima semana os conselheiros procedam ainda a algumas inquirições que complementem todo o trabalho de instrução do processo que tem estado a ser desenvolvido. Os conselheiros consideram que o relatório final com a indicação das conclusões do inquérito poderá estar elaborado e presente à Comissão Directiva Nacional do PRD até ao fim desta semana.

José Craveirinha, poeta moçambicano, ao "DL"

Antes, as janelas e as portas esta semicerradas ou hermeticamente

Ribeiro Cardoso

Soube por acaso que José Craveirinha, o grande poeta moçambicano, estava em Lisboa, não o via desde 74, ano em que bastas vezes nos encontramos na delegação do «Notícias da Beira», em Lourenço Marques, onde pontificava esse homem bom que se chama Zé Carneiro, hoje a trabalhar na capital portuguesa, também numa delegação, a do «JN». Zé Carneiro, tio do Carneiro Gonçalves, um jornalista, um poeta, um contista que dá vontade de chorar ao saber como a morte o roubou a todos nós, estupida e brutalmente, pouco antes do 25 de Abril chegar.



«O advento da independência nacional permitiu não só aos poetas mas aos escritores e aos artistas em geral melhor e mais adequados meios», segundo José Carveirinha.

Mas voltemos a José Craveirinha, de passagem por esta bela Lisboa. Fui conversar com ele na companhia de Manuel Ferreira, visitando-o num fim de tarde calmo no hotel modesto mas confortável onde, soube-o agora, sempre se instala quando por aqui passa.

Está igual, o Craveirinha. Talvez com mais uns cabelos brancos, talvez com um bigode mais grisalho — mas o mesmo brilho nos olhos vivíssimos, a mesma voz suave e pausada, a mesma ironia a saltar quase sem se dar por isso, o mesmo cuidado na escolha das palavras quando fala recordando velhas histórias...

E que histórias recordou Craveirinha, enquanto na rua, um cego, provavelmente, fazia chegar até nós, através da janela entreaberta da sala de estar do hotel, o som quente e estranho de um saxofone tocando «Teus olhos castanhos»!

Craveirinha, 63 anos de vida muito vivida, filho de mãe africana e pai português de Aljezur, falou longa e serenamente. Recordou viagens pelo seu Moçambique, contou hábitos e costumes do seu povo, lembrou episódios sofridos na Mafalala nos dias difíceis que se seguiram ao 7 de Setembro e ao 21 de Outubro de 74, mergulhou também no que é hoje o dia-a-dia do seu país independente. E de tal modo nos 'perdemos' todos na conversa boa e gostosa — incluindo Ana Mafalda Leite, assistente na Faculdade de Letras que entretanto também aparecera — que a entrevista propriamente dita ficou adiada para o dia seguinte, às 8 da manhã, pois que Craveirinha, mesmo em Lisboa, conserva o hábito africano de levantar cedo. Muito cedo mesmo.

Poesia ao ar livre

«Os verdadeiros poetas, portanto a poesia, não aparecem nem se geram pelos fenómenos políticos — e muito menos pelos regimes no poder».

Com esta frase, quase surgida, começou José Craveirinha por responder à pergunta inicial que lhe coloquei. Pergunta quase obrigatória e que se resumia, afinal, a querer saber como era agora a poesia no Moçambique com 10 anos de vida independente. Ou por outras palavras, que efeitos, os da independência, na poesia moçambicana. Craveirinha começou como acima se regista, mas continuou:

«A poesia é uma maneira de os homens exprimirem os seus sentimentos, as suas ideias, os seus ideais — de solidariedade, humana ou não. Os regimes no poder têm acção sobre os poetas — ou para não os deixar ser poetas, ou para os incentivar a ser. Não fazem poetas...»

«Não fazem, mas influenciam. Podem dificultar ou incentivar. E embora um tanto académica a pergunta batia aí: depois da independência...»

«O advento da independência nacional permitiu não só aos poetas, mas aos escritores e aos artistas em geral, melhores e mais adequados meios. Em relação a uns, de se reafirmarem; em relação a outros, de se afirmarem. Isto é importante — e não só importante como muito significativo, porque esses meios de afirmação e reafirmação partem de uma facção do povo que antes não teria essa possibilidade a não ser manipulada. Hoje, felizmente, isso não acontece. Ao lado dos que já existiam — artistas plásticos, escritores — surgiram, com muita força e muito talento (é essencial ter talento) novos e bons valores moçambicanos. E temos hoje a Associação de Escritores Moçambicanos, a Associação de Artistas Plásticos, um grupo nacional de dança...»

«Gostava que me falasse da Associação de Escritores Moçambicanos, do que faz, como está organizada. Sei que é o seu Presidente...»

«Bom, como presidente, acompanho todas as actividades e iniciativas no âmbito da vocação da AEM. Porém, há um executivo que tem um secretário-geral, um secretário-geral adjunto e membros do secretariado. É a essa equipa que mais directamente compete promover uma série de manifestações e iniciativas de carácter cultural — tanto edições de obras como realização de saraus de poesia, não só em salões mas também em lugares públicos, sem convidados antecipados...»

«... Como é isso de poesia em lugares públicos?»

«Sabe, nós realizamos quinzenalmente sessões de poesia ao ar livre, em jardins públicos, por exemplo, que estão já consagradas e têm encontrado uma receptividade calorosa entre o grande público, devendo no entanto frisar que entre esse grande público figuram altos dirigentes do partido e do governo. Considero isso uma grande vitória...»

«... Porquê?»

«Em relação à literatura, ou seja, à cultura, é uma grande vitória para nós, que a conseguimos, e uma grande vitória para os governantes porque nessas sessões a poesia vai à rua não só para louvar, muito menos para bajular, mas para exercer a liberdade de crítica, de colaboração através da indicação de erros ou desvios».

(Não falamos porque não calhou. Mas no momento em que Craveirinha pronunciava tais palavras à lembrança de quem escreve estas linhas saltou o já famoso e recente poema «As saborosas tangerinas de Inhambane»).

A explosão

Em Novembro do ano que passou, na sede da União dos Escritores Angolanos, em Luanda, Luandino Vieira disse-me, no meio de uma curiosa conversa sobre literatura africana, que em Angola, após a independência, os novos valores haviam surgido «como os cogumelos depois das chuvas». Daí a pergunta a Craveirinha: «Em Moçambique também tem sido assim?»

«Sem dúvida» — respondeu de imediato. «O brusco descerrar de janelas e portas, antes semicerradas ou hereméticas, resultou numa explosão de valores e pseudo valores. Não considero isso um problema. O tempo, o critério, o bom senso e a maturidade cultural saberão fazer a destrinça e seleccionar. Devo dizer que isso não me preocupa, a mim cujo futuro foi ontem, porque a independência de um país não tem prazo».

«Onde e como aparecem esses novos valores? Onde são publicadas as suas obras. Os seus poemas, os seus contos?»

«Naturalmente em jornais e revistas, que até certo ponto têm pecado em dar guarida a todas as tentativas, às vezes com excessiva generosidade. No entanto, é compreensível e perdoável, pois 10 anos de independência é uma infância, é um começar a andar com os próprios pés, pensar com a própria cabeça, fazer com as próprias mãos. Dez anos de história num país permitem-nos ser indulgentes para tanta fome e tanta sede de comunicar através da escrita».

Língua portuguesa

Em Abril do próximo ano vai realizar-se em Lisboa o I Congresso dos Escritores de Língua Portuguesa. Sabia que José Craveirinha está empenhado no projecto. Falámos, pois, da importância e significado dessa iniciativa.

«Nós, como entidade participante neste I Congresso fazemo-lo não para cumprir uma simples formalidade ou para fazer corpo presente, mas com a consciência de que é um dever, e, permita-me, um direito, já conquistado, de participar em tudo em que a língua portuguesa seja o fulcro e a dinâmica de um processo que começou em Portugal. A língua portuguesa já não é só de Portugal e dos portugueses. Por bons ou maus caminhos, o que já não está em causa, a língua portuguesa constitui um valor muito precioso para outras nacionalidades de outros continentes. Isto, sei, é para Portugal muito importante não só sob o ponto de vista da expansão da língua portuguesa como instrumento de comunicação, mas também como factor de ordem política em quaisquer instâncias».

Mudamos então de assunto. Em língua portuguesa escreve Craveirinha. E ao que sabíamos o poeta tinha (tem) projectos de publicar coisas novas e coisas menos novas. Algumas em Portugal. Por aí avançamos.

«É verdade. Como já disse, mal me ficaria, a mim, desmentir o descerrar, muito penosamente conseguido, das tais portas e janelas antes semicerradas ou herméticas...

Daí que não possa fazer sentido, o que foi uma constante minha e de outros bons e leais companheiros de jornada, não aproveitar esta liberdade de pensar e dizê-lo sem preocupações, insónias e sobressaltos. Há, portanto, poemas a serem reeditados e inéditos a editar, sim senhor».

«Onde?»

«Tenho já compromissos assumidos com a editora do Manuel Ferreira para muito breve; com a editora do João Sá da Costa e possivelmente com a Ulmeiro. Isto em Portugal e independentemente dos livros a editar em Moçambique na colecção da Associação de Escritores Moçambicanos e em colaboração com o Instituto Nacional do Livro e do Disco, não falando, claro, das edições traduzidas em inglês, francês e russo».

JOSÉ CRAVEIRINHA

vam fechadas

«Os verdadeiros poetas, portanto a poesia, não aparecem nem se geram pelos fenómenos políticos» – diz o poeta

Lirismo e ironia

Classificar a poedia de Craveirinha não é fácil. Em 62, Eugénio Lisboa falava já de «lirismo indignado»; por essa altura, Rui Baltasar, realçava a sua «natureza eminentemente africana»; Cansado Gonçalves, por sua vez, dizia que o poeta Craveirinha «transforma-se, sem dar por isso, em crítico, e criticar é diferenciar», apontando depois a magia e a ironia como duas características essenciais da sua poesia.

Vinte e tantos anos mais tarde, como é a poesia de Craveirinha? Mantém a mesma magia, o mesmo lirismo, a mesma africanidade, e, sobretudo, mantém a mesma ironia?

«Uma coisa é elaborar outra é explicar como se elebora, embora tendo a noção, a plena noção, do porquê que se elabora... Independentemente da preocupação da linguagem como ferramenta poética, o uso da palavra como instrumento adequado, a poesia tem uma função que não sendo aquilo a que se convencionou chamar social, é uma função estética. E nessa função estético-social a ironia — já que insistiu nessa questão da ironia — serve para atenuar o peso da crítica, levando a que essa crítica seja recebida mais como forma de colaboração do que um condenação ou, o que rejeito sempre, de denúncia (denúncia está muito conotada com delacção — e por isso tal palavra repugna-me). Quanto ao resto: deixo que sejam os outros a classificar a minha poesia...»

Como deixei claro logo no início desta entrevista, conheci Craveirinha no «Notícias da Beira». Mas o poeta colaborou e trabalhou noutros jornais, com relevo para o «Brado Africano». Grande parte da sua vida tem muito a ver com jornais. Quanto aos dias de hoje... Vejamos a resposta do poeta e atentemos na ironia:

«Toda a minha formação escrevinhadora fez-se, e se é que se apurou, como jornalista. Hoje não continuo a colaborar nos jornais e devo dizer-lhe que actualmente é uma área na qual, certamente, por decrepitude intelectual, não me sinto bem ou, se me sentisse bem, corria o risco, perante os actuais profissionais da Imprensa moçambicana, de ser um impertinente intruso...»

Em casa

Craveirinha, que nunca esconde — bem pelo contrário — os seus vículos de sangue não só com Moçambique mas também com Portugal, tem passado pelo nosso país, nos últimos anos, com alguma regularidade — umas vezes em deslocações oficiais, outras particularmente, como foi agora o caso. Já em fim de conversa, falou desta sua passagem por Lisboa:

«Vim desta vez por minha conta, prazer e risco. Gostei. Gostei de estar como tenho estado sempre que por aqui passo. Peço ao Presidente Samora que me releve o parafrase-á-lo quando, no regresso a Moçambique depois da visita a Portugal, declarou que aqui se tinha sentido em casa. Não me envergonha este plágio, tão verdadeiro ele é. E ao contactar neste mês em que andei por aí perdido nas ruas, confundido aos olhos dos transeuntes com mais um africano que se esqueceu do caminho do aeroporto para voltar à terra, aprendi a fazer uma outra leitura da idiossincrasia do povo português e a formular votos de que um povo com uma história tão antiga saiba descobrir aquilo que constitui uma força que não há dinheiro que compre nem armas que conquistem: simpatia, humildade e uma certa negligência em não aproveitar essa força, essa humildade, essa simpatia para o seu progresso, para o seu desenvolvimento económico, sem voltar as costas à Europa mas recorrendo a uma experiência de séculos noutros continentes. África, por exemplo: Moçambique, Angola, Guiné, Cabo Verde, S. Tomé, também por exemplo. Há prioridades conseguidas nos corações dos africanos que os portugueses não devem desperdiçar. Afirmo isto como cidadão que não tem um lugar de dirigente político ou cadeira no governo. Portanto, estou à vontade para o dizer. E também não o digo em função dos interesses dos portugueses de Portugal. Os outros portugueses, desses não falo. Esqueçamo-nos deles. São excrescências. Falo também em relação às nossas conveniências, que não se limitam à simpatia, mas a factores económicos, a factores de desevolvimento em variadíssmos campos de actividade. Sei que há ressentimentos ainda latentes, mas em relação ao povo português esses ressentimentos não têm força, não têm peso, são ressentimentos pessoais que mesmo nalguns casos como justificação não são insuperáveis ou indeléveis».

Ao meu belo pai ex-emigrante

Pai:
as maternas palavras de signos
vivem e revivem no meu sangue
e pacientes esperam ainda a época de colheita
enquanto soltas já são as tuas sentimentais
sementes de emigrante português
espezinhadas no passo da marcha
das patrulhas de sovacos suando
as coronhas de pesadelo.

E na minha rude e grata
sinceridade não esqueço
meu antigo português puro
que me geraste no ventre de uma tombasana
eu mais um novo moçambicano
semiclaro para não ser igual a um branco qualquer
e seminegro para jamais renegar
um glóbulo que seja dos Zambezes do meu sangue.

E agora
para além do meu amigo Jimmy Durante a cantar
e a rir-se sem nenhuma alegria na voz roufenha
subconsciência dos porquês de Buster Keaton sorumbático
achando que não valia a pena fazer cara alegre
e um Algarve de amendoeiras florindo na outra costa
ante os meus sócios Bucha e Estica no «ecran» todo branco
e para sempre um zinco tap-tap de cacimba no chão
e minha Mãe agonizando na esteira em Michafutene
enquanto a tua voz serena profecia paternal: — «Zé:
quando eu fechar os olhos não terás mais ninguém.»

Oh, Pai:
Juro que em mim ficaram laivos
do luso-arábico Aljezur da tua infância
mas amar por amar só amo
e somente posso e devo amar
esta minha bela e única nação do Mundo
onde minha Mãe nasceu e me gerou
e contigo comungou a terra, meu Pai.
E onde ibéricas heranças de fados e broas
se africanizaram para a eternidade nas minhas veias
e teu sangue se moçambicanizou nos torrões
da sepultura de velho emigrante numa cama de hospital
meu belo Pai ex-português.

Pai:
O Zé de cabelos crespos e aloirados
não sei como ou antes por tua culpa
o «Trinta-diabos» de joelhos esfolados nos mergulhos
à Zamora nas balizas dos estádios descampados
avançado-centro de «bicicleta» à Leónidas no capim
mortífera pontaria de fisga na guerra aos gala-galas
embasbacado com as proezas dos leões do Circo Pagel
nódoas de caju na camisa e nos calções de caqui
campeão de corridas no «xitututo» Harley Davidson
os fundilhos dos calções avermelhados nos montes
do Desportivo nas gazetas à doca dos pescadores
para salvar a rapariga Maureen O'Sulivan das mandíbulas
afiadas dos jacarés do filme de Tarzan Weissemuller
os bolsos cheios de tingolé da praia
as viagens clandestinas nas traseiras gã-galhã-galhã
do carro eléctrico e as mangas verdes com sal
sou eu, Pai, o «Cascabulho» para ti
e Santinho para minha Mãe
todo maluco de medo das visões alucinantes
de Lon Chaney com muitas caras.

Pai:
Ainda me lembro bem do teu olhar
e mais humano o tenho agora na lucidez da saudade
os teus versos de improviso em loas à vida escuto
e também lágrimas na demência dos silêncios
em tuas pálpebras revejo nitidamente
eu Buck Jones no vaivém dos teus joelhos
dez anos de alma nos olhos cheios da tua figura
na dimensão desmedida do meu amor por ti
meu belo algarvio bem moçambicano!

E choro-te
chorando-me mais agora que te conheço
à ti, meu Pai vinte e sete anos e três meses depois
dos carros na lenta procissão do nosso funeral
mas só Tu no caixão de funcionário aposentado
nos limites da vida
e na íris do meu olhar o teu lívido rosto
ah, e nas tuas olheiras o halo cinzento do Adeus
e na minha cabeça de mulatinho os últimos
afagos da tua mão trémula mas decidida sinto
naquele dia de visitas na enfermaria do hospital central.

E revejo os teus longos dedos no dirlim-dirlim da guitarra
ou o arco da bondade deslizando no violino da tua aguda tristeza
e nas abafadas noites dos nossos índicos verões
tua voz grave recitando Guerra Junqueiro ou Antero
e eu ainda Ricardito, Douglas Fairbanks e Tom Mix
todos cavalgando e aos tiros menos Tarzan analfabeto
e de tanga na casa de madeira-e-zinco
da estrada do Zichacha onde eu nasci.

Pai:
Afinal tu e minha mãe não morreram ainda bem
mas sim os símbolos Texas Jack vencedor dos índios
o Tarzan agente disfarçado em África
e a Shirley Temple de sofisma nas covinhas da face
e eu também é que mudámos.
E alinhavadas palavras como se fossem versos
bandos de sécuas ávidos sangrando grãos de sol
no tropical silo de raivas eu deixo nesta canção
para ti, meu Pai, minha homenagem de caniços
agitados nas manhãs de bronze
chorando gotas de uma cacimba de solidão nas próprias
almas esguias hastes espetadas nas margens das húmidas
ancas sinuosas dos rios.

E nestes versos te escrevo, meu Pai
por enquanto escondidos teus póstumos projectos
mais belos no silêncio e mais fortes na espera
porque nascem e renascem no meu não cicatrizado
ronga-ibérico mas afro-puro coração.
E fica a tua prematura beleza realgarvia
quase revelada nesta carta elegia para ti
meu resgatado primeiro ex-português
número UM Craveirinha moçambicano!

(publicado na 1.ª edição de «Karingene na Karingene», 1974, Lourenço Marques.)

Medalha de prata para Filipe Madeira

Agências de viagens querem defesa do turista segundo normas da CEE

A necessidade de assegurar que a legislação em vigor sobre a defesa do consumidor seja adaptada às normas vigentes nas comunidades europeias, é uma das conclusões do Congresso Nacional das Agências de Viagens e Turismo que durante quatro dias decorreu no Alvor (Portimão) com a participação de mais de sete centenas de pessoas directamente relacionadas com o sector. No entanto, essa exigência é condicionada: deve ser feita uma «prévia consulta às associações empresariais, por forma a assegurar tal adaptação em consonância com as realidades específicas do País».

Há uma única forma de defender o consumidor e é essa que impera nos países da CEE: a qualidade. Sobre qualidade falou no primeiro dia dos trabalhos o Primeiro-Ministro, vindo esse aspecto a ser abordado no último dia dos trabalhos, pelo secretário de Estado do Turismo, Licínio Cunha. Segundo este, o desenvolvimento da actividade turística vai assentar na «defesa intransigente da qualidade», porque, reforçou Licínio Cunha, «a batalha do turismo só será ganha quando se ganhar a batalha da qualidade».

O secretário de Estado do Turismo encerrou o 11.º Congresso Nacional da APAVT (Associação Portuguesa das Agências de Viagens e Turismo) e enunciou os princípios por que se vai reger a política do Governo relativamente ao turismo, nomeadamente o seu crescimento, que terá de ser sempre compatível com o crescimento equilibrado das estruturas de apoio e de enquadramento, recuperação das zonas degradadas, reorganização da oferta turística em termos de equipamentos e diversificação dos mercados.

Lançamento do Plano Nacional de Turismo

A «implementação urgente» do Plano Nacional de Turismo é outra das conclusões aprovadas pelos congressistas no último sábado, em Portimão, assim como a prioridade às propostas de formação profissional. Aliás, o próprio secretário de Estado do Turismo tinha balizado algumas das acções do sector nesta área, ao acentuar que «a defesa intransigente da qualidade passa necessariamente pela formação profissional».

Licínio Cunha afirmou na circunstância que a acção governativa se orinterá para a institucionalização de programas de formação e reciclagem no seio das empresas, o aumento da capacidade das escolas e integrar a formação profissional no ensino superior. Adiantou ainda que o Estado privilegiará o lançamento de iniciativas para o desenvolvimento de novas formas de turismo, designadamente o agro-turismo e a reconversão e modernização das estâncias termais.

Uma vez que o Governo reconhece a importância «estratégica, económica e social do sector», os congressistas aprovaram ainda uma recomendação no sentido de reactivação do Centro de Turismo de Portugal no estrangeiro, no quadro do Plano Nacional de Turismo.

O congresso concluiu ainda pela urgência da publicação do regulamento dos transportes turísticos rodoviários, em simultâneo com a nova Lei das Agências de Viagens e Turismo e atribuiu ao presidente da Região de Turismo do Algarve, Luís Filipe Madeira, a Medalha de Prata de Mérito Turístico da APAVT.

Morreu Mário de Carvalho um dos acusados no âmbito do assassínio de Delgado

Vitimado por uma ataque cardíaco faleceu em Roma, onde residia há vários anos, Mário Alexandre Pereira de Carvalho, de 71 anos, acusado de ter sido informador da PIDE, sob o pseudónimo de «Oliveira», e ter estado por detrás da cilada que conduziu ao assassínio do general Humberto Delgado e da sua secretária Arajarir Campos, cujos corpos foram encontrados em Espanha em Abril de 1965, junto à fronteira portuguesa, na zona de Vila Nueva del Fresno.

Em 1966, as autoridades franquistas emitiram mandados de captura contra dez suspeitos, sendo um deles Mário de Carvalho, mas a Itália recusou a sua extradição.

Mário de Carvalho, que se dizia professor universitário, conseguiu estabelecer relações de amizade com o general Delgado, fazendo-se passar por um exilado antifascista, mas ao que se sabe possuía apenas o 2.º ciclo liceal tirado no Liceu Gil Vicente, tendo ainda cadastro policial, devido à prática de burlas. O presumível «Oliveira», que nunca chegou a comparecer no Tribunal Militar de Santa Clara, onde decorreu o julgamento do «Processo Delgado», nasceu na freguesia da Graça, e era filho do tenente-coronel Pedro Alexandre de Carvalho, que foi 2.º comandante da Guarda Fiscal, e sobrinho do coronel Pina Lopes, ministro das Finanças de Salazar e comandante daquela força paramilitar.

A notícia da morte de Mário de Carvalho, ocorrida em 23 de Setembro último, foi veiculada pela agência noticiosa italiana ANSA, que cita como fonte a viúva do extinto.

PJ de Braga apreende pistolas a rede suspeita de importar

A Inspecção da Polícia Judiciária de Braga apreendeu em Ponte da Barca e Venda Nova, concelho de Montalegre, catorze pistolas e revólveres, vinte carregadores e 925 munições a vários indivíduos por si identificados e suspeitos de pertencerem a uma rede de importação, transformação e comercialização de armas de fogo.

Segundo apurou o «Diário de Lisboa» junto da Inspecção da PJ de Braga, os indivíduos envolvidos nas investigações desenvolvidas pela corporação em torno de «uma presumível rede de importação, transformação e comercialização de armas de fogo» e eventual envolvimento da mesma rede no contrabando de outras mercadorias, não ficaram presos, uma vez que o crime acima tipificado e de que são acusados, não prevê prisão firme e incaucionável.

O comunicado que nos chegou das Relações Públicas da PJ, na Rua Gomes Freire (Direcção-Geral), não aludia a identificação dos presumíveis implicados, mas adiantava que a partir daquele grupo referenciado «terão sido fornecidas» três armas entretanto apreendidas pela Polícia parisiense a uma rede luso-francesa de traficantes de heroína omitindo também os nomes dos portugueses alegadamente envolvidos na operação.

Mulher de industrial libertada por raptores

A intervenção da PSP e da Polícia Judiciária impediu que dois indivíduos se apoderassem de seis mil dos dez mil contos exigidos para a libertação da esposa, de 60 anos, de um arquitecto e industrial do Porto, que haviam raptado. O marido da sequestrada compareceu no local indicado telefonicamente pelos raptores (Entre-os-Rios) levando uma mala com seis mil contos, mas estes apercebendo-se da presença da Polícia nas imediações, fugiram, vindo a abandonar a senhora em plena serra de Valongo.

Dois irmãos feridos por explosão de granada

Dois irmãos, um rapaz e uma rapariga, ficaram em estado grave devido ao rebentamento de uma granada que encontraram quando apanhavam azeitona perto do Campo Militar de Santa Margarida, próximo de Abrantes. O acidente ocorreu sábado ao fim da tarde e os dois jovens estão internados no Hospital de S. José, em Lisboa. António Fernandes Ribeiro, de 21 anos, e Maria José Ribeiro Fernandes, de 20, residem em Malpique, perto de Santa Margarida.

Na cidade da Amadora poderá ser criado um museu

A velha guarda almoça para recordar

Com o apoio do «Jornal da Amadora» e por iniciativa do publicista Vasco Calixto, num restaurante da Reboleira, reuniram-se ontem, num almoço de confraternização, naturais da Amadora e velhos habitantes da cidade. Presidiu a senhora D. Sofia Toscano, 87 anos de idade e cerca de 50 vividos na Amadora. No decorrer do almoço surgiu a ideia da criação do Museu da Amadora. Esse poderia ser o destino do edifício dos antigos Recreios Desportivos da Amadora, cuja actividade desportiva e recreativa nos últimos anos estava reduzida à exploração de espectáculos cinematográficos sob a designação caricata de «Cinema Plaza».

Os velhos habitantes da Amadora vão interceder junto das autoridades autárquicas para que não seja consentida a demolição do edifício dos Recreios Desportivos da Amadora e para que se tomem as adequadas medidas para o adaptar à finalidade museológica.

Tratar-se-ia de instalar um museu que oferecesse aos novos habitantes da Amadora uma informação sugestiva da fundação da povoação, da sua elevação a vila e a cidade, das suas tradições, da sua história. Um museu em que se conservasse imagem e registo do que vai desaparecendo na fúria demolidora do passado. Um museu em que se guardassem lembranças e obras de habitantes da Amadora e dos cidadãos que a fundaram.

Da reunião de domingo, dia 1.º de Dezembro, resultou um abaixo-assinado a solicitar que a Câmara da Amadora defenda e adquira o edifício dos Recreios Desportivos da Amadora e a sugestão da criação de uma Liga dos Amigos da Amadora.

Actividades culturais na Biblioteca Nacional

Comemoração do centenário de Aquilino Ribeiro

Na sequência das conferências promovidas pelo Ministério da Cultura com a colaboração da Biblioteca Nacional, Fernando Piteira Santos fará hoje, às 18 horas, no Anfiteatro da Biblioteca Nacional (Campo Grande) a anunciada conferência subordinada ao tema: «Aquilino, um literário republicano». Esta conferência substitui a de João Gaspar Simões que, por seu turno, falará, no dia 16 de Dezembro, sobre «Aquilino e a crítica». No dia 9 de Dezembro, Françoise Massa versará o tema «Volfrâmio, Ontem e Hoje», e a 23 de Dezembro encerra-se o ciclo de conferências com Urbano Tavares Rodrigues que tratará de «A Mundivência de Aquilino Ribeiro».

Inauguração da exposição sobre Fernando Pessoa

Amanhã, terça-feira, dia 3 de Dezembro, às 18.30 horas, a secretária de Estado da Cultura e o Director da Biblioteca Nacional procederão ao acto de inauguração de uma exposição integrada nas comemorações do cinquentenário da morte do poeta da «Mensagem». A exposição tem a designação: «Fernando Pessoa: o último ano».

A última lição de um catedrático de Direito

Dia 6 de Dezembro, pelas 12 horas, o professor doutor Manuel Gomes da Silva profere a sua última lição na Faculdade de Direito de Lisboa, visto atingir o limite de idade.

Por essa ocasião o Conselho Directivo homenageia-o, através da edição de uma obra sua esgotada há quarenta anos **"O Dever de Prestar e o Dever de Indemnizar"** e ainda pela emissão de uma medalha comemorativa em tiragem limitada.

Também na mesma data será descerrado o retrato do professor doutor Manuel Gomes da Silva, da autoria da pintora Maluda e inaugurada uma nova sala de leitura da biblioteca, a sala Professor Doutor Gomes da Silva, que se vem a somar à sala de leitura Professor Doutor José de Castro Mendes.

Ele vai ganhar dois mil contos/mês na CEE

Cardoso e Cunha prestou falsas declarações à Comissão de Inquérito da Assembleia

José António Cerejo

O comissário português na CEE, Cardoso e Cunha, que vai auferir um salário mensal superior a dois mil contos, é o homem que a Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a liberalização de cereais referiu como tendo estado na base, quando ministro da Agricultura, da «clara sintonia havida entre os interesses manifestados pelas grandes empresas moageiras e pela Lusograin (filial da multinacional Dreyfus) e as condições e datas oficiais de liberalização do comércio de cereais.» Cardoso e Cunha foi também referido na altura como tendo prestado falsas declarações à Comissão de Inquérito.

Cavaco Silva tirou mais um coelho da cartola. Baralhadas as cartas — Almeida Mendes, Pinto Balsemão e outros — Cavaco voltou a surpreender toda a gente com a designação do primeiro comissário português na CEE. Nome nunca falado, nem em Lisboa, nem em Bruxelas, Cardoso e Cunha, ex-ministro da Agricultura, foi o escolhido.

Em declarações prestadas à Imprensa no Luxemburgo — onde se encontra para participar na cimeira dos chefes de Estado e de Governo da CEE — Cavaco Silva considerou o futuro comissário como «a personalidade capaz de defender os interesses nacionais na Comissão Europeia». Para além da «gaffe», na qual reincidiu, que constitui a afirmação de que o comissário vai defender os interesses nacionais, coisa inaceitável do ponto de vista do estatuto dos membros da Comissão, o Primeiro-Ministro precisou que Cardoso e Cunha «terá uma influência decisiva na escolha dos altos funcionários» portugueses na CEE.

Afastada de há muito a hipótese de o comissário português vir a ser um técnico prestigiado e com total domínio dos «dossiers» comunitários — Ernâni Lopes, por exemplo — tudo indicava que o eleito acabaria por ser imposto por razões de clientelismo partidário. O que nunca ninguém imaginou foi que o novo Primeiro-Ministro fosse descobrir alguém com o perfil e o passado de Cardoso e Cunha.

A nomeação do antigo ministro da AD surgiu assim como uma bomba a que não pode deixar de se ligar o papel por ele desempenhado na liberalização do comércio de cereais, e os contactos então estabelecidos com as multinacionais europeias daquele sector.

«Falsas declarações»

Com efeito, foi Cardoso e Cunha que liderou este processo e foi em clara articulação com ele que a multinacional Dreyfus instalou em Portugal, ilegalmente, a sua filial Lusograin.

Divulgados pela imprensa, e em especial pelo «DL», alguns dos aspectos mais polémicos e menos transparentes da iniciativa governamental de liberalização do sector de cereais, a Assembleia da República decidiu em Outubro de 1981 criar uma Comissão de Inquérito com a missão de esclarecer o assunto. Os trabalhos da Comissão foram-se arrastando ao longo de vários anos e foi já em Maio deste ano que o relatório final foi apresentado e posteriormente aprovado em plenário da Assembleia da República.

Nesse importante documento deixava-se bem claro o envolvimento do antigo ministro da agricultura e afirmava-se, nomeadamente, que houve uma «clara sintonia entre os interesses manifestados pelas grandes empresas moageiras e pela Lusograin e as condições e datas oficiais da liberalização do comércio de cereais».

Segundo o «DL» então apurou Cardoso e Cunha foi ao ponto de fazer «falsas declarações» à comissão parlamentar de inquérito, as quais foram referidas no relatório nos seguintes termos: «os diversos contactos havidos entre grupos de trabalho e membros do Governo, por um lado, e a Lusograin, não se coadunam com a afirmação feita pelo engenheiro Cardoso e Cunha perante a Comissão de desconhecimento da constituição daquela empresa». O documento indica que a Lusograim, dirigida por Pais de Sousa, antigo presidente da EPAC, teve contactos em 1980, antes da sua constituição oficial em Junho de 1981, com o «grupo de trabalho do regime cerealífero» criado pelo governo.

Aquela sociedade, revela o relatório, foi consultada pelos grupos de trabalho oficiais e emitiu para eles — a seu pedido — «pareceres» conducentes à liberalização dos cereais». Acresce que a Lusograin não tinha nessa altura «personalidade jurídica», dado não existir então legislação — que permitisse a sua constituição.

O relatório da Comissão parlamentar foi aprovado por unanimidade dos seus membros e conclui assim acerca dos processos de liberalização dos cereais, ramas de açúcar e oleaginosas: «Para além das situações que mereceram reparo (...) não se obtiveram **mais** elementos que configurassem a actuação irregular, dolosa ou corruptora por parte da administração, dos seus agentes e dos membros do governo».

Do documento ressalta, em resumo, que Cardoso e Cunha desenvolveu uma actuação caracterizada pelo acerto da sua estratégia de liberalização com os objectivos e planos concretos da multinacional Dreyfus. Esta companhia, recorde-se, tem tido até agora um lugar menor no fornecimento de cereais a Portugal e empenhou-se com grande antecipação na criação de condições que lhe permitissem afirmar-se no mercado português após a adesão à CEE.

Cardoso e Cunha auferirá mais de dois mil contos mensais como comissário da CEE.

Cavaco disse a autarcas que a recessão acabou

«A recessão em que o País esteve mergulhado nos últimos anos acabou e entramos agora numa fase de crescimento económico» — disse o Primeiro-Ministro Cavaco Silva durante um encontro com autarcas social-democratas.

Ele acrescentou que os aumentos de preços, recentemente decretados, «se inserem na estratégia do progresso económico e de melhoria das condições de vida que nos propusemos executar».

Considerando esses aumentos como «os mais pequenos dos últimos anos, Cavaco Silva também falou do aumento das pensões e que «o poder de compra dos salários também vai subir».

«Vamos baixar os impostos sobre rendimentos do trabalho», disse Cavaco Silva. «A baixa das taxas de juro melhorará a situação financeira das empresas, a maior parte delas excessivamente endividadas».

Para o líder do PSD, «a recessão acabou». «Podem estar certos de que o nível de vida das famílias portuguesas vai melhorar em 1986 e nos anos seguintes», disse, acrescentando que «temos de corrigir erros instalados, de anular mentiras disfarçadas».

Álvaro Barreto: «austeridade terminou»

Também o ministro Álvaro Barreto prometeu que «a austeridade acabou, acabará mesmo, porque o poder de compra dos portugueses não vai baixar, vai aumentar».

«A taxa de inflação em 1986 será apenas de 14 por cento» sublinhou o ministro da Agricultura entrevistado durante o programa da RDP-Antena Um, «nem mais nem menos».

Álvaro Barreto salientou que o pão e o leite, apesar de aumentados em cerca de 14 por cento, «continuarão a ser fortemente subsidiados ao longo de 1986».

Governo brasileiro recuou na privatização de empresas

O governo brasileiro decidiu retirar do pacote económico enviado ao congresso o projecto que autorizava a privatização das empresas públicas, soube-se ontem em Brasília.

A decisão deveu-se ao facto de o Governo considerar tratar-se de um assunto polémico que poderia dificultar ou impedir a aprovação do conjunto de medidas até 5 de Dezembro, quando se inicia o recesso parlamentar.

Extraditado da Alemanha Federal

Ruiz Mateos está preso em Madrid

O fundador e ex-presidente do Grupo «Rumasa», Jose Maria Ruiz Mateos, o maior «holding» privado espanhol antes de sua expropriação, entrou ontem de madrugada na prisão de máxima segurança de Alcalá-Meco, perto de Madrid, depois de extraditado da Alemanha Federal.

O empresário espanhol chegou à Base Militar de Getafe, perto de Madrid, pouco depois das 23h00 de sábado.

A família, advogados e a Imprensa esperavam-no no aeroporto civil de Barajas, pois tinha-se anunciado que faria a viagem no voo regular da companhia aérea espanhola.

Um grupo de jornalistas espanhóis que pretendia viajar no mesmo voo organizou praticamente um motim a bordo quando o avião se preparava para levantar voo, ao verificarem que Ruiz Mateos não estava a bordo. O avião teve no mesmo momento uma ameaça falsa de bomba.

Ruiz Mateos prestou declarações à primeira hora da madrugada, durante uma hora e três quartos, ante o juiz especial de delitos monetários, Luís Lerga, que leva o processo.

Em virtude do cansaço, o próprio juiz sugeriu que o interrogatório continuasse na segunda-feira de manhã.

O juiz ditou um auto de prisão incondicional e Ruiz Mateos ingressou por volta das 3h00 na prisão de Alcalá-Meco.

Jose Maria Ruiz Mateos tinha sido preso pela Polícia alemã no sábado à tarde, em Francoforte, quando ia almoçar com o seu advogado norte-americano, Arthur Teele.

Foi conduzido a uma cela do aeroporto e entregue a dois polícias espanhóis da «Interpol» que tinham chegado à cidade poucas horas antes.

Os governos de Madrid e Bona acordaram a forma e o momento de Ruiz Mateos ser transferido para Espanha, para impedir qualquer manobra de última hora do empresário e evitar declarações ou manifestações à chegada a Madrid.

Durante o dia, manteve-se um cenário falso. Ruiz Mateos acabou por chegar num avião especial a uma base militar onde não era esperado por ninguém.

De madrugada, algumas dezenas de pessoas identificadas como ex-empregados de Ruiz Mateos e grupos de extrema-direita manifestaram-se junto do Tribunal onde se fazia o interrogatório, e proferiram gritos contra Miguel Boyer, ex-ministro da Economia e principal responsável pela expropriação, e contra o PSOE, ao mesmo tempo que pediam a liberdade do empresário.

COTAÇÕES — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	62$55	63$75
ALEMANHA FED (marco)	62$40	63$60
ÁUSTRIA (xelim)	8$85	9$05
BÉLGICA (franco)	2$916	3$116
BRASIL (cruzeiro)	$009	$019
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	113$95	116$45
(notas de 5 a 1000)	114$45	116$95
DINAMARCA (coroa)	17$25	17$65
ESPANHA (peseta)	$983	1$103
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	157$45	160$95
(notas de 5 a 1000)	157$95	161$45
FINLÂNDIA (marka)	28$90	29$50
FRANÇA (franco)	20$50	21$20
HOLANDA (florim)	55$60	56$70
IRLANDA (libra)	194$05	198$05
ITÁLIA (lira)	$083	$093
JAPÃO (iene)	$754	$789
NORUEGA (coroa)	20$75	21$25
REINO UNIDO (libra)	234$80	239$30
SUÉCIA (coroa)	20$55	21$05
SUÍÇA (franco)	75$55	77$05
VENEZUELA (bolívar)	8$95	9$95

Observações:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

24 HORAS

EUA contactam ANC

A administração Reagan iniciou contactos com o Congresso Nacional Africano e enviou duas vezes um funcionário do Departamento do Estado ao quartel-general do movimento, em Lusaca, para reunir-se com os seus líderes, revela o semanário «Newsweek». Segundo esta publicação norte-americana, altos funcionários dos EUA manifestaram interesse em estabelecer um «relacionamento» com o movimento nacionalista negro sul-africano, o ANC. O semanário afirma que funcionários do Departamento de Estado não negaram os contactos havidos, tendo todavia afirmado que decorreram «a um nível não político».

Mugabe na URSS

ROBERT Gabriel Mugabe, primeiro-ministro da República do Zimbabwe, iniciou hoje uma visita oficial à União Soviética a convite do PCUS e do governo soviético. O jornal «Pravda», que se refere à visita, manifesta a certeza de que a visita do primeiro-ministro zimbabweiano marcará «uma importante etapa no caminho do reforço da amizade e da cooperação fecunda entre os povos dos dois países amigos».

Kohl e a "fé germânica"

O chanceler alemão-federal Helmut Kohl, afirmando ter restabelecido o optimismo na RFA, confia num regresso ao poder do seu governo de coligação depois das eleições gerais de 1987, soube-se em Bona. O chefe do Partido Cristão-Democrata disse numa entrevista publicada em Bona pelo semanário «Deutschland» que os seus três anos como líder governamental tinham devolvido à economia, a prosperidade e dado aos jovens fé no futuro.

Vivissecção continua na Suíça

OS cidadãos eleitores suíços votaram ontem por maioria contra uma tentativa de abolir a vivissecção através de referendo — votação que opôs ferozmente os defensores dos direitos dos animais e a indústria farmacêutica. O projecto, lançado pelo proeminente ecologista e defensor dos direitos dos animais, Franz Weber, precisava de ganhar apoio não só da maioria dos eleitores como de mais de metade dos cantões suíços para entrar em vigor. Conhecidos os resultados, nem um único cantão tinha votado a favor no referendo, informou o governo.

Inglaterra auxilia RPM

A Grã-Bretanha vai investir dez milhões de libras em Moçambique em 1986 nomeadamente para recuperar a linha férrea entre a Beira e o Zimbabwe — anunciou a Rádio Moçambique. Esta estação emissora, que citava o embaixador britânico em Maputo, Eric Vines, adiantou que a verba será igualmente aplicada numa empresa de assistência técnica.

Samora subsidia artistas

O presidente Samora Machel de Moçambique ofereceu cem mil dólares a vários artistas moçambicanos para apoiar o desenvolvimento das artes plásticas no país — refere o semanário «Domingo».

O cheque foi entregue ao secretário de Estado da Cultura, Luís Bernardo Honwana durante uma cerimónia na presidência que registou a presença de alguns escultores moçambicanos.

Zona desnuclearizada

DEPUTADOS de cinco países da Europa do Norte apoiaram a continuação de estudos para a criação de uma zona desnuclearizada na região, apesar das reservas de deputados da Dinamarca e Noruega. O apoio foi expresso numa conferência de dois dias em Copenhaga, na qual participaram 100 deputados de 50 partidos representativos de um amplo espectro político e oriundos da Dinamarca, Finlândia, Islândia, Noruega e Suécia.

Reunião ministerial da NATO

OS «pontos fracos» da Aliança Atlântica perante os progressos realizados pelo Pacto de Varsóvia no domínio da tecnologia militar é o tema hoje em análise na reunião do Comité de Planeamento e Defesa da NATO, em Bruxelas. Na reunião participa o ministro português da Defesa, Leonardo Ribeiro de Almeida.

Criada ontem na África do Sul

Confederação multirracial de sindicatos reclama demissão de Botha

Elijah Barayi, líder do Sindicato dos Mineiros foi ontem eleito presidente da Confederação Sindical Sul-Africana que engloba perto de 1000 sindicatos. Mais de dez mil pessoas reunidas no King's Park de Durban, numa manifestação autorizada, festejaram a constituição da confederação.

Barayi fez um apelo ao presidente Pieter Botha para que apresente a demissão e transfira o cargo para o líder do Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela.

A criação da Confederação dos Sindicatos Sul-Africanos (COSATU) constitui o acontecimento mais importante no campo laboral, desde que os trabalhadores negros obtiveram o direito às sindicalização, em 1979.

A actual confederação, que é multirracial, está porém motivada para ir mais além das meras reivindicações económicas, com os seus 900 representantes sindicais, na sua maioria negros, que estiveram reunidos desde sexta-feira no recinto da cidade universitária de Natal, em Durbam.

Cyril Ramalhosa, secretário-geral do Sindicato Mineiro negro (NUM) disse ser evidente que a confederação terá um papel muito importante nos assuntos políticos deste país.

«Excessos» da Polícia

Entretanto um deputado da oposição branca sul-africana acusou em Pretória a Polícia de disparar de um helicóptero sobre 50 mil manifestantes negros, matando 13 e ferido dezenas de outros. Peter Soal, parlamentar do Partido Federal Progressista (PFP), pediu a criação de uma comissão judicial permanente para investigar frequentes alegações de **excessos da Polícia** em zonas onde se verificam motins e manifestações de negros contra o regime do «apartheid».

Condenação

Este fim-de-semana os países da Linha da Frente condenaram os Estados Unidos pela ajuda aos «bandos contra-revolucionários angolanos» e a África do Sul pela «política de desestabilizaçãl na África Austral».

A condenação vem expressa no comunicado final da reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros de Angola, Moçambique, Tanzânia, Zâmbia, Botswana e Zimbabwe realizada em Harare.

Os chefes da diplomacia dos seis países manifestaram a sua preocupação pela «falta de soluções» para o problema do **apartheid** e pela prossecução da «ocupação ilegal da Namíbia, em desafio da opinião pública internacional».

Congresso do MPLA aberto esta manhã

O II Congresso do MPLA-Partido do Trabalho foi aberto esta manhã em Luanda pelo Presidente José Eduardo dos Santos.

Este congresso decorre até ao próximo dia 9 e nele participam 700 delegados, em representação dos 35 000 membros do partido.

Presentes 50 delegações estrangeiras entre as quais a moçambicana, chefiada pelo Presidente Samora Machel. Também a delegação congolesa é dirigida pelo Presidente Denis Sassou-Nguesso.

A cerimónia solene de abertura assistiu igualmente o corpo diplomático acreditado em Luanda, incluindo o embaixador português, António Pinto da Franca.

Para os festejos oficiais de celebração do décimo aniversário da independência de Angola, a realizar a seguir ao fecho do congresso, foi convidado o ministro português dos Negócios Estrangeiros, Pedro Pires de Miranda (que antes de estar no Governo já por diversas vezes se deslocara a este país, como responsável pela companhia estatal de petróleos Petrogal).

Algumas dezenas de jornalistas estrangeiros fazem a partir de hoje a cobertura do II Congresso do MPLA, que deverá traçar as linhas básicas para o desenvolvimento económico e social de Angola durante os próximos anos.

Cimeira euro-árabe condena terrorismo

A Conferência Parlamentar Euro-Árabe condenou hoje o terrorismo pela primeira vez em 11 anos, na reunião que decorreu este fim-de-semana em Rabat.

No texto do comunicado final da conferência lê-se que «os parlamentares condenaram sem reservas todos os actos de terrorismo contra inocentes cometidos por indivíduos ou organizações e, em particular, por Governos que, sob o pretexto de represálias, violem o Direito Internacional e causem mortos e feridos entre civis inocentes».

Segundo fontes parlamentares europeias, esta condenação, que os legisladores europeus integrados nesta conferência esperavam há tempo, foi agora possível por alguns líderes dos países árabes, entre eles Yasser Arafat, terem escolhido a senda da moderação.

É precisamente a moderação empregada na redacção do comunicado final que explica, provavelmente, um certo mal-estar perceptível nalguns participantes árabes na conferência.

Alguns representantes árabes recordaram que, desde a Declaração de Veneza de 1980, em que a Comunidade Económica Europeia reconheceu a necessidade de associar a Organização de Libertação da Palestina às negociações sobre o conflito no Médio Oriente, não só nada se acrescentou a esta posição, como os países europeus parecem ter como única preocupação a segurança de Israel.

Foram também emitidas críticas sobre as relações económicas, desequilibradas entre os países europeus e árabes e, em particular, a posição, classificada como «mesquinha», da CEE, em relação aos países do Magreb.

Nesse âmbito, o documento final propõe que a ampliação do Mercado Comum Europeu à Espanha e a Portugal não prejudique os interesses económicos dos países em vias de desenvolvimento, e especialmente, os magrebinos.

Cimeira da CEE

Entretanto, a Trigésima Terceira Reunião dos Chefes de Estado ou de Governo das Comunidades Europeias começou hoje no Luxemburgo, com a participação dos primeiros-ministros de Portugal e Espanha.

Jacques Santer, primeiro-ministro do Luxemburgo, preside aos trabalhos da reunião dedicada à reforma do Mercado Comum e arranque da cooperação política entre os países membros da CEE.

Na cimeira participam os presidentes francês, François Mitterrand, e irlandês, Garret Fitzgerald, o chanceler da Alemanha Federal, Helmut Kohl e os primeiros-ministros da Grã-Bretanha Margaret Thatcher, Itália, Bettino Craxi, Holanda, Ruud Lubbers, Bélgica, Wilfred Martens, Dinamarca, Paul Schluter e Grécia, Andreas Papandreou, e o presidente da Comissão Europeia, o francês Jacques Delors.

Nobel da Paz

Kohl e Strauss contra concessão a médico soviético

O chefe do governo alemão federal Helmut Khol e o chefe do governo bávaro Franz Josef Strauss manifestaram-se contra a entrega do Nobel da Paz de 1985 ao médico soviético Yevgeny Chazov.

Em carta enviada ao Comité Nobel, Khol e Strauss fundamentam o protesto no facto de, em 1973, Chazov ter firmado, com 24 outros membros da Academia de Ciências da União Soviética, uma carta contra o físico e dissidente soviético Andrei Sakharov, Nobel da Paz em 1975.

Chazov lidera com o norte-americano Bernard Lown a Associação Internacional de Médicos para a Prevenção da Guerra Nuclear, galardoada este ano com o Nobel da Paz.

Khol e Strauss apelam para que seja recusada a concessão do prémio ao médico soviético, alegando que a carta assinada em 1973 por Chazov «iniciou, sem dúvida, uma campanha contra Sakharov, que conduziu ao desterro deste na localidade de Gorki».

Assina também a carta ao Comité o secretário-geral dos democratas-cristãos da Alemanha Federal, Heiner Geissler.

Mário Soares esta noite com desportistas

O Movimento de Apoio a Mário Soares à Presidência da República promove hoje, pelas 20 e 30, na Casa do Leão (Castelo de S. Jorge) um jantar do candidato com desportistas, devendo estar presentes atletas, dirigentes, técnicos e jornalistas que firmaram as listas que credibilizaram a corrida para Belém do ainda recente primeiro-ministro e secretário-geral do Partido Socialista.

ATLETISMO

Canário vence em Paris

- Irmãos Castro "passeiam em Madrid"
- "GP" Pão de Açúcar deu "fiasco"

pág. 18

Futebol de 1.ª

Poucos golos, sofrimento dilatado

Neves de Sousa

Foram dezoito golos: apenas. O triunvirato de comandantes permancendo incólume mas o quarto da corrida (Guimarães) a ficar tocado pelo **curare** na ponta da flecha do Boavista. E, lá pela cauda, entre os veneradores do trono, Covilhã (baleado pelo «doping» há semanas recolhido em três elementos e todo a tremelicar estrategicamente) mais um Penafiel largo tempo entediado e bastante tardio na chamada — apelo a Fernando Cabrita, permanecendo mais últimos e como que siderados na galopada.

Porto (4-2 ao Marítimo, três tentos do argelino Madjer a marcarem destaque muito especial), Benfica (o habitual e suficiente golo de Nené, rendido mais tarde por Pietra, a fazer com que o senhor da Luz tivesse de apresentar seis «backs» e um guarda-redes perante os «pardalitos do Choupal) e Sporting (magro disparo certeiro do «capitão» Manuel Fernandes, guardado tão avaramente que Morato foi obrigado a ver o **icterícia** para evitar que o antigo recruta caseiro, o brasileiro Jason, fizesse equilibrar a balança) continuam dominando o panorama.

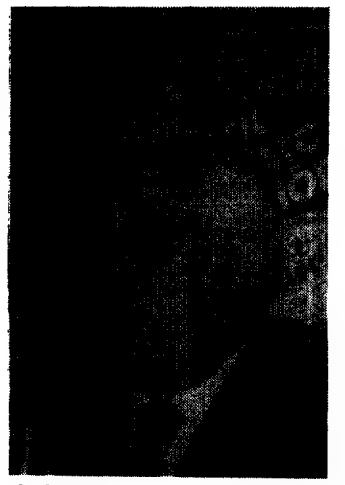
Os «dragões» abriram a construção por Gomes: rasteira de Quim II (nem esboço de perigo na frontaria...) e o jovem árbitro António Marçalo, infinitamente superior ao péssimo trabalho do seu auxiliar Francisco Goulão, a marcar posição de nítido relevo n campo dos juízes portugueses. Destaque especial e bem merecedor de ovação: os tentos madeirenses (Eco, Blagodjevic) obtidos face a Matos, ontem o substituto de um Zé Beto irreverente e traquina, mas recordado nas Antas, nesta plúmbea tarde que abriu Dezembro.

Fernando Alberto teve alguns problemas de apreciação, em Coimbra: quem não esteve com meias medidas foi o sempre velho e eterno Nené: Álvaro

Continua na pag. 16

Gomes mostra a botinha doirada

Alvalade: árbitro portuense José Guedes no centro da ebulição



O dr. Ricardo Jorge Correia da Fonseca: à frente do Totobola com aplauso unânime

Totobola: 25 anos

Está em festa o Departamento de Apostas Mútuas da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa: completam-se hoje 25 anos sobre o nascimento do Totobola e isto foi pretexto para uma conferência de Imprensa que se prolongou por almoço, no lisboeta Hotel Tivoli. Um motivo mais para o dr. Ricardo Jorge Correia da Fonseca, director do Totobola/Totoloto e figura altamente prestigiada no Intertoto (onde desempenha funções de vice-presidente e a sua palavra é sempre atentamente escutada) estar ligitimamente orgulhoso da obra social que tem sido possível graças ao incentivo das Apostas Mútuas Desportivas, espécie de Fundação Calouste Gulbenkian para clubes e agremiações da nossa área.

Neste dia em que um quarto de século vive já no historial do Totobola, um desejo bem firme: que quando este tempo dobrar, a mesma confiança continue presidindo ao jogo que envolve milhões e que conquistou milhões para auxiliar outros milhões.

Andebol

Belenenses e Sporting escaparam à "nortada"

As horas da jornada vão inteirinhas para as equipas do Belenenses e do Sporting, que regressaram vitoriosas da sua difícil deslocação aos recintos do Académico de Braga (orientado pelo competente Antonio Cunha) e da Sanjoanense.

Quanto aos portistas, regista-se o seu excelente triunfo obtido frente ao Vitória de Setúbal (treinado pelo actual seleccionador Manuel Manita). Após esta 12.ª jornada o Belenenses mantém a posição de líder com três pontos de avanço sobre o Sporting e quatro em relação ao FC Porto e ao Benfica.

pág. 18

Basquetebol

Ovarense "trava" portistas

Após a dupla jornada do último fim-de-semana três equipas asseguraram já a passagem à fase seguinte (FC Porto, Benfica e Sangalhos) enquanto que a Académica de Coimbra, Olivais e Imortal de Albufeira se encontram condenados a integrar o grupo secundário. No que respeita aos demais seis concorrentes a luta prossegue com a particularidade do Barreirense e a turma de Ílhavo (Illiabum) terem a missão mais facilidade, em função do calendário lhes ser mais favorável.

A Ovarense e o Sangalhos foram os grandes triunfadores desta dupla jornada já que a primeira derrotou no sábado a Sanjoanense para no dia seguinte vencer o líder e a turma bairradina derrotou (fora) o Barreirense e o Imortal.

pág. 18

"Off-Side": uma lágrima

Não é preciso recuar muito: aqui mesmo, nas páginas do meu jornal, intitulei **Tiro e queda** o primeiro baixar da bandeira do «Off-Side», companheiro semanal de leitura que muito aplaudia pelo seu português sadio, pelo modo gostoso como comentava os problemas mais agudos, pelo tom alegre com que inoculava nos adeptos dos grandes desportos a esperança no amanhã, lado-a-lado com o recorte pessoal das figuras maiores que nos era transportado, porta-a-porta.

Pois, amigos, três anos (203 números) fizeram a sua história, alongada em duas séries e abruptamente enegrecida pela inexorável lei do cifrão. Não importa que Alexandre Pais (nosso antigo companheiro de Redacção) tenha conseguido reunir uma turma jovem e ambiciosa: desde Filomena Araújo a José Paulo Canelas, foi uma torrente de revelações que ficam marcando, pelos tempos, este «Off-Side» que parecia destinado a ficar como um dos poucos cartazes do jornalismo desportivo português. Infelizmente, o edifício desmoronou-se.

Nunca se podem encontrar palavras que definam perfeitamente a morte de um jornal. Esperemos (apenas e só) que, um dia destes, voltemos a ver cintilar, por aí fora, dentro do jogo e pleno de vida, um continuador da mesma irreverência que fez sinal dos tempos em «Off-Side».

Trio de corcéis não despega

Continuação da pág. 15

pescou um lance perdido, endossou ao **cabeça fria** e, pronto! Mortimore até se atreveu a meter em terreno Vítor Duarte, ex-conimbricense a render o saltitante Vando do samba excêntrico e sem progressão. Um Benfica com mais de meia dúzia de homens na cobertura da sua baliza diz bem da dificuldade em embolsar dois pontos na Lusa Atenas.

Bem: quanto à Alvalade e para além do solitário tento que a cabeça de Manuel Fernandes converteu após recolha do centro de Litos, registe-se a profusão da amostragem do rectângulo solarento (Gabriel, Morato, Saucedo, Edmundo, Formosinho e para o técnico Tomé) e a tenacidade do sucessor de Manuel Oliveira na estreia como comandante sadino, nesta esgrima com Manuel José e seus pupilos, altamente moralizados para o embate com os bilbaínos mas a sentirem, na carne e no espírito, a forçada ausência do lesionado Meade e do castigado Jordão.

Em resumo: lá pela vanguarda, tudo inquebrantável. Só o Vitória de Guimarães na conversa com boavisteiros, regressou do Bessa sentindo nos calcanhares os alunos de João Alves: 3-2 favorável aos camisolas xadrez diz da dificuldade na ultrapassagem como da resistência minhota. Tentos por Frederico, Tonanha, Filipovic e Cascavel (2). Isto, enquanto o Desportivo de Chaves (parabéns, Raul Aguas) continua, passinhos de lã, a caminhada para um objectivo ainda longe de esclarecer: António Borges assinou o golo que vergou o Penafiel. Exactamente o mesmo aplauso vai (direitinho e embrulhado em ouro) para Humberto Coelho: não é qualquer um que vai a Braga e, mesmo defronte da equipa que suspira por Quinito e não se acomodou perfeitamente às ideias do oscilante Henrique Calixto, bater o pé e embolsar os dois pontos equacionados. Rui França deu tranquilidde maior ao defesa que marcou época no futebol português: oxalá possa também, neste ano de estreia como técnico em plano superior, prolongar a fama e a glória.

Restelo, castelo belenense, rejubila com os primeiros passos do belga Depireux: foi ao Bonfim e ganhou, entrou em casa e goleou serranos. Kostov, Paulo Antunes e Ademar fizeram os tentos que chegaram e sobraram para agradável e eufórica festa azul, enquanto o Covilhã, vergado ao anátema do «doping» positivo em três artistas, fica mais oscilante no pântano do último degrau. E, quanto ao Aves - Portimonense, o mal e o brilho dividido pelos dois estandartes: nada de golos, nenhum aborrecimento e um pontinho em cada bornal.

Num relance e ao correr do pano: primeiros mais na vanguarda, rés-do-chão turbilhonante. Que dirá a ronda 13? Fatídica ou consoladora para as esperanças de cada adepto? A nova etapa de um «clássico» que esteve interrompido (Benfica -Belenenses), Porto viajando até um António Morais sedento de descer guilhotina (modo único de continuar na estrada de ouro), Sporting confraternizando com amigos da casa mas fora da difícil Serra da Estrela. E, depois, seja o leitor o juiz: entre o palpite certo para o Salgueiros - Académica e a certeza também garantida no tocante ao Setúbal - Boavista vai uma distância de muitos palmos. Tantos que ninguém se afoita, mesmo dono de milhões, a apostar corajosamente num «placard» com direito a totobola único. Que, nisto do futebol, o diabrete é mais irreverente do que possa pensar-se.

Neves de Sousa

Futebol graúdo: 18 tentos

Para a história, registem-se os nomes e números da ronda n.º 12 do campeonato nacional de futebol: Aves-Portimonense, 0-0; Chaves-Penafiel, 1-0; Braga-Salgueiros, 0-1; Académica-Benfica, 0-1; Belenenses-Covilhã, 3-0; Sporting-V. Setúbal, 1-0; Boavista-V. Guimarães, 3-2 e FC Porto-Marítimo, 4-2.

Restelo: belenense Djão tenta romper. Não foi preciso: médio fizeram a vitória «azul»

Marcadores

O dianteiro sportinguista Manuel Fernandes mantém-se como melhor marcador do campeonato da 1.ª divisão, após a 12.ª jornada. O argelino Madjer, (do FC do Porto), foi o principal marcador da jornada, com três golos nas Antas ao Marítimo (do Funchal). Manuel Fernandes e o «bota de ouro» Gomes, assinaram um tento cada nesta rodada que rendeu 18 golos. Melhores marcadores: Manuel Fernandes (Sporting) 13 golos; Gomes (FC Porto) 10; Manniche (Benfica), Nené (Benfica) 7; Carlos Manuel (Benfica), Paulinho Cascavel (V. Guimarães) 6; Filipovic (Boavista), Madjer (FC Porto), Roldão (V. Guimarães) 5.

Porto: outro lesionado

O guardião Zé Beto, um dos titulares ausentes na equipa do FC Porto que defrontou o Marítimo, saberá hoje a gravidade da lesão contraída num treino. Zé Beto lesionou-se num joelho na passada 6.ª feira num treino nas Antas, ao cair mal na sequência de uma intercepção a um cruzamento, havendo suspeitas de ruptura de ligamentos ou de uma inflamação nos ligamentos exteriores. O guarda-redes será hoje submetido a um diagnóstico mais completo, devendo permanecer inactivo cerca de um mês.

Divisão 2

Os resultados da 10.ª jornada do «Nacional» de Futebol da 2.ª Divisão foram os seguintes, na Zona Norte: Varzim - Tirsense, 1-0; Rio Ave - Leixões, 2-1; Espinho - Paços de Ferreira, 1-0; Moreirense - Amarante, 3-0; Famalicão - Gil Vicente, 1-0; Fafe - Vizela, 1-1; Lourosa - Felgueiras, 3-4; Paredes - Vianense, 1-1. Classificação: 1.º, Rio Ave, 15 pontos; 2.º, Vizela, 14; 3.ºs, Fafe, Felgueiras e Varzim, 13; 6.º, Leixões, 12; 7.ºs, Paços de Ferreira, Lourosa e Famalicão, 11; 10.ºs, Tirsense e Espinho, 9; 12.º, Gil Vicente, 8; 13.º, Vianense, 6; 14.ºs, Amarante, Paredes e Moreirense, 5.

Zona Centro: Elvas - Peniche, 3-0; Almeirim - Alcobaça, 3-0; Caldas - Académico de Viseu, 1-2; Águeda - União de Coimbra, 6-1; Torriense - Feirense, 3-1; Malgualde - Beira-Mar, 1-0; Viseu e Benfica -União de Santarém, 1-0; União de Leiria - Estrela de Portalegre, 2-1. Classificação: 1.º, Elvas, 15 pontos; 2.º, Feirense, 14; 3.ºs, Estrela de Portalegre e Águeda, 12; 5.º, Beira-Mar, 11; 6.ºs, Peniche, União de Coimbra, Torriense e Mangualde, 10; 10.ºs, Académico de Viseu, União de Leiria e Viseu e Benfica, 9; 13.ºs, União de Santarém e Almeirim, 8; 15.º, Calcas, 7; 16.º, Alcobaça, 6.

Zona Sul: Lusitano de Évora -Sacavenenes, 0-1; Farense -União da Madeira, 2-1; Torralta - Estoril, 0-1; Silves - Atlético, 2-0; Montijo - Barreirense, 1-0; Oriental - Cova da Piedade, 0-1; Estrela da Amadora - Olhanense, 2-1; Nacional - Juventude de Évora, 3-1. Classificação: 1.º, Farense, 15 pontts; 2.ºs, União da Madeirane Montijo, 14; 4.ºs, Estoril e Estrela da Amadora, 13; 6.º, Silves, 12; 7.ºs, Olhanense e Cova da Piedade, 11; 9.ºs, Lusitano de Évora e Nacional, 9; 11.ºs, Atlético e Oriental 8; 13.º, Barreirense, 7; 14.ºs, Torralta e Sacavenense, 5; 16.º, Juventude, 4.

Divisão 3

Desfechos da rodada 10 do «Nacional» da 3.ª Divisão, na Série A: Limianos - Vieira, 0-1; Mirandela - Ponte da Barca, 1-0; São Martinho - Monção, 2-1; Santa Maria - Bragança, 1-1; Esposende - Joane, 2-0; Macedo de Cavaleiros - Merelinense, 2-0; Valenciano - Cachão, 1-0; Valdevez - Trofense, 2-0. Líder: Esposende, com 16 pontos.

Série B: Vilanovense - Ovarense, 0-1; Lixa - Ermesinde, 2-0; União de Lamas - Valonguense, 1-1; Régua - Lamego, 4-1; Sanjoanense - Cesarense, 0-0; Marco - Vila Real, 3-0; Freamunde - Lousada, 2-0; Infesta - Oliveira do Douro, 5-0. Líder: Freamunde, com 18 pontos.

Série C: Gouveia - Poiares, 3-0; Marialvas - Oliveira do Hospital, 0-0; Estarreja - Penalva do Castelo, 3-0; Anadia -Oliveirense, 1-1; Alba - Oliveira do Bairro, 2-2; Guarda -Santacombadense, 1-1; Naval Vilanovense, 4-1; Mealhada -Luso, 2-2. Líder: Oliveira do Bairro, com 16 pontos.

Série D: Rio Maior - Marinhense, 0-3; Bombarralense -Guiense, 6-0; Eléctrico - Alcains, 3-0; Fundão - Paroquial de Fátima, 3-0; Benfica de Castelo Branco - Lousanense, 1-0; Alvaiazere - Águaias 2-1; Nazarenos - Mirense, 1-0; Portalegrense - Usseira, 1-0. Líder: Marinhense, com 18 pontos.

Série E: Santa Clara - Fanhões, 1-0; Cacém - Odivelas, 2-0; Vialonga - Vilafranquense, 3-2; Almada - Sport Lisboa e Olivais, 0-1; Lusitânia -Praiense, 2-0; Olivais e Moscavide - Estremoz, 2-0; Samora - Sintrense, 1-0; Campomaiorense - Elvense, 3-0. Líder: Lusitânia, com 15 pontos.

Série F: Louletano - Montemor, 2-1; Imortal - Amora, 0-1; Esperança de Lagos - Santiago do Cacém, 1-3; Quimigal - Estrela de Vendas Novas, 1-0; Comércio e Indústria - Aljustrelense, 2-1; Sesimbra - Moura, 2-2; Vasco da Gama - Quarteirense, 1-0; Seixal - Campinense, 1-2. Líder: Santiago do Cacém, com 17 pontos.

Juniores

Resultados da 7.ª jornada do campeonato nacional de juniores. **SÉRIE A:** Gil Vicente -Chaves, 2-1; Guimarães -Braga, 0-0; Famalicão - Varzim, 1-1; Cabeceirense - Vianense, 1-3 e Merelinense - Macedo Cavaleiros, 0-1. Líderes: Varzim e Braga, 12 pontos. **SÉRIE B:** Oliveira de Frades -Régua, 1-3; Avintes - Rio Ave, 4-0; Leixões - Lourosa, 4-2; Vila Real - P. Ferreira, 3-3 e FC Porto - Tirsense, 3-0. Líder: FC Porto, 14 pontos. **SÉRIE C:** Anadia - Guarda, 1-1; Gouveia -Mortágua, 3-1; Águeda -Beira-Mar, 0-0 e Oliveira do Hospital - Repesenses, 1-1. Líder: Académica, 11 pontos. **SÉRIE D:** Alcobaça - Marinhense, 1-2; Bombarralense -Alferrarede, 0-1; U. Coimbra -Nazarenos, 2-0; U. Santarém -Caldas, 0-2 e U. Leiria -Cebolense, 6-0. Líder: U. Coimbra, 13 pontos. **SÉRIE E:** Atlético -Olivais e Moscavide, 1-3; Oriental - Vendas Novas, 2-1; Belenenses - C. Piedade, 7-0; Alter - Sporting, 0-1 e Benfica -E. Amadora, 1-0. Líderes: Sporting e Benfica, 13 pontos. **SÉRIE F:** Ferreirense - Torralta, 0-7; V. Setúbal - Quimigal, 1-0; Silves - Lusitano, 3-0; Barreirense - Farense, 0-2 e Seixal - Beja, 0-0. Líder: Torralta, 13 pontos.

Manuel Ferandes: «capitão» dos «leões» falhou aqui mas faria o único tento lisboeta em golpe de cabeça

Graça Oliva: adeus a fará nascer um dirig

Mais de meio milhar de amigos rodeou o árbitro internacional Graça Oliva, no momento em que diz adeus aos campos de futebol e guarda no relicário das suas melhores recordações as insígnias de juiz da FIFA, que estão apenas ao alcance de muitos raros. No restaurante do Estádio da Luz, cheio a transbordar, desaguaram torrentes de telegramas e cartas, fizeram-se ouvir palavras tocadas do sentimento do mais respeitoso, lembranças que ficaram perpetuando a despedida oficial do homem que, não apenas no comando do Núcleo dos Árbitros de Futebol de Loures mas, mais longe, em diversos países de diferentes continentes, arbitrou jogos da maior responsabilidade enaltecendo a figura do juiz português e obrigando, UEFA como FIFA, a reparar cuidadosamente no futebol deste canto da Europa.

Um acidente, na sua quinta (em Castanheira de Pêra) rouba-o à arbitragem activa: mas jamais fará fenecer a vontade hercúlea de Viriato Graça Oliva, que promete ainda muito à causa a que se devotou quando iniciou uma cruzada que o encaminhou à direcção de cerca de 900 jogos oficiais. Algumas vezes duramente criticado, em muitas oportunidades louvado e incensado, Graça Oliva conseguiu um quase milagre; na hora da oficial despedida dos campos ter a seu lado, em reunião confluente, larga fatia de admiradores e quota dilatada de bons e autênticos amigos: dirigentes como o professor Duarte Leal (director do IND), federativos como Amândio de Carvalho e

Alvalade: tento anulado ao Sporting

Boavista: a alegria do golo

Madjer: uma «indesejável» presença para os guarda-redes

Futebol de salão tem já curso de técnicos

Num passo decisivo e inédito para o nosso meio, quebrando uma apatia que se prolongou por dezenas de anos durante os quais as entidades que exclusivamente regiam o desporto-rei em Portugal marginalizaram totalmente o futebol de salão, aí temos mais uma bela realização da Associação de Futebol de Salão de Lisboa: o 1.º curso de técnicos da modalidade, que se inicia amanhã, pelas 20 horas, no Auditório do Instituto Nacional dos Desportos (Rua Almeida Brandão, 39, em Lisboa).

É uma iniciativa que vem dar resposta à lacuna alargada em anos de passividade e ostracismo a um ramo do futebol praticado por dezenas de milhares de adeptos de todos os escalões etários: e espantosamente durante 30 anos nenhuma federação ou associação lhes tinha dado a mão, disciplinando a sua prática através de legislação universalmente aceite e padronizada, muito em especial após o nascimento da FIFUSA (Federação Internacional do Futebol de Salão) que, dirigida pelo brasileiro Januário d'Alessio, já tem como soberano «palmarés» a realização de dois campeonatts mundiais, respectivamente no Brasil e em Espanha, nesta última com participação do «cinco» nacional das quinas, nascido do entusiasmo e dedicação de Eduardo Ramos que, há pouco mais de um ano (de braço dado com Eusébio) conseguiu lançar a trape mestra que estrutura todo o nosso futebol de salão.

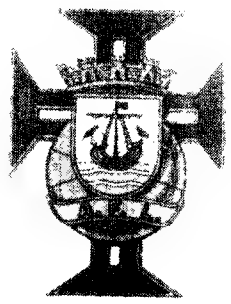
Não seria possível fomentar, divulgar e moralizar uma modalidade desportiva sem que exista um número suficiente de técnicos competentes, possuidores de formação multifacetada e adequada à tarefa primária de irradiar e difundir o interesse pelo futebol de salão especialmente no escalão etário mais jovem e (por isso mesmo) mais prometedor para a constante renovação de valores.

O elenco de individualidades que preenche o núcleo de prelectores responsáveis deste 1.º Curso de Técnicos de Futebol de Salão dá, «à priori», seguras e inequívocas garantias de êxito e sucesso da iniciativa, não só pelo perfil, talento e vasto conhecimento do fenómeno desportivo (nacional e internacional) mas, sobretudo, pela experiência acumulada em acções similares, desenvolvidas em outras facetas desportivas.

O simples enunciado dos nomes que vão dialogar com os técnicos de futebol de salão diz da sua validade: o professor João Barnabé (técnico do «staff» do Sporting) é o director do curso, secretariado por Manuel Rodrigues (ex-internacional de futebol de onze), Ana Paula Ferreira dos Santos Castro e José Jorge dos Santos Tavares, estando a comissão pedagógica confiada aos drs. Rui Pires, Manuel Sérgio (licenciado em História e Filosofia e docente do Instituto Superior de Educação Física de Lisboa) e Branco do Amaral (licenciado em Medicina e ex-director-geral do Apoio Médico). Outros prelectores: dr. Marcos Barroco (licenciado em Medicina e director do Centro de Medicina Desportiva de Lisboa), dr. José Feio (licenciado em Medicina, médico das Forças Armadas e do Atlético), dr. Sidónio Serpa (licenciado em Educação Física e Psicolocia, dOcente do ISEF), dr. José Alves (licenciado em Psicologia e docente do ISEF), professores Jorge Palaio e Alexandre Paiva (licenciados em Educação Física e treinadores de futebol), enfermeiro José Veiga (massagista do Sporting e enfermeiro fisioterapeuta nos Hospitais Civis de Lisboa), José Eduardo (presidente do Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol e treinador da selecção nacional de futebol de salão), Maranhas de Abreu e Raul Martins (árbitros de futebol) e os jornalistas Fernando Correia (Rádio Comercial, «Gazeta dos Desportos» e «diário»), Costa Martins (Antena Um), Ribeiro Cristóvão (Rádio Renascença), Wilson Brasil (Rádio Comercial e «Gazeta dos Desportos»), Ricardo Tavares («Record» e «Foot»), Eduardo Miragaia («Gazeta dos Desportos»), Vítor Serpa («A Bola»), Mário Rui (RTP) e Neves de Sousa («Diário de Lisboa», Rádio Comercial, «Semanário» e vice-presidente da direcção da Associação de Futebol de Salão de Lisboa).

Amanhã, pelas 20 horas, na sessão inaugural do curso, usará da palavra Eduardo Ramos (presidente da AFSL) seguindo-se Neves de Sousa (nosso camarada de Redacção) que falará de «O futebol de salão e o futuro», concluindo-se a reunião com o dr. Manuel Sérgio dissertando sobre «Ética e deontologia do treinador». Para 4.ª feira, o leitor pode já anotar: «Psicologia desportiva» (dr. José Alves), «Medicina desportiva: fisiologia do esforço» (dr. Marcos Barroco) e «Leis de jogo» (Raul Martins). Quinta-feira, eis o programa: «Organização de treino e planeamento» (professores Jorge Palaio e João Barnabé), «Psicologia desportiva» (professor Sidónio Serpa), «Leis do jogo» (Maranhas de Abreu) e «Massagem e primeiros socorros» (enfermeiro José Veiga). Depois, será por aí adiante, até 19 do corrente.

AFL: 75 anos



A Associação de Futebol de Lisboa completou, a 23 de Setembro, 75 anos de existência ao serviço do futebol. Do programa comemorativo desse marco da sua história consta um jantar de confraternização que terá lugar na próxima 6.ª-feira, pelas 20 horas, na Sala Ogival do Castelo de S. Jorge, com a esperada presença de entidades oficiais, presidentes de Associações congéneres, representantes da Federação, enviados de clubes filiados e elementos dos diversos órgãos de Comunicação Social.

...s ao árbitro ...igente?

César Grácio, antigos chefes da arbitragem (Rafael Rodrigues, eng.º Sousa Loureiro, dr. António Manuel Pereira), nomes que também à arbitragem têm dedicado o interesse maior (Ismael Baltasar, porém, Luís, António Garrido, Adelino Antunes, Armando Paraty, Inácio de Almeida, Ezequiel Feijão, Júlio Durand, Marques Pires) especialmente António Calheiros, Joaquim Campos e Tavares da Silva (os juízes que encabeçaram a Comissão Executiva da festa), o seleccionador nacional José Torres, o dr. Camacho Vieira, Palmeiro Antunes, o professor Rui Silva e, fazendo as honras da casa benfiquista, o presidente Fernando Martins, Júlio Borges, o brigadeiro Rodrigues de Carvalho, Domingos Claudino e o técnico Fernando Caiado.

Neste almoço no «Ninho das Águias», houve fados (dr. Manuel Branquinho, António Paulo e pelo antigo futebolista Pedro Silva), estiveram jornalistas dos mais importantes órgãos da Comunicação Social e foram proferidas palavras de muito agradecimento pelo trabalho desenvolvido por Graça Oliva no campo da arbitragem e, também, pelo que poderá ainda ser rubricado, também nesse primordial sector do jogo-rei, por um cidadão cuja honestidade sempre esteve **«acima de qualquer suspeita»**. Sábado, a festa durou seis horas: foi o reviver de uma carreira que, travada num terreno, vai ainda dar muito que falar em torno da defesa da bandeira da arbitragem futebolística. Assim o esperamos.

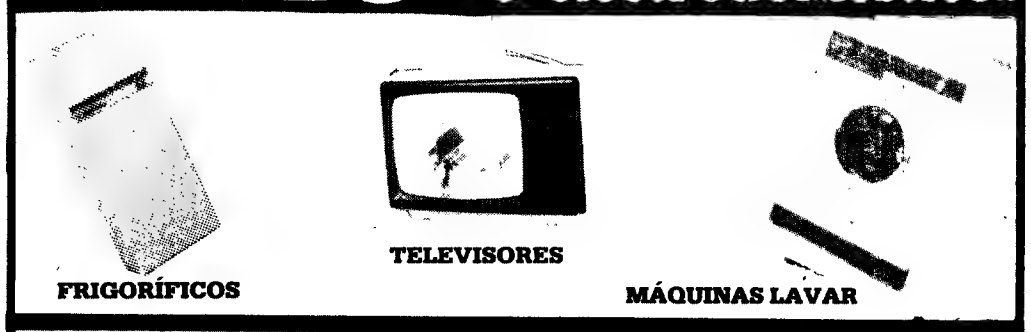
N. de S.

Totobola
Jogue connosco

Concurso n.º 49/85
8 de Dezembro de 1985

Guimarães-Porto	x
Covilhã-Sporting	2
Benfica-Belenenses	1
Aves-Chaves	x
Penafiel-Braga	1
Salgueiros-Académica	1
Setúbal-Boavista	1
Portimonense-Marítimo	1
Varzim-Rio Ave	1
Gil Vicente-Fafe	2
Ac. Viseu-Águeda	x
Lusitano-Farense	2
Atlético-Montijo	x

ADÃO móveis e electrodomésticos



CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	G	P
1.º FC PORTO	**12**	**9**	**2**	**1**	**25-10**	**20**
2.º Benfica	12	9	1	2	29- 6	19
3.º Sporting	12	9	1	2	27- 8	19
4.º V. Guimarães	12	6	4	2	16-10	16
5.º Boavista	12	6	3	3	19-12	15
6.º Desp. Chaves	12	6	2	4	13-15	14
7.º Portimonense	12	4	4	4	9-10	12
8.º Belenenses	12	3	5	4	14-12	11
9.º V. Setúbal	12	3	4	5	11-14	10
10.º Académica	12	2	6	4	9-15	10
11.º Salgueiros	12	4	2	6	8-18	10
12.º Braga	12	4	1	7	13-18	9
13.º Marítimo	12	4	0	8	11-24	8
14.º Desp. Aves	12	2	3	7	10-18	7
15.º Penafiel	12	2	2	8	5-18	6
16.º Sp. Covilhã	12	2	2	8	8-19	6

Próxima jornada: Aves-Chaves; Penafiel-Braga; Salgueiros-Académica; Benfica-Belenenses; Covilhã-Sporting; V. Setúbal-Boavista; V. Guimarães-FC Porto e Portimonense-Marítimo.

TOTOBOLA

1. Sporting-Setúbal 1
2. Académica-Benfica 2
3. Aves-Portimonense X

4. Chaves-Penafiel 1
5. Braga-Salgueiros 2
6. Belenenses-Covilhã 1

7. Boavista-Guimarães 1
8. Espinho-P. Ferreira 1
9. Fafe-Vizela X

10. Torriense-Feirense 1
11. Mangualde-Beira-Mar 1
12. Farense-União 1
13. Torralta-Estoril 2

TOTOLOTO

10-16-32-34-35-44=5

EXPOSIÇÃO DE MÓVEIS: (aberto até às 21 horas)
na Estrada da Falagueira, 14-B e C • ☎ 494 20 22 • AMADORA
FACILIDADES DE PAGAMENTO
FILIAL RUA GIL VICENTE 7-5 (PERTO DA ESTAÇÃO DA CP) AMADORA

Pedalar para fugir à miséria dourada

LUÍS VARGUES *(para Ricardo Tavares, no «Record»):* **«a partir de certa altura, numa atitude que, minimamente, tem de ser considerada incorrecta, o Lousa deixou de me pagar e quase tive de ir pedir esmola ao Olhanense, clube que continua a ajudar-me, graças (particularmente) à destacada intervenção do sr. Júlio Favinha».** *Vargues (nascido na Moita do Ribatejo há 25 anos) operado recentemente aos ligamentos do joelho esquerdo pelo dr. Branco do Amaral, pai de um menino de três anos, a mulher desempregada, ele próprio* **«ciclista profissional»** *num país onde a velocipedia é considerada «desporto amador»...*

Prémios olímpicos Patrícia Jorge e Cunha e Silva

De entre as candidaturas apresentadas pelas federações nacionais, foram escolhidos pelo Comité Olímpico Português para o «Prémio Juventude» da Associação dos Comités Nacionais Olímpicos Europeus, a ginasta Patrícia Jorge (15 anos) e o tenista João Cunha e Silva, (18 anos). Os currículos destes dois desportistas foram razão bastante forte para a escolha dos seus nomes para este prémio europeu.

Operação Seul/88

No seguimento das acções similares realizadas desde 1984 o Comité Olímpico Português vai organizar de 27 a 29 do corrente, nas instalações do Complexo Turístico da Torralta (em Tróia), a IV Operação Seul/88.

Golfe

Português vence "open" da TAP

O português José Luís Faria foi o vencedor do VIII «open» Tap de golfe para amadores, ao totalizar 274 pancadas nos 72 buracos que compunham a prova, que decorreu nos «greens» da Penina e de Palmares, no Algarve. cuja classificação final foi a seguinte:

1.º José Luís Faria (Portugal) — 274 — (70-71-66-67); 2.º Terry Pond (GB) — 287 (75-73-74-65); 3.º Peter Fleischhauer, Alemanha Federal, 287 (74-74-71-68).

Embolia cerebral mata jogador francês

O jogador francês Othoniel que participava no oitavo «open» da Tap de golfe amador, faleceu ontem no Hopsital de S. José.

Othoniel teve um desfalecimento sábado durante a jornada do «open» da Tap, tendo sido tranportado para o hospital de Faro e depois para o Hospital S. José em Lisboa onde chegou cerca da 1 hora de domingo, dando entrada nos serviços de urgência daquela unidade hospitalar ainda com vida, vindo a falecer pouco depois. Contudo os serviços de informação do hospital recusaram-se a revelar as causas da morte.

Othoniel entrou no Hospital de Faro com suspeitas de embolia cerebral.

Ontem, em Paris

Canário "cantou" vitória

Ezequiel Canário venceu categoricamente o 16.º Crosse Internacional Palerin-Magazine disputado no Parc de Vences, nos arredores de Paris. O percurso de 8 quilómetros foi percorrido em 23,28 minutos tendo o francês Arpin Paul cortando a meta dez segundos depois e com 23,48 classificou-se (3.º) o inglês Miladsoroz Toni.

Joaquim Pinheiro (também com a camisola do Sporting) obteve a 8.ª posição com o tempo de 24,20 e Carlos Capítulo foi forçado a desistir a meio da prova por ter sido vítima de uma queda ainda que sem gravidade.

Gémeos vencem em Madrid

Os irmãos Domingos e Dionísio Castro foram as grandes figuras do troféu «Akiles» disputado nas cercanias de Madrid na distância de 10 quilómetros. Os gémeos representates do Sporting, dominaram totalmente a prova e cortaram a meta lado a lado tendo o triunfo pertencido a Domingos por acordo estabelecido entre ambos. O tempo gasto pelos vencedores foi de 29,51 tendo o 3.º classificado (o espanhol Vicente Anton) gasto o tempo de 30,36. Outro português presente nesta prova foi Manuel Machado em representação do Grupo Desportivo 1.º de Maio (Famalicão) que cortou a linha final na 36.ª posição com o tempo de 33,16.

Mamede não aceitou a verba proposta

Para participar neste crosse a organização contava com a presença de Fernando Mamede só que este não concorcou com a verba de 500 contos que lhe foi proposta não aceitando correr por menos de oitocentos contos.

Leitão: 17.º em Barcelona

Ontem em Barcelona, e com a presença do presidente do Comité Olímpico Internacional, disputou-se o tradicional «Troféu Jean Bouin» participado por cerca de 15 mil atletas. Presentes os portugueses António Leitão e Fernando Couto que foram integrados no grupo dos 70 concorrentes à prova principal.

Digamos que esta presença dos nossos dois excelentes atletas foi marcada pela modéstia já que Coputo foi 14.º, enquanto Leitão não fez melhor do que o 17.º lugar.

Anarquia orgânica no «GP» Pão de Açúcar

Uma deficiente organização que nem sequer deu o tiro de partida permitindo que cerca de 3 mil atletas saíssem espontaneamente antes da hora marcada assinalou de forma negativa o grande prémio «Pão de Açúcar» ganho por Aurora Cunha e José Abreu.

A partida verificou-se nos Olivais e a organização revelou-se deficiente na sua estrutura para o «peso» de três mil atletas, o maior número jamais registado em prova em Lisboa.

O facto de os prémios serem aliciantes — o vencedor recebeu uma televisão a cores, três libras em ouro e senhas de supermercado — levou a que a prova tivesse uma boa concorrência, mas a organização foi descuidada. Refira-se que os organizadores preferiram não contar com o apoio dos juízes e isso originou problemas na partida.

Os atletas sairam espontaneamente e nem sequer foi dado o tiro de partida levando a que mais de três mil atletas saíssem de uma forma anárquica tendo-se registado uma grande confusão na rotunda junto ao Aeroporto.

José Abreu, do Benfica, acabou por se impor no último quilómetro e meio ao seu antigo colega de equipa Fernando Reis, ganhando a prova com cerca de 20 metros de vantagem. Em terceiro lugar classificou-se o atleta olímpico Cidálio Caetano, do Benfica, seguindo-se Fernando Carvalho do mesmo clube e Bernardo Manuel, do Belenenses.

Autora Cunha, bi-campeã mundial de estrada, não teve problemas em ganhar a prova feminina.

Modalidades

Andebol: Belenenses imparável

O Belenenses manteve-se firme no comando do nacional de andebol da divisão de honra, ao superar fora a Sanjoanense pela margem de 21-19 em confronto da 13.ª jornada da prova.

O Belenenses, que na véspera havia obtido outra vitória difícil frente ao Académico de Braga (25-24), soma agora 34 pontos, tendo um avanço de três pontos sobre, o Sporting.

A turma leonina impôs-se fora, frente ao Académico de Braga por 26-20 numa partida em que se esperava maior réplica dos locais, que se ressentiram do esforço da véspera frente aos azuis do Restelo.

O Benfica e o FC Porto continuam a partilhar os lugares imediatos, ambos com 30 pontos, com os encarnados a derrotarem o São Mamede por 32-20 e os portistas a superarem o Setúbal por oito tentos (28-20).

O Boa Hora ganhou por falta de comparência do Salgueiros no outro confronto disputado, tendo o Encarnação folgado na ronda.

Resultados: 12.ª jornada: Boa Hora - S. Mamede, 17-18; Sanjoanense - Sporting, 15-28; Benfica - Salgueiros, 31-17; FC Porto - Encarnação, 39-18 e AC. Braga - Belenenses, 24-25.

13.ª jornada: Benfica - São Mamede, 32-20; Sanjoanense -Belenenses, 19-21; Académico de Braga - Sporting, 20-26; FC Porto - Setúbal, 28-20; Boa Hora - Salgueiros, vitória do Boa Hora por falta de comparência dos visitantes.

Classificação: 1.º Belenenses, 34 pontos; 2.º Sporting, 31; 3.ºs Benfica e FC Porto, 30; 5.º.s Setúbal e Ac. Braga, 24; 7.º Sanjoanense, 21; 8.ºs Salgueiros e Boa Hora, 18; 10.º São Mamede, 16 e 11.º Encarnação, 13.

Basquetebol: Porto cede em Ovar

Ao ser surpreendentemente derrotado com a Ovarense, o FC Porto tem agora o Benfica como parceiro na liderança da primeira fase do campeonato Nacional de basquetebol, somando 32 pontos nas 17 jornadas já realizadas. A turma benfiquista nesta sua deslocação à Zona Centro conseguiu regressar duplamente vitoriosa já que triunfou frente ao Ginásio Figueirense (sábado) para no domingo derrotar o Olivais.

O Barreirense (desfalcado de dois elementos preponderantes do «xadrez») perdeu em «casa» com o Sangalhos e desta forma, a turma da Bairrada teima em manter-se firmemente colocada na 3.ª posição com três pontos de avanço sobre o Barreirense e o Illiabum.

Vejamos os resultados e a «pontuação» actual: **16.ª jornada:** Ovarense - Sanjoanense, 95-75; Illiabum - FC Porto, 64-72; Olivais - Queluz, 89-90; Ginásio Figueirense - Benfica, 69-82; Imortal - Académica de Coimbra, 94-84 e Barreirense -Sangalhos, 71-79. **17.ª jornada:** Ovarense - FC Porto, 83-74; Illiabum - Sanjoanense, 83-64; Olivais - Benfica, 65-76; Ginásio - Queluz, 86-65; Imortal - Sangalhos, 86 - 109 e Barreirense - Académica, 117-58.

Classificação: 1.ºs FC Porto e Benfica, 32 pontos; 3.º Sangalhos, 30; 4.ºs Illiabum e Barreirense, 27; 6.ºs Ovarense e Queluz, 26; 8.º Sanjoanense, 25; 9.º Ginásio Figueirense, 24; 10.ºs Olivais e Imortal, 20 e 12.º Académica, 17.

Hóquei em patins: Sporting perde nas Antas

A nota dominante da segunda jornada do campeonato nacional de hóquei em patins consistiu no contundente 7-2 imposto pela equipa do FC Porto sobre o Sporting. Este resultado parece confirmar de que Ramalhete e seus companheiros ainda andam em busca das melhores condições físico-técnicas e o «esmagador» 0-9 ocorrido recentemente em Barcelona é disso prova notória.

Nos demais confrontos merece destaque o 8-2 conseguido pela turma nabantina perante o Belenenses, sendo ainda de referir a vitória alcançada pela Sanjoanense em Sesimbra. Resultados e classificações:

Sesimbra - Sanjoanense, 2-4; FC Porto - Sporting, 7-2; Famalicense - Ac. Amadora, 9-3; Juventude Viana - Cascais, 8-2, Oliveirense - Benfica, 4-9, Ferpinta - Paço de Arcos, 4-4 e Sp. Tomar - Belenenses, 8-2.

Classificação: 1.ºs Sp. Tomar, FC Porto e Sanjoanense, 6 pontos; 4.º Paço de Arcos, 5 pontos; 5.ºs Belenenses, Sporting, Ferpinta, Benfica, Juv. Viana e Famalicense, 4 pontos; 11.º Sesimbra, 3 e 12.ºs Ac. Amadora, Cascais e Oliveirense, 2.

Colunáveis

CARLOS LOPES: «Vou correr mais um ano. Não sei se continuarei envergando a camisola do Sporting, porque há algumas divergências mas creio que tudo se concluirá por eu terminar a minha carreira ao serviço do clube que me projectou no Mundo». De qualquer modo, quase certo: o mais prestigiado dos nossos campeões de atletismo estará em Tóquio, no próximo mês de Fevereiro, para dizer adeus à maratona que o tornou titular olímpico.

FERNANDO BARATA: o industrial de hotelaria e empresário algarvio, figura preponderante do Farense e do Estrela de Portalegre, anuncia que, «embora amigo de Fernando Martins», daqui a seis anos irá candidatar-se ao lugar de presidente da Direcção do Sport Lisboa e Benfica. Entretanto, procura libertar o futebolista espanhol Fortes da alçada judicial, reflexo de uma atitude talvez menos coerente do defesa do Farense.

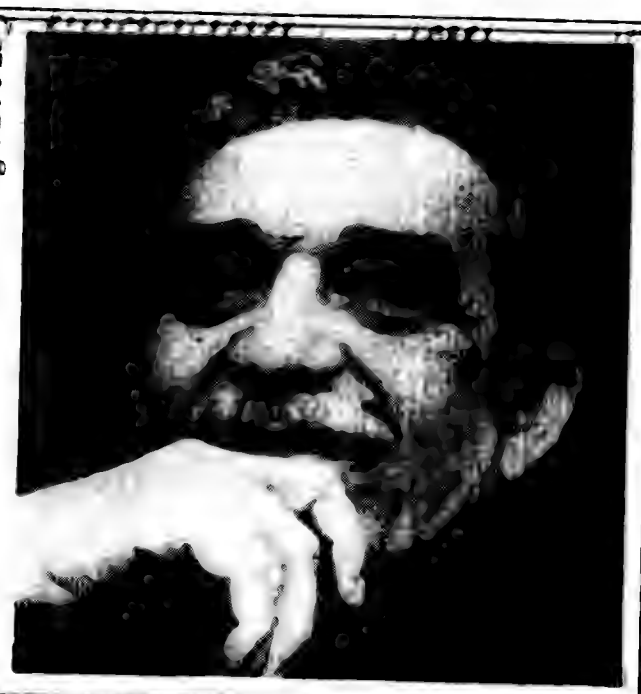
Miranda Calha agradece ao "DL"

Do dr. Júlio Francisco Miranda Calha e do seu adjunto (o jornalista Ilídio Trindade) recebemos cumprimentos de despedida, no momento em que cessa a actividade da Secretaria de Estado dos Desportos e, na palavra do seu ainda recente responsável, **o «DL» contribuiu para bem registar o trabalho desenvolvido por aquele órgão administrativo**, à mais alta instância, do desporto nacional. Registamos a dupla deferência com a certeza de que nada mais fizemos que o dever de um jornal ao serviço da comunidade.

Mensagens Pessoais na pág. 26

Gabriel Garcia Marquez: Entrevista em Cuba

Págs. 24 e 25



Quinten Matsys: o banqueiro e a sua mulher (Louvre)

Janelas Indiscretas

Pag. 20

Chaké Matossian

O ovo e a concha: a tela-pano-de-palco

A Vénus de Botticelli; pormenor

Querendo atingir a ideia do Belo, ou a ideia da representação, Botticelli tem de ultrapassar os constrangimentos do espaço e do tempo. Ele rompe laços, quebra as cadeias que aprisionam o corpo no espaço, para criar corpos sinuosos que são, eles próprios, nós, entrelaçamentos. Os corpos de Botticelli escapam ao cálculo, à proporção, à relação. Escapam-lhes como as máscaras dos actores, fogem, impalpáveis, como personagens de teatro, irreais e, no entanto, existentes. Eles são o ponto de fuga, a própria fuga, a escapatória. Sendo assim, para quê pintar paisagens em quadros? Nenhuma necessidade de paragens longíquas; basta a Botticelli desenrolar, como se faz no teatro, uma tapeçaria no fundo da cena.

Enquanto a **pala** de Piero della Francesca recuperava na arquitectura a forma englobante do vestido da virgem do políptico, Botticelli, por seu lado, pinta a túnica que espera Vénus à saída de água como uma tapeçaria. A tela, para Piero, prolongava o espaço arquitectónico da capela. Botticelli dará à tela a textura do tecido, transformando-a em pano de palco. Se a ideia, para Botticelli, não pode ser senão sugerida na encenação, então Leonardo engana-se talvez ao afirmar que «este pintor não conseguiu senão pintar tristonhas paisagens» (1, pág. 242). Recorda Malraux: «Gosto dos ourives e dos miniaturistas que ligavam o caracol de cabelo ao arabesco, que cobriam de flores a túnica de Minerva e frisavam os centauros, os anjinhos e as árvores numa calma luz de fim de Verão, como o que levava Leonardo a dizer que Botticelli nada compreendia de paisagem» (2, pág. 134). Talvez que, acerca de paisagens, Botticelli nada queira saber, pura e simplesmente. E talvez mesmo que ele exija, quem sabe, que o fundo do quadro se pareça com o **décor** do teatro para trazer a ideia, evanescente e impossível de prender, e aparecer, pelo menos, enquanto representação, no sentido teatral e político do termo. Dir-se-ia que a negligência de Botticelli é voluntária: «a paisagem não lhe interessa; as suas figuras estão libertas de todos os laços com o espaço, por vezes tratado como um fundo de tapeçaria» (3, pág. 237). Com a tela-pano-de-cena, é todo o mundo construído por Piero que se desfaz. Piero ordenava o mundo num teatro, Botticelli mostra que o mundo não é senão o palco de um teatro, que a representação não representa senão ela mesma, sobretudo e especialmente quando ela pretende representar o mundo, a ideia. Mas, ao mesmo tempo, o artista não consegue esquivar o destino que o obriga a tentar, em vão representar a ideia insituável, sempre para além do espaço e do tempo. À crise política e económica, Botticelli responde com a crise pictórica: «se il valore dei segni non è piu di inquadrare e spiegare la realta, ma, allòposto, di superarla, cadono tutti i fattori di conoscenza positiva che si erano accumulati nella pittura fiorentina della prima metà del seolo, culminando nella grandiosa costruzione teorica di Piero; cade la prospettiva come strutura dello spazio, cade la luce como realta fisica, cade la ricerca della massa o del volume come contretezza delle cose e dello spazio» (4, pág. 240).

Não existe plenitude, nem sublimação perfeita ou conseguida. A ideia do Belo evapora-se no vazio e não sobra ao artista senão a possibilidade de assinalar o impalpável, de mostrar que aquilo que cremos ser a beleza está sempre ligado ao monstruoso. A concha engendra essa pérola que é Vénus; Vénus incarna a Beleza, desperta o Amor. E no entanto, se olharmos de mais perto, a Vénus de Botticelli é um mostro, é disforme. Desencadeia o amor a partir dos seus defeitos: «A Vénus de Botticelli é tão bela que não nos apercebemos do comprimento incomum do seu pescoço, do acentuado descaimento dos seus ombros e do modo singular como o braço esquerdo se articula ao tronco. Ou melhor, deveríamos dizer que essas liberdades que por Botticelli foram tomadas a respeito da natureza, a fim de conseguir um contorno gracioso das figuras, aumentaram a beleza e harmonia do conjunto na medida em que intensificaram a impressão de um ser infinitamente delicado e terno, impelido para as nossas praias como uma dádiva do céu» (5, págs. 200-201).

Piero conseguiu construir a representação da representação; depois da **pala,** nunca mais voltará a pintar, perderá a vista como se, por ter descoberto, desnudado a verdade em pintura, esta o tivesse cegado. Botticelli, quanto a si, está à procura da obra-prima desconhecida; a ideia pertence ao escorregadio, já nunca ali está quando pensamos tê-la apanhado. Botticelli acabará por queimar telas como para afirmar, através desse gesto desesperado e furioso, que o teatro, a representação — a mimesis — tem a ver com o Inferno: «Botticelli queimava os seus quadros (não esqueçamos até que ponto a sua obra profana está amputada pela fogueira)» (2, págs. 136-137).

Perseguir o que é imaterial, é peenetrar no luto do nada, pertencer ao universo da melancolia. Vénus não sabe o que quer, o que vai fazer; ela não olha para nada, passiva. Deixa-se soprar pelo vento entre terra e mar, entre céu e mar. Nada exprime. É um estado de espírito: «è la malinconia... non dunque un sentimento definito, ma un stato dánimo, un aspirare a qualcosa di vago senza sapere se sia attesa del fuguro o nostalgia del passat. Iuntilita dell'azione, della storia...» (4, pág. 237).

A **graça dos** personagens de Botticelli camufla uma «inquietação ardente» (3, pág.. 237) traída pela melancolia de Vénus e a dor das Virgens. Assim transparece toda a vaziez de um mundo que se edifica sobre a ilusão, e que funciona segundo o modo da troca simbótica.

Notas:

(1) E.H. Gombrich, **L'art et l'illusion,** Paris, Gallimard, 1971

(2) A. Malraux, **As vozes do silêncio** (II), Lisboa, Livros do Brasil, s.d.

(3) J. Delumeau, **A Civilização do Renascimento,** vol. II, Lisboa, Ed. Estampa, 1984.

(4) G.C. Argan, **Storia dell'Arte italiana,** II, Firenze, Sansoni, 1977.

(5) E.H. Gombrich, **A História da Arte,** Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

A Virgem, o Menino e o pequeno São João — Botticelli

O teatro para crianças pode ser inteligente e fazê-las pensar?

Fazer teatro para crianças com qualidade, de um modo inteligente, que lhes coloque problemas e as faça pensar. Enquanto prepara novo espectáculo, o Bando repõe a peça «Os Cágados», baseada em Almada Negreiros.

Manuel Cintra

Baseado no conto «O Cágado», de Almada Negreiros, e sendo-lhe muito fiel, este espectáculo integra, para além da personagem do conto, um homem que decide cavar interminavelmente um buraco por onde viu entrar um cágado, uma personagem feminina, inspirada noutro conto de Almada, «A Engomadeira», a mulher que espera pelo homem que nunca mais chega, ocupado que está à procura do cágado, e ainda uma terceira personagem, concebida pelo encenador, e que é um boémio que quer ir à China, repetindo sempre a mesma frase e alimentando assim a situação de impasse que se cria. Diz-nos João Brites que, ao contrário de outros espectáculos em que o cenário estava em constante mutação, aqui se optou por um cenário móvel em que são as diversas partes que o contituem que vão mudando de função, criando no espectador uma mobilidade interior que, enriquecida pela situação da peça, vem criar uma série de movimentações a partir de dados que no fundo são quase inertes.

Para construir os seus espectáculos, após definir a ideia de base de que partem, o Bando tem, em seguida, um longo trabalho de amadurecimento a nível dramatúrgico em que são feitas pesquisas no sentido de descobrir a melhor maneira de transpor as ideias para teatro, tentanto fugir à facilitadade e procurando um modo problemático de enquadrar as personagens. No seu modo de trabalho actual, O Bando está preocupado em transmitir ao público, e às crianças em particular, uma forma de ver as coisas dialéctica, ajudando-as a não se deixar manobrar e a adquirir um espírito crítico. Além disso, há também a preocupação de que as crianças não vejam neste teatro um apêndice da escola, um complemento pedagógico, mas sim um outro tipo de reflexão. Apesar de haver uma história como suporte, fala-nos João Brites da necessidade de pôr às crianças problemas como o medo ou a morte, ajudando-as a entendê-los e encará-los.

Ao longo dos anos, esta aparente limitação no público infantil, que obrigou o grupo a ter que procurar determinado tipo de soluções cénicas, levou-o, por outro lado, a explorar horizontes que se foram definindo, e hoje em dia há uma personalidade própria criada, perante a qual não se vê hipótese de fazer outro tipo de teatro. Pelo contrário, há um desejo de ir cada vez mais longe, surgindo a ideia de que através do teatro infantil se possa chegar a um outro tipo de teatro popular.

Neste momento, O Bando encontra-se a preparar um novo espectáculo, baseado num conto tradicional português em que a Miséria prende a Morte a uma àrvore, surgindo a situação de as pessoas passarem a não morrer. A este conto foi ligada a tradição popular, por altura da Quaresma, do «serrar da velha». Pensando que esta tradição tem como significado enterrar o antigo, isso vai assim ao encontro de uma ideia de renovação. Será dado, através do «serrar da velha», um espírito carnavalesco ao espectáculo, ligando assim coisas que estão em pólos opostos, e podendo abordar, de um modo possível, a questão da morte.

No que respeita à situação do grupo, que, não tendo espaço próprio se encontra de momento instalado numa sala que A Comuna lhe cedeu, é a seguinte: tendo, há dois anos, recebido um subsídio de 4000 contos, no ano passado foi-lhe atribuído o mesmo subsídio, correspondendo, como se sabe, a muito menos, perante o aumento do custo de vida. Este ano, é-lhes apenas atribuído um subsídio de 2000 contos. Perante esta situação, e perante o facto de grupos de teatro infantil que eram subsidiados deixarem de o ser, João Brites mostra-se amargurado e revoltado. E pergunta porquê. Porquê reduzir um subsídio para metade? Será sugerir que se pode trabalhar com metade das pessoas? Será a maneira de estrangular, lentamente, um grupo que, tendo, ao fim de dez anos adquirido qualidade e prestígio, não se pode destruir de uma só vez? Ou que este tipo de teatro para a infância não interessa, não é o indicado, é perigoso?

Os Cágados, baseado num texto de José Almada Negreiros. Versão cénica, cenografia e encenação: João Brites. Pintura — reflexos / cidade: Isabel Carretas. Técnica vocal: Luís Pedro Faro. Actores: António Terrinha, Cândido Ferreira, Paula Só. Músico-comediante: Jorge Laurentino. Luminotecnia e efeitos sonoros especiais: Paulo Eloy. Teatro A Comuna, aos Sábados e Domingos, às 15 horas.

«O Bando» pretende que as crianças não vejam, no seu teatro, um apêndice da escola, um complemento pedagógico, mas sim um outro tipo de reflexão; apesar de trabalhar sempre com uma história como suporte, o grupo põe ao seu público infantil problemas como o Medo e a Morte, e está convencido que o ajudará a entendê-los e a enfrentá-los.

A África confrontada com o SIDA

Uma criança em três, um adulto (homem e mulher) em seis, já estiveram em contacto com o vírus da SIDA na África Equatorial, como o indicam os primeiros resultados dos testes de despistagem?
Como fazer face, em países onde reina a mais total miséria sanitária, a uma situação já qualificada de **«apocalíptica»** e que representa para o resto do mundo um **«perigo mortal»**? São estes alguns dos temas à volta dos quais se reuniram em Bruxelas, nos dias 22 e 23 de Novembro, para um congresso internacional consagrado à SIDA africana, os mais célebres especialistas mundiais da questão.

Escoffier-Lambiotte

Segundo o professor Nathan Clumeck (serviço das doenças infecciosas do hospital universitário Saint-Pierre, de Bruxelas), organizador do congresso e que dirige equipas de investigação a trabalhar no Zaire e no Rwanda, **«se não se trata a SIDA africana como uma prioridade, será nencessário fazer face a um reservatório, impossível de irradicar, de vírus mortais que poderão infectar todo o Mundo, depois de ter provocado uma hecatombe no seio dos países atingidos.»**

O último estudo feito no Zaire e em Kigali, no Rwanda, pelas equipas dos professores Clumeck e Robert Gallo (1) estabelecem que, no Rwanda, 80% das prostitutas são portadoras de anticorpos dirigidos contra o vírus LAV-HTLV III. Acontece o mesmo no hospital de Kigali, em um dador de sangue em cinco, o que permite imaginar qual podia ser a extensão da doença num país onde há meios materiais para fazer testes sistemáticos a fim de afastar os dadores atingidos.

A África confrontada com a SIDA

Na população que goza de boa saúde, de nível social elevado, estudada a título de referência, um homem e uma mulher em seis têm um teste positivo e podiam contaminar os seus próximos, os seus parceiros sexuais, e, no que diz respeito às mulheres grávidas, as crianças que vão nascer.

É certo que a contaminação atinge o seu máximo nas concentrações urbanas, mas nem por isso poupa as zonas rurais mais recuadas. Uma investigação levada a efeito pelo Instituto Nacional do Cancro de Bethesda (Estados Unidos) e pelo Instituto de Medicina Tropical de Anvers, numa região recuada do Leste zairense (no Hospital Fomumac de Katana), mostra que 12,5% (um em oito) dos pacientes externos; pertencentes a uma população rural da margem oriental do Lago Kivu têm anticorpos contra o vírus da SIDA, e mais doze por cento têm igualmente um teste francamente positivo.

Um aldeão em quatro — homem ou mulher — encontrou pois o vírus, ou é seu portador, o que mostra como ele é frequente em África, no estado endémico, e como não foi importado recentemente.

Em contrapartida, o mesmo estudo revela que nenhum dos doentes tratados ao sarcoma de Kaposi, neste vasto complexo hospitalar de 700 camas, tem teste positivo. O sarcoma de Kaposi, um tumor maligno, era muito raro na Europa até à eclosão dos primeiros casos de SIDA, em 1981, quando se observou que ele se juntava muitas vezes a este síndroma. Estes tumores são, em contrapartida, muito frequentemente observados em África, e já há muito tempo. Parece pois que a sua origem não foi idêntica nos dois continentes.

Os homens, as mulheres e as crianças

As informações que vêm, não sem dificuldades, do Uganda, do Burundi, da Tânzania e do Quénia, juntam-se aos dados irrefutáveis colhidos no Zaire e no Ruanda, e indicam que a epidemia se estende da África equatorial para Oeste e para Leste e, segundo certas indicações, muito provavelmente para o Sul. Ela tem, em toda a parte, um carácter muito diferente do observado no Hemisfério Norte: as mulheres são tão atingidas como os homens: a via de contaminação é pois heterossexual.

Todos os testes feitos em prostitutas indicam que elas são maciçamente portadoras de anticorpos contra o vírus do SIDA (uma em três numá grande localidade do Quénia; mais de 80% na capital do Zaire). Os militares, que mais as frequentam, são também contaminados, na percentagem de um por cinco.

O papel de «protectoras da célula familiar» representado pelas prostitutas, muito frequentadas pelos jovens antes de se casarem, deixa entrever o perigo desta sede de infecção que já constituia um foco incontrolável de outros males sexualmente transmissíveis. Tanto mais incontrolável quanto os preservativos são, tanto como os contraceptivos, muito mal aceites, e até pura e simplesmente recusados por estas populações, e isso por razões culturais.

A hipótese de uma origem africana do vírus responsável pelo SIDA foi posta logo em 1982 quando os responsáveis dos serviços hospitalares belgas especializados em doenças infecciosas constataram que a grande maioria dos casos do SIDA diagnosticados nesses serviços ocorriam em zairenses ou ruandeses recentemente chegados à Bélgica na esperança de obter um visto de emigração ou uma autorização de trabalho.

Alguns estudos feitos indicam que se encontra uma contaminação através do vírus LAV nos seruns recolhidos em 1972 e 1973 em crianças ugandesas de uns seis anos de idade, para estudos antropológicos empreendidos na altura, através da análise de grupos de tecidos orgânicos e sanguíneos. Nestes seruns, conservados no Centro Internacional de Estudos sobre o Cancro, de Lyon (professor Guy de Thé), depois de testados no Instituto Americano do Cancro, os estigmas deixados pelo vírus indicavam que ele já existia há doze anos, em estado endémico, numa população rural do coração da África.

Urbanização selvagem ou mutação do vírus?

O facto de investigadores terem podido identificar os «primos direitos» do vírus LAV em duas raças de macacos, uma das quais apresenta uma doença muito próxima do SIDA, e a outra parece protegida embora tendo em si o vírus, através de anticorpos que fabrica, isto sugere a hipótese de um foco animal africano muito antigo, e depois, de uma passagem para o homem, ou porque o vírus se transformou, ou porque as condições ecológicas (urbanização acelerada, principalmente) aumentaram a sua virulência.

A população de Kinshasa, a capital do Zaire (ex-Congo belga), passou de trezentos mil habitantes, em 1960, para três milhões e meio actualmente. A ausência de infra-estruturas sanitárias aptas a fazer face a uma tal concentração humana, facilitou o pulular do que podiam ser co-factores (ou factores que facilitam) da infecção pelo LAV, por exemplo as tripanossomíases, as micoses, as tuberculoses, a malária, e todas as doenças sexualmente transmissíveis.

A presença no organismo de alguns destes agentes infecciosos (principalmente os da malária) poderiam, como acabam de sugerir alguns investigadores alemães instalados na Zâmbia, falsear as indicações recolhidas quanto à maciça presença africana de vírus do SIDA? Poderia haver uma interferência nos testes imunológicos, interferência essa que levaria a uma elevada preponderância de «falsos positivos»?

São evidentemente necessários trabalhos complementares para esclarecer estes dados, que põem, em todo o caso, um problema de saúde pública sem precedentes.

Duzentos e cinquenta mil homens, mulheres e crianças, pelo menos, parecem estar contaminados no Ruanda (em seis milhões de habitantes, metade dos quais com menos de dezoito anos). O Ruanda, onde os fundos consagrados à saúde se elevam a 1 dólar por ano e por pessoa...

O carácter **heterossexual** da transmissão do vírus, a contaminação maciça não só dos homens mas também das mulheres e das crianças, fazem pensar que o LAV-HTLV III presente em África, tem uma virulência muito superior ao observado na Europa, e que a contaminação heterossexual, muito rara até agora nos novos países, podia vir a surgir neles suscitando uma disseminaçãoo exponencial da doença.

Enquanto se espera para daqui a uma dezena de anos talvez, uma vacina eficaz para aplicar à totalidade das populações, o drama do SIDA africano deixa totalmente desarmadas as autoridades políticas locais. Negar a amplidão deste drama só pode agravar a sua evolução. Mas é claro que nada poderá ser feito, a título preventivo, sem uma mobilização intensa da cooperação sanitária internacional, e sem um esforço de informação e de educação que parece ultrpassar, e de longe, os meios de que a Organização Mundial de Saúde dispõe.

(1) JAMA de 8 de Novembro de 1985
(«Le Monde»)

Vírus e vistos

A força de ouvir dizer por toda a parte que a África Equatorial e a do Leste são os «berços» da SIDA, de ler relatórios médicos que parecem dar crédito à ideia e artigos de imprensa que se fazem seu eco, os governos em causa acabam por reagir com violência — e muitas vezes desastradamente — àquilo que lhes parece ser uma campanha **«de inspiração racista»** orquestrada por certos países ocidentais em busca de bode expiatório.

Antes de o caso adquirir um aspecto passional, alguns países africanos tentaram pôr, muito honestamente, cartas na mesa. Foi o caso da Tanzânia e do Ruanda onde, através da imprensa local, os especialistas informaram a opinião pública dos casos de SIDA de que tinham conhecimento. Hoje evita-se, pelo contrário, falar de mais do caso nas altas esferas. Diz-se mesmo que alguns cooperantes foram convidados a mostrar-se discretos sobre o assunto, sob pena de expulsão, e que foram recusados vistos de entrada a jornalistas que se propunham fazer um inquérito sobre essa doença «vergonhosa».

O que não impede que a psicose da SIDA se tenha apoderado desses países africanos. No princípio de Novembro, o governo de Zanzibar proibiu a importação de roupa usada a pretexto de que podia ter sido usada por pessoas contaminadas por uma doença que já custou a vida a várias dezenas de tanzanianos.

É o Quénia, que recebeu em 1985 perto de quatrocentos mil turistas e que pensa passar, nos próximos anos, o cabo do milhão de visitantes, que mais se preocupa com os efeitos nefastos da SIDA nessa importante fonte de divisas. A última visita da frota americana a Mombaça encolerizou milhares de prostitutas, furiosas por terem sido postas de parte pelos marinheiros.

As autoridades quenianas tentam refrear como podem a onda de más notícias que chegam ao estrangeiro. Elas afirmam que, até hoje, só foram despistados uns vinte casos, isto é, um caso por milhão de habitantes, quando nos Estados Unidos a taxa de contaminação da população é, segundo elas, quarenta vezes superior. O próprio chefe do Estado, Daniel Arap Moi, denunciou esta **«campanha de ódio»** e convidou o seus compatriotas a não ligar importância a estas **«mentiras ditas pelos nossos inimigos»**.

Sete Ponto Sete

Na Nicarágua Sandinista

Desde a supressão das liberdades fundamentais a tiragem de "La Prensa" subiu para 7500 exemplares

Ela é alta, muito delgada, muito elegante. O seu olhar é vivo, trocista, a expressão do rosto, juvenil, apesar dos cabelos ásperos e grisalhos. No seu escritório de «La Prensa», o jornal da oposição, Violette Chamorro é chic, tem bom ar. O ar condicionado faz um ruído infernal, o café é detestável, mas Violette recebe como se estivesse na sua sala, com distinção. A viúva de Pedro Joaquim Chamorro, principal dirigente da oposição, assassinado em 1978 pelo clã Somoza, mostra-se satisfeita. O jornal vai bem, muito bem mesmo. Desde a suspensão das liberdades fundamentais pelos Sandinistas, a 15 de Outubro, a tiragem aumentou para setenta e cinco mil exemplares. **O povo precisa de nós**, diz Violette Chamorro com convicção.

Agora é ela a patroa. Cuadra, o director, está na Europa por alguns meses. Seu filho, Pedro Joaquim, refugiou-se na Costa Rica com a família e publica um jornal de oposição ao regime de Manágua.

Marcel Niedergang

Violette parece gostar da luta. Mas a censura? Ergue uma sobrancelha com ar de desprezo. «Um pouco mais duro do que antes. Mandamos as provas à censura por volta das 11 da manhã e só as restituem às 3 ou 4 horas da tarde. Na esperança de atrasar a hora da saída. Mas saímos. «La Prensa» tem sessenta anos de vida. Isso faz-lhes dores de cabeça...» Com efeito, «La Prensa» sai. E todos os dias os artigos censurados, fotocopiados, são distribuídos por portador especial nas embaixadas, nas organizações sindicais, a alguns assinantes escolhidos. O regine tolera, evidentemente, essa censura. Paradoxo da situação. Sob este ponto de vista nada na verdade mudou desde 15 de Outubro.

Para Violette, o verdadeiro alvo do regime é a Igreja. De facto, uma parte sólida de braço de ferro empenhou-se entre o governo e os bispos. Desde a sua nomeação para a púrpura cardinalícia, Monsenhor Obando y Bravo, arcebispo de Manágua e presidente da conferência episcopal, atravessou várias vezes o país. Noventa e duas saídas nos departamentos do interior, desde Julho, outras tantas manifestações políticas em meia tinta, subtis, em que as parábolas e as metáforas, as alusões à Virgem, permitem evocar tudo. Para os milhares de fiéis que cercam com entusiasmo Monsenhor Obando, é transparente. Para os sandinistas também. Mas que fazer? O cardeal é intocável. Ele bem o sabe, com a sua cara astuta de índio do povo.

Ele evita as críticas demasiado brutais, denuncia **a perseguição religiosa**, lamenta as famílias feridas pelo serviço militar patriótico. O cardeal, que tinha tomado posição contra Somoza antes da queda deste, é o verdadeiro líder da oposição interna. O que prova que os chefes civis de uma oposição multiforme, dividida, fragmentada, fraca, sem tropas, não estão à altura do desafio.

Arturo Cruz, líder da Coordenação democrática aquando das eleições de Novembro de 1984, desapareceu no exílio. Incapaz de encontrar um caminho médio entre o seu anti-sandinismo e a sua aversão pelos antigos somozistas que têm na mão a Força Democrática Nicaraguense (FDN) à qual teve de se juntar por pressão de Washington. O que prova, desta vez, que os que não são quente nem frio não têm lugar no debate nicaraguense. Nos dois campos a palavra é dos radicais.

A suspensão das liberdades é uma nova vitória do Tomas Borge, o dinâmico ministro do interior, sobre os pragmáticos e os prudentes da direcção sandinista.

A dinastia Chamorro

Na parede, sobre a sua secretária, Violette emoldurou os sues tesouros: as fotografias de família. Ela própria há uns vinte anos, morena, encantadora, agarrada ao braço de Pedro Joaquim, durante o exílio na Costa Rica. Depois os filhos, Pedro Joaquim Júnior, Carlos Fernando, Claudia Lucia. A época em que todos os Chamorro estavam solidamente unidos contra Somoza. Hoje os Chamorro são apátridas da Nicarágua. Eles estão divididos, uns contra os outros. Em 1979, depois da queda de Somoza, Violette foi durante algum tempo membro da primeira junta de governo. Depois deixou a junta, caiu na oposição activa.

Mas Carlos Fernando, esse é director de «Barricada», o jornal da Frente Sandinista. E Claudia Lucia tem um lugar importante no Ministério dos Negócios Estrangeiros. **Mas não cortámos todas as fontes,** protesta Violette. **procuramo-nos. O espírito de família mantém-se...** O que não impede que outro Chamorro, «El Negro», dirija uma das organizações armadas anti-sandinistas, com base na Costa Rica. Um Chamorro hoje dissidente, Edgar, foi membro do directório da FDN nas Honduras. Um cunhado de Violette, Javier Chamorro, dirige o jornal sandinista «Nuevo Diario». Os Chamorro não estão todos do mesmo lado da barricada, mas o certo é que se encontram todos em lugares do comando. **Noblesse oblige.** Quatro membros da dinastia Chamorro foram presidentes da Nicarágua entre 1850 e 1925.

Treze artigos do estatuto fundamental dos direitos e das garantias dos cidadãos foram suspensos no dia 15 de Outubro, entre outros os que asseguram o livre trânsito , o **habeas corpus**, o direito à greve, a inviolabilidade do Correio e do domicílio. É, em teoria, um regresso ao estado de emergência proclamado em Março de 1982, abrandado em Novembro de 1984.

Que estado de emergência?, exclama um diplomata simpatizante do regime. **Nada mudou. Os líders de diferentes grupos de oposição interna continuam a reunir-se, a deslocar-se. O diálogo entre a Igreja e o governo continua, discreto mas real. A comissão dos direitos do homem mantém a sua acção sem entraves. De resto, o governo compreendeu que a suspensão tivera um efeito catastrófico no exterior, e tentou rectificar o acto.**

Nada mudou? Não é sua a opinião de um advogado que diz: **Se é certo que a repressão real não aumentou, um cidadão pode ser preso em qualquer altura sem mandato, sem explicação, pode ser interrogado sem garantias, continuar preso sem razão.** E Virgílio Godoy, antigo ministro do Trabalho do governo sandinista, e hoje dirigente do pequeno partido de oposição, o Partido Liberal independente (PLI), acrescenta: «O regime quebrou a unidade nacional que permitia a queda de Somoza. Vivemos a crise mais grave que o país conheceu desde 1821... **Virgilio Godoy prepara-se para partir para Espanha em viagem de informação, mas volta daí a duas semanas. Personalidades conhecidas pela sua hostilidade ao regime, representantes do sector privado, membros da hierarquia católica, nicaraguenses que vão fazer compras ao Panamá ou a Miami, todos continuam a sair livremente do país e não têm receio de problemas no regresso. A própria Violette Chamorro vai de quatro em quatro meses aos Estados Unidos a fim de fazer exames médicos Não tenciona renunciar: Apesar de todos os constrangimentos,** diz ela, **a pátria é aqui e eu não podia passar sem ela.**

É certo que Manágua não vive sob o terror sandinista. Os nicaraguenses, habituados a essas ameaças codificadas, guardadas e de novo brandidas, não perderam o seu sentido do humor e o ses gosto pela crítica aberta. Falar ao homem da rua, visitar os mercados da capital, tomar táxis colectivos, permite medir a amplitude do descontentamento. Num ano ele ainda aumentou. Manágua não se mostra tensa mas resignada, amarga, rabugente. Os transportes são um quebra-cabeças e o abastecimento uma provação. **Já não há óleo para a comida, já não há levedura para o pão, carne só de vez em quando.** A unanimidade na recriminação. O mercado negro — tolerado pelo regime por representar uma válvula de segurança — prolifera livremente, e não só no Mercado Oriental, onde se encontra quase tudo a preços claramente mais elevados.

«É verdade, admite um diplomata, **a população está muito maioritariamente na oposição, mas é uma atitude de recusa puramente defensiva, crítica. Não acreditem que eles estão prontos a pegar em armas contra os sandinistas.»** E acrescenta, a propósito da situação económica: **«Ela não é desesperada, é dramática».** Os dirigentes sandinistas não parecem impressionados por estes juízos. Eles repelem, imperturbáveis: **«O povo está connosco». O seu argumento máximo é: «Estamos em guerra».**

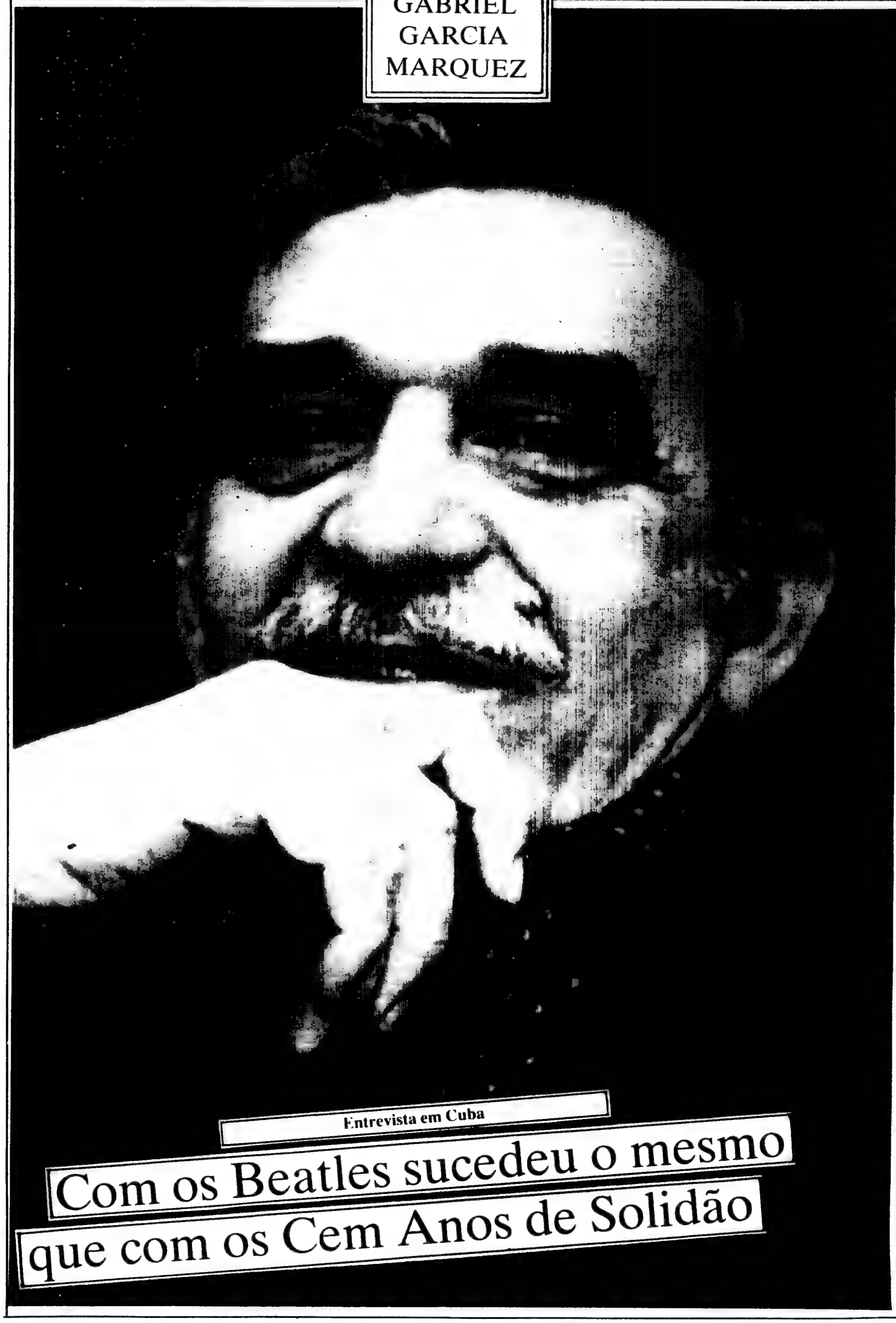
Se há uma certeza na Nicarágua, essa certeza é a realidade da guerra cruel, dissimulada ou sangrenta que usa o regime e o país. **«Em média perdemos vinte homens por semana»**, diz Sergio Ramirez, vice-presidente. Globalmente, o exército popular sandinista, de uns cento e trinta mil homens, faz frente, sem grande problema e detém a pressão dos grupos armados da Contra, vindos das Honduras ou da Costa Rica. É um exército mais bem treinado, mais bem equipado, graças ao material soviético. Ela dispõe de meia dúzia de helicópteros de combate soviético, os MI-24 Hindt terríveis e eficazes. E os seus batalhões de elite, os BLI (unidades de luta antiguerrilha) percorrem incessantemente a «jungle» e a costa atlântica, as colinas dos departamentos do Norte e do Centro, onde a Contra parece bem instalada.

A FDN que vem do Norte, tem agora grupos armados no Sul, na Costa Rica, e dá mesmo caça nas terras de Pastora, em Rama e Nueva-Guinea. A Contra esforça-se por cortar a estrada de Rama a Manágua, por onde transitam os comboios carregados de material soviético. Até agora, sem êxito. Mas os «bus» são interceptados, os seus ocupantes presos e até, às vezes, mortos. Foi aberta uma nova frente pela Contra, nos departamentos de Boaco e de Chontales, a uns 300 quilómetros da fronteira das Honduras. Um sinal de que os rebeldes podem sem dúvida contar com uma certa cumplicidade dos camponeses da região. Há alguns dias, um comboio de milicianos sandinistas caiu numa embuscada a uns vinte quilómetros de Rama. Balanço oficial: trinta mortos. Uma coluna importante, com dois mil rebeldes, foi recentemente assinalada entre a costa atlântica e a região de Chontales.

Na própria costa atlântica é a confusão. As conversações tidas há um ano entre o governo sandinista e os dirigentes Miskitos não terminaram mas arrastam-se. Alguns entre os quinze «chefes de guerra» da Misura, são pelo diálogo, outros pela luta armada. Alguns colaboram abertamente com as tropas especiais do Ministério do Interior, os MINT. Outros combatem-nas.

Por todo o lado, nas pistas do Norte e do Centro, para além de Jinotega e de Pantasma. A Sul de Matagalpa encontra-se o rasto da guerra: aldeias desertas, campos militares para além de sacos de areia e canhões, patrulhas, ruído de morteiros. Os aviões de observação vigiam as colinas arborizadas; um terreno ideal para a guerrilha. Em Wiwilli, à beira do rio Coco, o ambiente é sinistro, e as noites são pontuadas por rajadas de tiros dos «Katiouska» que apontam para as Honduras próximas. Uma guerra que se instala e que foi feita para durar.

GABRIEL GARCIA MARQUEZ



Entrevista em Cuba

Com os Beatles sucedeu o mesmo que com os Cem Anos de Solidão

Por Armando López

● Impecavelmente vestido de branco, Gabriel Garcia Márquez recebeu-me à hora combinada e disse-me:

— Se há alguma publicação que tem muito que ver com esta nova época da Revolução já consolidada, uma Revolução não tão ameaçada como noutros tempos, é uma revista como a «Opina», que é feita pelas pessoas, por toda a gente.

Agradeci e fiz imediatamente a primeira pergunta: Que música preferes, a mais trabalhada, que normalmente se chama culta, ou a popular?

— Para começar, penso que tudo o que soa é música. Depois, começa-se por escolher aquilo de que se gosta e do que não se gosta, o que é bom e o que não é bom. Eu gosto de tudo, desde a música comercial que se ouve pela rádio, até um concerto de Bela Bartok. E entendo por música comercial não aquela a que alguns chamam assim, porque não encontram outra forma de a designar, mas sim aquela que é feita propositadamente para vender. Interessa-me toda a música.

O que é para ti a música comercial boa?

—Bom, pois aí tens na música espanhola essas baladas de amor, essa música sentimental feita inclusivamente à medida para um deerminado cantor. Entre os autores dessa música comercial, há homens que não são conhecidos cono poetas, tais como Manuel Alejandro, e as suas canções são extraordinárias peças poéticas que se ouvem em toda a parte. Algumas cantadas por Júlio Iglésias, outras por Rafael, Rocio Jurado ou Emmanuel e então o público exclama: Que gira que é a canção de Rafael! Que linda que é a canção de Rocio Jurado! Realmente por detrás dessas canções há um poeta, um Manuel Alejandro ou um Rafael Pérez Botij, e, se perguntares a qualquer intelectual quem são, não fazem a mais pequena ideia.

Muitos críticos não estão de acordo contigo, pensam que essa música que se faz para vender é ópio para o espírito.

— Por que é que se as pessoas gostam da música comercial, se esta as satifaz esteticamente, não há-de ser uma música aceitável? Não é aceitável, quando é má, quando não enche, quando é vulgar, grosseira, quando não há um esforço poético mínimo.

Se as canções de um Manuel Alejandro são poesia, o que achas da qualidade das suas melodias?

— Que as suas letras têm qualidade, não há dúvida nenhuma, e penso que tenho autoridade para o dizer. No que respeita às melodias, o certo é que em toda a parte lhes fazem todo o tipo de arranjos e transformações, todo o tipo de tratamentos, e a música resiste.

Afirmarias que os Beatles aparecem como música comercial?

— Acho que não, mas sim que se converteram em música comercial no sentido de que era vendida, de que era uma mercadoria e tinha uma grande procura. Eu penso que eles foram os primeiros que se surpreende-

Continua na pag. 25

GABRIEL GARCIA MARQUEZ

Continuação da pág. 24

ram, quando repararam que se vendia muio. A mim sucedeu-me o mesmo com **Cem Anos de Solidão**. Fui o primeiro a surpreender-me, quando reparei que a novela se vendia, e que se continua a vender, e eu escrevi a novela que pensei que tinha de escrever, e não tenho a menor dúvida de que os Beatles fizeram o mesmo.

Não é o caso da canção comercial espanhola, porque essa na sua origem tem um fim comercial. Mas o que é realmente importante, o que conta, é o resultado.

Não achas que quando se faz arte, especificamente para vender, estamos a prostituir essa arte?

— Então não a vendam, ofereçam-na, mas divulguem-na. E se a melhor maneira de a transformar, de lhe dar uma função social e uma função cultural socialmente importante é vendê-la, pois então é preciso vendê-la. Além disso, ninguém se opõe a que a cultura seja produtiva, a cultura pode e deve ser produtiva. O importante é que os benefícios não sejam para enriquecer uma multinacional de exploração transnacional.

E onde estão os escrúpulos? Que vamos vender música? Pois então também não vendam o açúcar. Porque motivo é imoral vender música e não é imoral vender açúcar? Eu acho que não é imoral nem uma coisa nem outra. Cuba produz tão boa música, como tão bom tabaco e tão bom café, e o açúcar e o café são comercializados, vendem-se, são conhecidos no mundo inteiro. E além disso, de qualquer modo, a música cubana sai e é reproduzida. Porque é que os cubanos não hão-de ter um mecanismo de controlo sobre a utilização no exterior da sua música? Porquê? Se de qualquer modo há outros que a estão a vender.

Qual é a tua opinião sobre a «salsa»?

— Cuba, antes do triunfo da Revolução, era um grande produtor de música, que se comercializava através da dança, da canção, da rádio e do espectáculo. Mas Cuba não lucrava, porque a sua música era distribuída por empresas norte-americanas. O lucro ia para os Estados Unidos. Hoje, essa música cubana continua no mercado, na primeira linha, com o nome de «salsa» que não é mais que os **sons** e **guarachas** cubanos, utilizados pelo imperialismo, pelos cubanos exilados, que apesar de serem exilados não deixam de ser tão bons músicos como o seriam se fossem revolucioários.

Conheces a música para dançar que se ouve neste momento em Cuba?

— Olha, eu gosto de dançar na rua nos carnarvais, e... **muchaco...** Que quantidade de música se ouve em Cuba! Com que autenticidade! Enraízada dentro da tradição! Se Cuba tivesse uma verdadeira indústria de divulgação, varreria com a «salsa». o **Buey Cansa'o** (Boi Cansado) por exemplo, teria um impacto que o **mambo**, teve na sua época. O que fez Pérez Prado (o invetor do **mambo**)? Sim, tropicalizou o jazz, deu-lhe elementos das Caraíbas, mas todo o êxito que o **mambo** teve foi devido ao esforço da comercialmização.

E o que é que acontece com a maioria da música que se está a fazer hoje em Cuba? Aproveitam-na mal. E eu não sei porque é que têm medo da palavra comercialização, se o importante, o bom ou mau da comercialização é quem se benefícia com ela.

Pensas que a canção revolucionária deve levar implícita a mensagem da Revolução?

— Eu penso que isso é como na literatura ou na poesia. Há literatura que expressa especificamente a Revolução e outra que, simplesmente, o que faz é prolongar a tradição de beleza da humanidade. Isto é, enriquece o património cultural da humanidade.

Eu pretendo ser um escritor revolucionário e não há uma única palavra de ordem nos meus livros, nem uma única proclamação, não há nada disso. Mas em troca, há uma coisa, tu vês os ascensoristas, os motoristas, os intelectuais, os médicos, os padres lerem os meus livros. Qual foi o trabalho que eu fiz? O trabalho não é sacrificar nada do valor literário de um livro, para o colocar ao alcance de todos. Eu penso francamente que isto faz muito mais trabalho recolucionário que uma literatura especificamente política.

A música é revolucionária, como a literatura é revolucionária, como a poesia é revolucionária, se for boa. Toda a beleza é revolucionária.

Qual é a tua opinião sobre o videoclips (videodiscos)**, essas canções dramatizadas através de imagens atractivas que hoje em dia inundam as televisões?**

— Bom, repara, ninguém pode deter a vida, a vida continua a inventar coisas que ficam, e outras que não ficam, que partem. Vamos esperar e ver como evolui esta novidade que é o **videoclip**.

Há quem ataque a telenovela, o que achas disso?

— O que é que acontece com a telenovela? Eu discuto com aqueles que olham para a televisão com um grande desprezo, que dizem que a telenovela é um género menor. A telenovela é um género menor, porque nós, os intelectuais, deixamos a telenovela a autores de género menor. Mas que maravilha é poder realizar uma telenovela que paralisa todos os dias nove milhões de pessoas, à mesma hora. A mensagem cultural que pode chegar através da televisão é extraordinária. Eu penso que o que se deve fazer é apoderar-se da televisão, não a desprezar e usá-la como um instrumento de penetração cultural e isso é revolucionário.

A zarzuela e a ópera perderam público. Os autores musicais não compõem para o género. Aqueles anos em que a estreia de uma Maria la O, **de Lecuona, era um acontecimento ficaram para trás. Qual a tua opinião sobre isto?**

— Estão a apresentar obras que já não são para esta época, ou então não as estão a apresentar muito bem. Senão, repara, quando os produtores mexicanos viram o roteiro do **Último cuplé** até se riram, porque disseram que já ninguém ouvia cuplé. Em troca, quando os espanhóis estrearam o seu filme apresentaram-no como um dos grandes êxitos da história do cinema. E digo-te isto, porque de certo modo vocês não fizeram nada para que as zarzuelas pegassem. Pode ser que seja uma falha de tipo comercial, publicitária, pode ser que não estejam bem lançados, que não estejam a dirigir um público que sinta saudade daquelas zarzuelas e então têm de as saber vender.

Infelizmente, eu estou a utilizar os termos que o capitalismo inventou para estas coisas, é a verdade, a diferença é que em Cuba o benefício da venda é social, mas a motivação é a mesma. É preciso saber vendê-las.

E agora faço-te eu uma pergunta. A ópera em Cuba enche os teatros?

Poucas vezes, e só meio teatro.

— Se a ópera em Milão é boa, demonstrou-se através da história da música a sua categoria artística e cultural, se é boa em Barcelona também é boa cá. E então, a falha não é da ópera, mas sim da formação cultural do público. Se **Otelo** ou **Madame Butterfly**, obras-primas do género, não pegam aqui, é porque não têm público para a ópera. E faz-nos pensar que também não têm um público culturalmente formado para a opereta e a zarzuela. Penso que num processo social como aquele que Cuba tem deve haver público para todas as manifestações artísticas. Repara no ballet. O ballet é uma grande tradição em Cuba. Mas o facto de Alicia Alonso ser uma das grandes estrelas do ballet mundial não penso que seja o único motivo para que haja um público para o ballet. Eu penso que os cubanos se acostumaram e aprenderam a ver ballet.

Uma vez ouvi dizer que Garcia Marquez aspirava escrever um bolero.

— Não era só uma aspiração. Eu tentei, juntamente com Manzanero (cantor mexicano) fazer um bolero, pelo menos durante um ano. E é o mais difícil que há. Poder sintetizar nas cinco ou seis linhas de um bolero tudo o que um bolero encerra é uma verdadeira proeza literária.

Manzanero até me chegou a dizer para eu escrever o argumento que ele o versificava, mas eu o que quero é escrever a letra toda de um bolero. Com Silvio, Rodrigues também fiz uma tentativa. Com Silvia fomos mais longe na experiência. Eu dei-lhe o roteiro e ele deu-me a métrica numa cassete. O número de sílabas que podia ter cada verso, inclusive as terminações da rima. Durante meses tentei, mas não consegui. Um bolero é algo que eu admiro muito.

Que importância social tem para ti o bolero?

— O bolero expressa sentimentos e situações que a mim me comovem e que eu sei que também comoveram muita gente da minha geração. Um bolero pode fazer com que um par de namorados goste mais um do outro e isso para mim é suficiente para fazer um bolero. Conseguir fazer com que um par de namorados goste mais um do outro, mesmo que seja por um instante, é culturalmente importante, e se é culturalmente importante, é revolucionário.

A música influiu na tua obra?

— Na Colômbia existe um género de música que se chama **vallenato**, que tem a sua origem na região que tem esse nome. É mais ou menos da estirpe do **som** do **merengue** dominicano. Originalmente, há muitos anos, foi uma canção de luta, isto é, contava (cantava) um acontecimento real. Os autores de **vallenatos** passavam por uma povoação, tomavam conhecimento de algo e divulgavam-no cantando por toda a região. Depois, com o tempo, popularizou-se e há uma produção comercial, paralela à produção natural. O facto de que sejam canções que contam acontecimentos reais deu-me a ideia para **Cem Anos de Solidão**.

E o que é **Cem Anos de Solidão**? Pois não é mais do que um **vallenato** de 450 páginas. É isso realmente. O que fiz com o meu instrumento literário é o mesmo que fazem os autores do **vallenato** com os seus instrumentos musicais. Só que eu o fiz com umas possibilidades literárias mais evoluídas, porque uma novela é um produto mais culturalizado, mas a origem é a mesma.

O que é que nos podes dizer das definições da música clássica, culta e popular?

— A música a que chamamos clássica, temos de a designar assim, porque não sabemos outro modo de o fazer, porque a música romântica e a barroca também são clássicas. E no que respeita à música culta, ao fim e ao cabo, tem a sua origem na música popular. Repara, há uma fotografia muito comovedora. Uma fotografia de Bela Bartok, muito jovem, lá pelos anos 20 ou 30. Está com um desses gravadores de manivela, no meio das montanhas, a gravar os cantos populares camponeses, a recolher a expressão musical da sua Hungria natal, para realizar a música artisticamente mais elaborada que possa haver. Uma música muito culta que tem a sua origem nessas cançõezinhas que ele gravava no seu gravador de manivela.

O que sucede quando um artista se afasta do popular? Digo que se não fosse por Bela Bartok, tanto Stranvinsky como Schoenberg teriam acabado com a música. Não por serem grandes músicos, mas sim porque se deixaram galantear tanto pela sabedoria técnica, que eram capazes de fazer qualquer coisa sem conteúdo, sem inspiração. Por sorte, chegou Bela Bartok que vinha da grande tradição romântica de **Brahms**, e começou a procurar fontes na música popular, tal como Beethoven e Bach fizeram, assim como todos os grande músicos da história da humanidade.

Quando escreves, costumas ouvir música?

— Gosto tanto de música, que quando estou a escrever não o posso fazer, porque presto mais atenção ao que estou a ouvir. Eu tenho que escrever em silêncio absoluto. Mas, na época em que estou a escrever, ouço muita música. E não só obtenho informações de outros livros e da vida, como também da música, e segundo o que estiver a escrever, tenho uma classe diferente de música para ouvir.

E falando de Bela Bartok, quando escrevi o **Outono do Patriarca**, só ouvia quase exclusivamente a sua música. E para mim foi uma surpresa, quando se me apresentaram dois desconhecidos que queriam fazer uma entrevista e me disseram: «Tivemos que estudar bem **O Outono do Patriarca** e chegámos à conclusão de que a estrutura da sua novela é a do Concerto Número 3 para piano de Bela Bartok». Eu assustei-me. Pensava que só tinha tomado de Bela Bartok uma série de soluções estéticas e de repente esses senhores disseram-me isso e acabei por pensar que tinham razão.

Coleccionas gravações em tua casa?

— Tenho desde Albinoni até Xenakis. Desde o barroco até à música contemporânea mais experimental. Tenho boleros, **rancheras**, tudo o que era a época de Bienvenido Granda, de Daniel Santos, de Quico Mendive, entre os mais famosos de Cuba, de Pérez Prado que é um dos meus ídolos, porque é a grande expressão musical da minha geração. Sempre segui a música de muito perto. Toda a música. Nunca consegui perceber como uma pessoa que queira ser culta não tenha a música como um dos seus elementos fundamentais de formação cultural.

Gostarias de ser músico ou cantor?

— Deixa-me dizer-te que cantei profissionalmente há muitos anos em Paris, num **night club** chamado **L'Scala**, onde nós, os exilados latino-americanos, nos reuníamos. Era a época tristemente gloriosa da América Latina, com Batista em Cuba, Trujillo em Santo Domingo, Rojas Pinillas na Colômbia, Pérez Jiménez, Somoza, Odria, Stroessner, Perón... Eu já era jornalista, tinha uma novela, **A Folhagem**, e estava a escrever **O Coronel não tem quem lhe escreva.** Mas tínhamos de sobreviver, reuníamo-nos no **L'Scala**, não para consumir, mas sim para cantar e ganhar dinheiro. Eu cantava num grupo com Soto, o pintor venezuelano. E sabes o que é que cantávamos? Canções mexicanas. Quanto pagavam? Bom, chegávamos a acordos. Ganhava por noite uns 500 fracos (antigos), algo assim como um dólar (na época). Mas vivia ou melhor quarto-vivia, e eu pensava: se conseguir meio-viver, vou agarrando alguma coisa.

Ainda anda por aí uma cassete que Carlos Fuentes, o escritor mexicano, está doido por apanhar, onde ele e eu cantamos um LP cheio de canções mexicanas a duas vozes.

E da música latino-americana como expressão cultural, o que poderia dizer?

— Há três países, cuja expressão cultural mais importante é a música: Cuba, o México e o Brasil. Não terás de fazer mais nada além de andar pelo mundo e reparar como se ouvem as canções latino-americanas, mas elaboradas por outros. Música nossa, agarrada pelos Mantovani e Frank Pourcel, esses que fazem música enlatada para elevadores. E eu tenho a certeza de que não estão a pagar os direitos de autor.

A presença da América Latina expressa-se mais em qualquer parte com a sua música. E pergunto a mim próprio, se estamos a fazer um trabalho cultural, do qual nós estamos a beneficiar no que respeita à imagem, porque é que não temos direito a beneficiarmos também do ponto de vista económico?

E no que respeita à música cubana, interpretada por cubanos, qual é a que mais ouves nas tuas voltas pelo mundo?

— Da que mais se fala é a da **Nova Trova**, talvez porque é digamos, a mais divulgada, a mais protegida pelas autoridades culturais da Revolução, a que nos sectores cultos de Cuba se considera a expressão cultural da Revolução. Mas, como já te disse atrás, em pleno carnaval, em Santiago de Cuba, reparei que há outra música além da **Nova Trova**. Havia um conjunto... E cantavam coisas maravilhosas! **Ahora lo que tengo es mamey...**! Eh, pá que coisa maravilhosa. Mas quando eu exclamei que são excelentes, disseram-me: «Pois este grupo vai acabar, porque o que toca **timba** acaba o curso de engenharia este ano e o que toca saxofone o de medicina».

E pensei: «Os cubanos não aproveitam a sua música...»

E repara que depois, mato-me à procura de discos dessa melodia «deliciosa», sem os encontrar, porque se por acaso existem, são tão poucos exemplares que se esgotam em um ou dois dias.

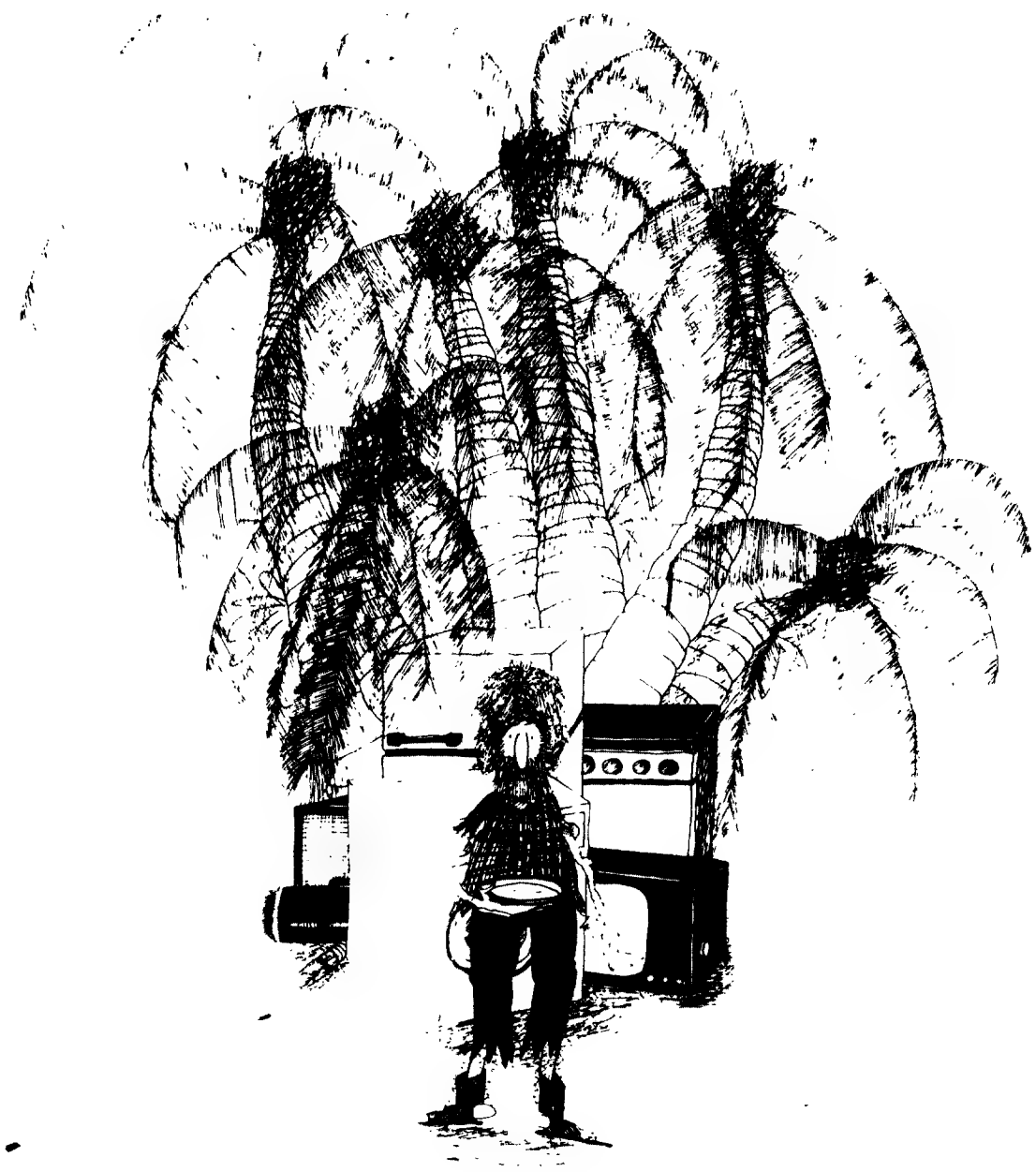
Imagina que possibilidades de divulgação internacional pode ter uma música com essa pequena edição e sem nenhum tipo de promoção. Não é por uma pessoa esperar que o único destino dessa música seja transformar-se em mercadoria, é que a comercialização é a forma moderna de divulgação. Isso foi o capitalismo que inventou, para lucrar individualmente, mas essa mecânica é aproveitável e devemos usá-la no socialismo.

O certo é que os cubanos não estão a aproveitar um filão cultural tão importante como a sua música popular e existe o perigo de que se não se estimular o filão, comece a estinguir-se.

Que música pensas que devemos divulgar?

— Bom, o público que a consome, as pessoas é que decidem. No fim de contas, as pessoas é que fazem a Revolução. O que sucede é que o capitalismo se apoderou também das palavras. Deixámo-las para ele e não podemos dizer consumo, porque parece que seria capitalismo.

Doces crónicas



"Um adeus português" de João Botelho premiado no Festival do Rio de Janeiro

O realizador português João Botelho obteve ontem no Festival de Cinema, Televisão e Vídeo do Rio de Janeiro o prémio para o melhor realizador pelo filme «Um Adeus Português».

O vencedor absoluto do Festival foi «Tiempo de Morir», do colombiano Jorge Ali Triana, que arrebatou o principal prémio em disputa, o «Tucano de Ouro».

O prémio especial do júri foi atribuído à película húngara «Que Horas São, Senhor Despertador?».

Christine Parker e Glenda Jackson conquistaram ex-aequo o prémio para a melhor actriz, pelas suas interpretações em «Noventa Dias de Canadá» e «O Diário das Tartarugas», respectivamente.

O «Tucano de Ouro» no sector de televisão e vídeo distinguiu «Pérfido Encanto», do italiano Mario Mortone.

No mesmo sector, os três prémios especiais foram atribuídos aos documentários «Sónia, Morta e Viva», de Sérgio Weisman, do Brasil, «Mira como Lucha Mi Pueblo», de Rádio Venceremos, da Nicarágua, produzido no México, e «Crianças Desaparecidas», da cubana Estela Bravo, realizado na Argentina.

Revistas Manchete — brasileira

Vendo colecção ou números soltos anos anteriores, perfeitos, por metade preço de capa. Telef. 607415 à noite.

Apartamento no Algarve

Vendo apartamento tipo T-O, em edifício-torre, na praia da Rocha, para uso próprio ou exploração turística. Contactar telefone 896487, depois das 18.30 horas.

Matemática e Física

Licenciado dá lições de Matemática, Física, Electrónica e Electrotecnia a todos os níveis do ensino secundário. Telef. 539673 (dias úteis) ou 2263079 (fins-de-semana).

Matemática e Química

Jovem universitário dá explicações de Matemática e Química desde o Preparatório, 7.º, 8.º, 9.º e 10.º, 11.º e 12.º anos. Vou a casa. Preços razoáveis. Telef. 700513 das 20 às 21 h, Rui Rodrigues.

Abat-jours

Fabrico e restauro. Bons preços. Adapto a candeeiros peças diversas. Electrificações, alabastros, tocheiros, velharias, desconto aos leitores do "DL". Av. Brasil, 182, traseiras. Fácil estacionamento. Telef. 881937.

Piano

Piano Görs e Kallmann cordas cruzadas armadas em ferro, solidez e qualidade, vendemos barato. Telef. 554504.

Educador pela Arte

Com experiência em actividades de tempos livres, em oficinas de expressão artística, como professor de movimento, música e drama, e interessado em desenvolver trabalho socioeducativo procura emprego compatível. Telefones 785620/780267.

Explicações

Professor licenciado dá lições de Matemátiica, Física e Electrotecnia a todos os níveis do ensino secundário. Trata telefone 539673.

Explicações

Licenciado dá lições de Matemática, Física e Química do secundário.
Telef.: 615330 depois das 18 h.
Telef.: 731633 até às 18 h.

Ajudanta de cozinha

Com prática oferece-se de preferência zona Almada. Telefone 2243469.

Regulamento:

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.

Para si, leitor

Antestreia de "A Casa e o Mundo" é amanhã

Os leitores do «DL» que gostam de cinema têm, já amanhã, a oportunidade de ver um dos acontecimentos fílmicos deste ocaso de 1985, prenhe de solicitações: é a antestreia de «A casa e o mundo», **obra-prima de Satyajit Ray, que, com o** ABC — Cineclube de Lisboa, **patrocinamos no Quarteto, em duas sessões, às 18.30h e às 19.15h.**

Baseado num romance de Rabindranath Tagore (um dos vultos cimeiros da cultura bengali, Prémio Nobel da literatura em 1913), **A casa e o mundo** é a vigésima sexta longa-metragem de Satyajit Ray, o homem que fez virar o cinema indiano nos anos 50 e que é, sem sombra de dúvida, uma das grandes figuras do cinema actual.

O publico português pouco conhece da sua obra: dois filmes apenas, da vasta filmografia de Ray, tiveram distribuição comercial entre nós («**Luta pela vida**», em 1981 e «**O jogador de xadrez**», em 1983) e com escassa repercussão. Talvez o estrondo que acompanhou «**A casa e o mundo**» em Cannes, o inteligente lançamento que está agora a ter (e onde, evidentemente, se inclui a iniciativa da antestreia de amanhã...) e o apoio que, por certo, concitará junto da crítica mais atenta consigam que o cinema de Ray alcance agora furar o quase monopólio americano em matéria de sucesso.

Mas quem é este cineasta indiano, patriarca da renovação de uma cinematografia, o homem que abriu caminho a que toda uma jovem geração de realizadores do seu país rompesse o cerco dos melodramas, dos musicais, dos indigentes filmes que são a maioria da produção que se faz na União Indiana?

Nascido em 1921 em Calcuta de uma família da alta burguesia, cultivando as artes e próximo de Rabindranath Tagore, ele é um herdeiro do renascimento bengali do séc. XIX (a que prestou homenagem em «CHARULATA» — 1964), na medida em que se trata de um homem erudito, exaltando a cultura indiana clássica e testemunhando também um admirável conhecimento da cultura ocidental. Representa o renascimento bengali também, porque manifesta um espírito liberal na sua recusa dos preconceitos de casta e da ortodoxia religiosa hindu e mostra uma notável pluralidade de talentos artísticos: é ao mesmo tempo, escritor, desenhador e compositor de música.

Apaixonado pelo cinema, desde muito novo, é sobretudo um cinéfilo inveterado. Em 1947, funda com o seu amigo Chidananda das Gupta o cineclube de Calcutá, um dos mais activos na Índia. Está empregado como desenhador comercial numa firma inglesa mas sonha em fazer cinema. Em 1943 faz as ilustrações de uma nova edição do livro de Bibhutibh usan Bannerjee, «PATHER PANCHALI» e imediatamente pensa em adaptá-lo ao cinema. Sabe à partida o que não quer fazer, mais um filme indiano, com todas as convenções habituais. Durante uma viagem à Europa em 1950 vê «LADRÕES DE BICICLETAS» de Vittorio de Sica e compreende que a direcção em que se deve empenhar é a do neo-realismo italiano que resulta numa grande autenticidade, sem necessitar de meios financeiros importantes. Formado, além disso, na escola do cinema americano clássico, Ray pensa que o cinema indiano na sua totalidade nunca atingiu o nível de grande arte. Além das pesadas convenções que o desfiguram, manifesta fraquezas patentes ao nível da construção do argumento. Recusando em bloco e definitivamente as convenções (canções, danças, costumes) apoiando-se nas grandes obras da literatura bengali, Ray vai subverter o cinema indiano utilizando os códigos cinematográficos ocidentais, cuidadosamente desmontados, estudados, enriquecidos e reutilizados na altura própria.

Ray é sempre o autor das suas adaptações e dos seus argumentos. Em certos casos, como «KANCHANJUNGHA» (1962) e «NAYAK» (1966) é também o autor do argumento original. Deste modo a sua obra adquire uma unidade que resulta de um mesmo olhar pousado sobre o mundo e sobre o cinema e que reforça a vontade de controlar ele próprio todos os aspectos da fabricação dos seus filmes. É, de facto, o seu próprio operador, o seu próprio compositor (desde «TEEN KANYA», 1961), e vigia também de perto, tanto a construção dos cenários como a montagem.

Este cineasta que prepara meticulosamente os seus filmes, tem mais confiança na inteligência do que no instinto. A sua arte é de uma honestidade escrupulosa, que transforma o respeito do espectador numa virtude essencial. Apoia-se de filme em filme, qualquer que seja o género adoptado, na utilização da narrativa linear, do verdadeiro tornado regra, da autenticidade psicológica. Consegue chegar à construção de estruturas formais espantosamente densas — únicas, em todo o caso, no cinema indiano — que não só acompanham a obra mas são as portadoras do sentido global desta. É aliás nisto que este cinema clássico, que funciona no interior dos códigos sem tentar pervertê-los, é também um cinema moderno.

Satyajit Ray durante a rodagem de **«A casa e o mundo»** *(amanhã, em antestreia, para si)*

Como aceder à sessão

Para que os leitores do «DL» possam assistir à antestreia de «A CASA E O MUNDO» (escolhendo uma das duas sessões, 18.30 h ou 19.15h) deverão recortar o cupão que hoje publicamos e seguir as instruções nele expressas. Aconselha-se que não cheguem, porém, ao Quarteto, mesmo em cima da hora — a lotação das salas não é grande e espera-se, naturalmente, uma razoável afluência.

Literatura ganha prémios "Inasset"

No Grémio Literário (Lisboa) teve lugar, com a presença de entidades ligadas à cultura e à vida empresarial portuguesa, a apresentação dos «Prémios Literários Inasset», lançados pela INAPA (Indústria Nacional de Papéis, SARL) para o desenvolvimento da criação literária no nosso país e devido reconhecimento dos seus autores.

A realização deste objectivo conta com a colaboração do Centro Nacional de Cultura.

Foram criados os prémios «Inasset» de Literatura no valor de 750 contos, a atribuir anualmente à 1.ª edição de obra de ficção ou poesia de autores vivos da língua portuguesa) e «Inasset» de Revelação (100 contos, a conferir alternadamente entre inéditos da ficção ou poesia de autor vivo português ou de país africano de expressão portuguesa, sem nenhum livro ainda publicado).

Na cerimónia usaram da palavra Vasco Quevedo Pessanha (presidente do Conselho de Administração da INAPA), Helena Vaz da Silva (Centro Nacional de Cultura) e Fausto Lopo de Carvalho (Instituto do Livro) todos salientando o incentivo que estes prémios vêm dar a novos escritores e, também, a autores nascidos em países africanos. António Baptista e Manuel Ferreira (Associação de Escritores Portugueses) estiveram também no Grémio Literário neste lançamento dos prémios «Inasset».

Poesia angolana na URSS

Uma colectânea de poesias de vinte e cinco autores angolanos intitulada «Poesia Angola Contemporânea» acaba de ser lançada na URSS pela Editora «Raduga».

A nova antologia, coordenada pela especialista em literatura e língua portuguesa, Helena Riausova, inclui textos de Agostinho Neto, António Cardoso, António Jacinto, Antero de Abreu, Alexandre Daskalos, Alda Lara, Aires de Almeida Santos, David Mestre, Maria Eugénia Neto, Tomás Vieira da Cruz, Geraldo Bessa Filho, Arlindo Barbeitos, Jorge Macedo, Manuel Rui, Arnaldo Santos, João Abel, Ruy Duarte de Carvalho, Manuel Lima, Mário António, Jofre Rocha, Tomás Jorge, Henrique Guerra e João Maria Vilanova.

A poesia angolana, que se tornou conhecida dos leitores soviéticos há 25 anos, através da publicação dos versos de Agostinho Neto, tem vindo a suscitar, nos últimos anos, um enorme interesse naquele país. Este facto deve-se, em grande parte, ao poeta soviético Pavel Gruce

Prémio Avicena 1985

O Prémio Avicena 1985 foi atribuído ao poeta paquistanês Faiz Ahmed Faiz, a título póstumo, e à Universidade de Amizade dós Povos Patrice Lumumba que assinalou este ano o seu 25.º aniversário.

O galardão, instituído pela Agência de Imprensa Novosti, é atribuído anualmente a personalidades ou instituições que contribuíram com as suas actividades, para o reforço da paz e da Amizade entre os povos da Ásia, África e URSS.

Os laureados são escolhidos por um júri internacional integrado por escritores, cientistas e jornalistas dos países dos dois continentes e da União Soviética.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SINTRA

ANÚNCIO

Proc.: 4240/84-C. P.
1.º Juízo — 1.ª Secção

O DOUTOR, ADÉRITO PEREIRA BRAZÃO DE CARVALHO, juiz de Direito do 1.º Juízo – 1.ª Secção do Tribunal Judicial de Sintra.

FAZ SABER, que no dia 20 de Dezembro de 1985, pelas 11.30 horas no Tribunal desta Comarca, na Execução Sumária que o Banco Português do Atlântico move contra a Tinturaria Cambournac (processo 9551 da 1.ª Secção do 2.º Juízo Cível de Lisboa), com sede na Quinta do Papel, no Cacém, hão-de ser postos em praça para serem arrematados ao maior lanço oferecido, acima do valor indicado no processo, duas máquinas industriais.

E para constar se lavrou o presente edital e outros de igual teor que serão legalmente afixados.

Sintra, 19 de Novembro de 1985

O JUIZ DE DIREITO
Adérito P. Brazão de Carvalho
O Escrivão Adjunto
Jacques Cota

«D.L.» – 2/12/85 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ALENQUER

ANÚNCIO

Pela Primeira Secção do Tribunal Judicial da Comarca de Alenquer, correm éditos de TRINTA DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando a executada AVALANCHE-FRIGORÍFICOS E REFRIGERAÇÃO INDUSTRIAL, LIMITADA, com a última sede conhecida na Rua C, Lote 41-A (Urbanização das Torres), S. João da Talha, em Sacavém, para, querendo, no prazo de CINCO DIAS, findo o dos éditos, deduzir oposição, pagar à exequente ou nomear bens à penhora, nos Autos de Execução Sumária n.º 197 a correr termos na 1.ª Secção deste Tribunal que lhe move e a Outra Polinox-Representações e Centro de Metais Finos, Ld.ª, com sede no Largo do Rato, n.º 16-3.º em Lisboa, sob pena de se considerar devolvido à exequente o direito de nomeação de bens à penhora, prosseguindo a execução com o Ministério público, nos termos do art.º 15.º do Código de Processo Civil.

O pedido consiste em a executada pagar à exequente a quantia de 247 940$00, acrescidos dos juros que, às taxas legalmente aplicáveis, se venceram até integral pagamento sobre 168 000$00, correspondentes a sete letras, da quantia de 24 000$00, cada uma.

O duplicado da petição inicial, fica à disposição da citanda na Secção por onde corre a execução e que lhe será entregue logo que solicitado.

Alenquer, 25 de Novembro de 1985

O Juiz de Direito
a) Antonio Oliveira Morais
O Escrivão Adjunto
a) Dulce Veloso

«D.L.» – 2/12/85 – 1.ª Pub.

ABC-CINECLUBE DE LISBOA

Antestreia de

«A CASA E O MUNDO» de SATYAJIT RAY

Cinema Quarteto
Dia 3
18.30h ou
19.15h

Recorte este cupão e entregue-o na bilheteira do cinema. Obterá um ingresso mediante o pagamento de 100$00 (valor da quota suplementar para os sócios do ABC)

VESTUÁRIO EM CABEDAL
ANTÍLOPE E PELE DE PORCO
CONFECCIONAMOS POR MEDIDA
PINTAMOS E ARRANJAMOS
CASACOS DE CABEDAL
CONFECÇÕES STAHL, LDA.
AV. MARQUÊS DE TOMAR, 68-1.º ESQ.
☎ 77 11 58 — 1000 LISBOA

"A Lua na Valeta"
de Jean-Jacques Beineix

Jorge Leitão Ramos

A vaga artificialista que entrou, cinema dentro, nos últimos anos, encontra o seu expoente e os seus escancarados limites em A lua na valeta. **Quem defendeu** Diva **com unhas e dentes está no sétimo céu...**
Ou não?...

Pois não — e é isso que me intriga. Jean-Jacques Beineix não faz mais que levar a estética de **Diva** (autocontemplação ante a sofisticada fotografia, a beleza «publicitária» do plano, a gélida geometria) até às suas últimas consequências. Coerência não lhe falta, ele é certamente um autor com reconhecíveis atributos, não entendo que, de **Diva** a **A lua na valeta** a recepção crítica se retraia sem que se retrate.

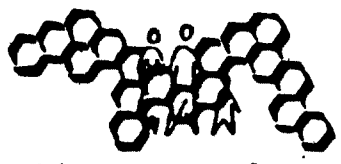
Por mim não mudo nada. Tudo o que havia de positivo em **Diva** aqui se repete. Tudo o que lá passava de gratuíto se volta a espelhar em **A lua na valeta.** É, outra vez, a sedução à flor da pele, o gosto pelo bonito, o refinamento plástico, o enleio pelos olhos. Mas... nada para dizer, nada de verdade (a não ser, talvez, a cena de Victória Abril no baloiço onde o desejo, algo de palpitante, acontece por efémeros instantes), a mesma irresistível tendência para ser classe média francesa, a mesma vácua inutilidade.

Ali tudo passeia, passa, sem rasto: Depardieu, Nastassja Kinski, a cenografia, as luzes, até as coisas desgostantes (como as humanas degradações) estão, em **A lua na valeta** como numa montra **chic.** Fútil, não o querendo ser em toda a extensão, exibicionista, não encontrando razões para esse facto, lânguido e, afinal, morto (só que bem maquilhado, como os embalsamados corpos dos notáveis deste mundo), o filme acaba por ser um interminável conjunto de clichés, um tédio jamais rompido por qualquer surpresa.

Em França, maugrado o enorme lançamento de **A lua na valeta** como um dos acontecimentos cinematográficos de 1983, o público votou-o ao mais clamoroso fracasso. Em Lisboa está a esgotar sessões.

Autocontemplação nos cenários, iluminação, fotografia, geometria do plano...

FICHA:
Título original: La Lune Dans le caniveau.
Realização: Jean-Jacques Beineix (França-1983)
Argumento: Jean-Jacques Beineix e Olivier Mergault segundo romance de David Goodis.
Fotografia: Philippe Rousselot.
Cenários: Hilton Mac Connico.
Música: Gabriel Yared.
Montagem: Monique Prim, Yves Deschamps.
Interpretação: Gérard Depardieu **(Gérard),** Nastassja Kinski **(Loreta),** Victoria Abril **(Bella),** Vittorio Mezzogiorno **(Newton Channing),** Dominique Pinon **(Frank),** etc.
Distribuição em Portugal: Doperfilme.
Cinema: Quarteto.
Classificação: Para maiores de 16 anos.
Duração: 137 minutos.



POR UMA HABITAÇÃO DIGNA

ASSOCIAÇÃO DOS INQUILINOS LISBONENSES

(Cooperativa de Responsabilidade Limitada)
AV. ALMIRANTE REIS, 12 – TEL. 54 60 30 – 1100 LISBOA

AUMENTOS DE RENDA NÃO ESTÃO EM VIGOR

CHEGOU AO CONHECIMENTO DA ASSOCIAÇÃO DOS INQUILINOS LISBONENSES QUE MUITOS SENHORIOS PRETENDEM COBRAR A PARTIR DE DEZEMBRO AS RENDAS DE CASA COM OS AUMENTOS BASEADOS NA LEI DAS RENDAS (LEI 46 / 85).

ESTA LEI, APESAR DE APROVADA, NÃO PODE ENTRAR EM VIGOR NO QUE DIZ RESPEITO AOS AUMENTOS DE RENDA PORQUE NÃO FOI REGULAMENTADA DENTRO DO PRAZO QUE A PRÓPRIA LEI IMPUNHA.

ASSIM, OS INQUILINOS NÃO DEVEM PAGAR RENDA DIFERENTE DA QUE JÁ PAGAVAM.

A DIRECÇÃO

LUIS CILIA
SINAIS DE SENA
Á VENDA NAS DISCOTECAS
UMA EDIÇÃO SASSETTI

AOS EMPREGADOS

Aumente o seu rendimento mensal trabalhando connosco após o seu horário de trabalho. Tem mais de 19 anos, está empregado e tem 9.º ano mínimo.

Contacte-nos hoje das 17.30 às 20.30 horas pelo telefone 89 33 23.

ROTEIRO CULTURAL

Continua o ciclo de conferências sobre Aquilino Ribeiro na Biblioteca Nacional

Conferência

• João Gaspar Simões profere esta tarde, pelas 18 horas, mais uma conferência, no âmbito das comemorações do centenário do nascimento de **Aquilino Ribeiro.** Subordinada ao tema «Aquilino e a Crítica», a sessão tem lugar, como habitualmente, na Biblioteca Nacional, ao Campo Grande.

Música

• Não se trata de um espectáculo. Pode ficar em casa, deliciado, a ouvir «Cinco Minutos de Jazz». Trata-se de uma rubrica do programa «24.ª Hora», transmitido às 23.30 horas na onda média da Rádio Comercial. No programa de hoje está presente o **jazz da Califórnia na segunda metade dos anos 40. Uma amostragem com gravações de Stan Getz, Al Conh, George Wallington, Allen Eager, Zoot Sims, Red Rodney e alguns outros. São as celebradas gravações da Savoy.**

Cinema

• Integrado no ciclo dedicado a **Orson Welles** é projectado esta tarde, pelas 18.30 horas, na Cinemataca Portuguesa, o filme «Otelo», realizado em 1951 por aquele realizador. À noite, pelas 21.30 horas, o filme é novamente exibido.

• Em memória de **Rainer Werner Fassbinder,** falecido em 1982, o Instituto Alemão de Lisboa, no Campo Mártires da Pátria, vai mostrar, durante o mês de Dezembro e sempre pelas 18.30 horas, uma pequena série de filmes deste realizador alemão. Assim, esta tarde é projectado o filme «Roleta Chinesa», legendado em português.

Teatro

• A convite do Teatro da Cornucópia apresenta-se esta noite, às 21.30 horas, pela última vez no Teatro do Bairro Alto em Lisboa a **Companhia Teatro Fronterizo de Barcelona.** O espectáculo que traz a Portugal é **ÑAQUE o de Piojos y Actores,** que lhe valeu o prémio Carbonell no Festival de Sitges de 1980, uma montagem de José Sanchis Sinisterra de textos populares do século XVII em torno da temática da condição do actor e da sua posição na sociedade, concretizada na sua relação com o público. Dois actores ambulantes do século de ouro espanhol chegam com a sua fome e os seus piolhos ao aqui e agora — um teatro, hoje, depois de uma grande caminhada através do espaço e do tempo. Observam o público que lhes parece ao mesmo tempo estranho e familiar, mas têm de começar a sua actuação, ainda que não tenham muito a certeza de que ela interesse verdadeiramente a alguém: empurrados pela fome, o seu eterno deambular conduziu-os até um presente que desconhecem. Perguntam ao público «quando» é «agora» e quando descobrem, apressam-se em preparar a sua tosca actuação enquanto evocam o esplendor das comédias e dos autores do seu tempo.

ÑAQUE é interpretado por Luís Miguel Climent e Manuel Dueso e tem direcção de Sanchis Sinisterra. Há cinco anos que o espectáculo tem vindo a ser apresentado com enorme êxito da crítica e de público.

Exposições

• Numa das salas de exposições do Palácio Foz realiza-se esta tarde, pelas 17 horas, a inauguração da exposição do artista plástico angolano **Vítor Teixeira — Viteix.**

• **Margarida Zobaran** também inaugura esta tarde, mas às 18 horas, a sua exposição intitulada «Baixelas reinventadas e outros objectos de prata».

• A terceira inauguração de hoje é a de **Fernanda Neves,** pelas 19 horas, no Páteo Alfacinha. A artista, com os seus fascinantes «Telhados de Lisboa», tem vindo a exercer uma intensa actividade artística, já este ano, em exposições reveladoras da sua técnica e sensibilidade artística.

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
A FLORESTA ESMERALDA
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Alfa 2
UM DOMINGO DIFERENTE
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h

Alfa Club
T. 763319
A COMPANHIA DOS LOBOS
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1
A FLORESTA ESMERALDA
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Amoreiras 2
O VOO DA ÁGUIA
(maiores 6 anos)
14.30, 18.00, 21.15 e 24.00 h

Amoreiras 3
RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70
COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Avila
— T. 539930
OS GOONIES
(maiores 6 anos)
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163
AMÉRICA VIOLENTA
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
O ÚLTIMO GUERREIRO DO ESPAÇO
(maiores 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Caleidoscópio
— T. 795093
HISTÓRIA INTERMINÁVEL
(maiores 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30h

Capitólio
— T. 372358
RADIOGOZO
(maiores 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Uma cena do filme Siberíada, realizado por Andrei M. Kontchalovski. Prémio Especial do Júri do XXXII Festival de Cinema de Cannes.
Em exibição no Estúdio 444

Castil
T. 530194
OS GOONIES
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824
AMERICAN GIGOLO
(não acons. men. 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
FIM-DE-SEMANA ESCALDANTE
(não acons. men. 18 anos)
24.00 h

Cine Camões
T. 324194
DESAFIO DAS ÁGUIAS
(não acons. men. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cinemateca
OTHELO/1951
18.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460
QUE GRANDE CEGADA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
CLÃ DOS SICILIANOS
24.00 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Anusha
AMOR É MÚSICA
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza
DESAPARECIDO EM COMBATE
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999
MAD MAX — ALÉM DA CÚPULA DO TROVÃO
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO
(não acons. men. 13 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523
Os gansos selvagens contra atacam
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134
REQUIEM PARA UMA MULHER
(int. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255
O SENTIDO DA VIDA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078
SIBERÍADA — 1.ª Parte
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30, 21.30 e 24.00 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
REUBEN, REUBEN — VIDA DE ARTISTA
(maiores 12 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Sala 2
A TESTEMUNHA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3
A REVOLTA DOS MARADOS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Forum Picoas
GREASE
(não acons. men. 13 anos)
16, 19 e 21.30 h
De 30/11 a 5/12
AMERICAN GRAFFITTI
(n/acons. men. 13 anos)

Gemini
— T. 734009
A FLORESTA ESMERALDA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
OS GANSOS SELVAGENS CONTRA-ATACAM
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Sala 2
ROSA PÚRPURA DO CAIRO
(maiores 6 anos)
14.15, 16:30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império
— T. 555134
SILVESTER
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
AS NOITES DE CHINA BLUE
(para maiores 18 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
ANATOMIA DUMA TRAIÇÃO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres
— T. 801313
AS NOITES DE CHINA BLUE
(para maiores 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743
UM DOMINGO DIFERENTE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Nimas
— T. 574362
«THE COTTON CLUB»
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h
21.30 h

Odeon
— T. 326283
AMANDO E RINDO
(int. men. 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309
PROSTITUIÇÃO E DROGA
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico

Pathé
— 821933
ZÁS, TUDO AO LÉU
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama
T. 326305
ATOR, O CONQUISTADOR
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 23.30 h

Sala 2
CONSTANCE
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.15 h
48 HORAS
(maiores 18 anos)
23.30 h

Sala 3
AMANTES — LOVE STREAMS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
ASSALTO À 13.ª ESQUADRA
(maiores 18 anos)
24.00 h

Sala 4
A LUA NA VALETA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
FESTIVAL ROCKY DE TERROR
(maiores 18 anos)
24.00 h

NGOLA
OS RAPAZES DA GUERRA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Restelo
T. 610375
AMOR É MÚSICA — (ELECTRIC DREAMS)
15.30 e 21.30 h

Roma
T. 889192
RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30h

Roxy
T. 548560
CARTAS DE AMOR DE UMA FREIRA PORTUGUESA
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
A FLORESTA ESMERALDA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2
O ÚLTIMO GUERREIRO DO ESPAÇO
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.45 h

Sala 3
007-ALVO EM MOVIMENTO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte
— T. 730715
A PROMETIDA (THE BRIDE)
(maiores 12 anos)
14.30, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210
DIVÓRCIO EM HOLLYWOOD
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
OS GOONIES
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30h

Turim
T. 706666
OS AMANTES DE MARIA
(maiores 16 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Vox
T. 880808
OS GOONIES
(maiores 6 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Xenon
T. 368480
A MALDIÇÃO DA MANSÃO SOMBRIA
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30h

Zodíaco
— T. 570151
ILHA AZUL
(não acons. men. 13 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
RRUC CONTRA OS ODDS
24.00 h

Linha de Sintra
AMADORA — Cinestúdio — «Garçon, um homem apaixonado», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
AMADORA — Cineteatro Lido — «História interminável», às 15.30 e 21.30 (maiores 12 anos)
AMADORA — Babilónia — «Rambo — A Vingança do Herói», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Continuam a chamar-me Trinitá», às 15 e 21.30 h (não acons. men. 13 anos). «O Golpe» às 24.00 h (maiores 12 anos)

Linha de Cascais
CASINO ESTORIL — «Os filhos da Terra», às 17.00 e 21.15 h (maiores 18 anos)
ALGÉS — Cinema 2000 — «007 – Alvo em movimento», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Outra Banda
ALMADA — Academia — «Rambo — A Vingança do Herói», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
ALMADA — Incrível — «Adeus Inocência», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

não deite papeis no chão

motociclista ACENDA OS MÉDIOS mesmo durante o dia

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALCÂNTARA: Probidade, R. de Alcântara, 15-A-B (T. 638589); **ALMIRANTE GAGO COUTINHO: Estados Unidos**, Av. dos Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **AMOREIRAS - ESTAÇÃO DA CARRIS: Ivone**, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760); **CAMÕES - SANTA CATARINA: Combro**, C. do Combro, 82 (T. 326059); **CHILE - ARCO DO CEGO: São Jorge**, L. do Leão, 3-A-B (T. 534027); **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **GRAÇA: Almeida Dias**, L. da Graça, 38-39 (T. 862909); **LARGO DO CAMPO PEQUENO: Miranda**, L. do Campo Pequeno, 36-B-C (T. 770776); **LUMIAR: Central do Lumiar**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 758063); **OLIVAIS VELHO: Olivais**, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237); **PALHAVÃ: Curie**, Av. Madame Curie, 15-A (T. 723220); **RESTELO -À AVENIDA VASCO DA GAMA -ALGÉS: Ocidental**, R. D. Jerónimo Osório, 18-D (T. 610256); **BRANDOA - AMADORA: Tavares Matos**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **ODIVELAS: Central de Odivelas**, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 9811203); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO — AJUDA: Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro, 117 (T. 633288); **ALAMEDA - FONTE LUMINOSA: Igreja**, R. Barão de Sabrosa, 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE: Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (T. 892070); **ANJOS -LISBOA GINÁSIO CLUBE: São José**, R. dos Anjos, 41-A (T. 570730); **BAIXA: Internacional**, R. do Ouro, 228-230 (T. 322017); **BEATO: Grijó**, R. do Grilo 25 (T. 385264); **BENFICA - CHARQUINHO: Macedo**, R. República da Bolívia, 69-C (T. 713697); **ESTRELA - POSSIDÓNIO DA SILVA: Tagus**, R. Possidónio da Silva, 162-A (T. 669485); **LAPA - SANTOS: Eduardo A. César**, R. das Trinas, 102-A (T. 662631); **SALDANHA: Cruz Nunes**, P. Duque de Saldanha, 14-15 (T. 521845); **TIVOLI - RESTAURADORES: Galénica**, R. das Pretas, 12-14 (T. 322588); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — R. Bernardo Francisco Costa, lote 1 (T. 2751297). Permanente; COVADA PIEDADE: Cerqueira, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 22 horas; **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Mascarenhas Neto**, R. D. Francisca Azambuja (T. 2074446). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2140141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Duarte Ramos**, R. de Bafatá, loja 30, Centro Comercial Belsul (T. 2243143). Até às 22 horas; **TORRE DA MARINHA: Alves Velho**, L. de Camões, 27 (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTIJO: São Pedro**, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, 15 (T. 243100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Lisboa**, R. Dr. Paulo Borba, 70 (T. 22248). Permanente; **Bairros**, R. Rodrigoes F. Costa, 27 (T. 293330). Permanente; **Cunha Pinheiro**, E. da Canarinha, 32 (T. 29215). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Cabrita, P. de Miraflores (T. 210486). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690262). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CAXIAS: Nova**, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Alcântara Guerreiro**, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Macau**, R. José Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Solla, loja D, lote 65 (T. 900724). Permanente; **Flama**, R. Elias Garcia, 78-B (T. 4932485). Até às 22 horas; **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (T. 4937740). Até às 22 horas; **DAMAIA: Lemos**, R. de Goa, 21-A (T. 971121). Até às22 horas; **QUELUZ: Serra e Pinto**, R. D. António C. Sá, 50-GE (T. 4377619). Até às 22 horas; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069). Até às 19 horas; **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente; **MEM MARTINS: Química**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Araújo**, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA: Simões**, R. Heliodoro Salgado, 26 (T. 9230832). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

MOSCAVIDE: Varela, Av. de Moscavide, 44-B (T. 2518520). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da da República, 86 (T. 2530027). Permanente.

Porto — DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS — HERCULANO, R. Alexandre Herculano, 384; **TERREIRO**, R. da Reboleira, 21; **BARROS**, R. do Bonjardim, 1292; **VITÓRIA**, R. de São Roque da Lameira, 756; **MAIA**, R. do Campo Alegre, 192.

DL TEATROS

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

«**PÁSCOA**» de August Strindberg. Encenação de Luís Miguel Cintra. Cenografia de figurinos de Cristina Reis.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Tel. 76 86 09

De terça a sábado às 21.30, domingos às 16.00

«**JARDIM DE OUTONO**», de Lilian Hellman. Encenação de Luzia Maria Martins.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 770969

De terça a sábado, às 21.45
Aos domingos às 16.00

«**TU E EU**», de Friechrichtk ZWaecher. Tradução de Vera San-Payo Lemos, José Fanha e João Lourenço. Cenografia de Ângelo Sousa. Música de Pedro Osório.

Coliseu dos Recreios

R. das Portas de Santo Antão — Tel. 36 19 97

Todos os dias às 21.30; quintas, sextas e sábados às 16.00; domingos às 17.30; dia de Natal e Ano Novo, às 14.30, 17.30 e 21.30

«CIRCO DE NATAL». Rola-rola, mula cómica, gatos pretos, pombos em liberdade, barristas, malabaristas, ilusionismo, palhaços, faz-tudos e elefantes.

Teatro Municipal de S. Luís

R. António Maria Cardoso — Tel. 20 21 10

Companhia de Dança de Lisboa
Direcção artística de Rui Horta.

Teatro Maria Vitória

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

De terça a sábado, às 20.30 e 22.45, domingos às 16.00.

A nova fase da revista «**NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO**», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson e Mário Zambujal. Interpretado por Eugénio Salvador, Ivone Silva, Henrique Santana, Linda Silva, Carlos Cunha e Maria Armanda.

ITI — Teatro Infantil

R. Leão de Oliveira — Tel. 63 99 74

Sábado às 16.00

«**O CANTEIRO VAIDOSO**»

Domingos e feriados às 16.00

«**GRAÇAS E DESGRAÇAS NA CORTE DE EL-REI TADINHO**»

Teatro Nacional D. Maria II

P. D. Pedro IV — Tel. 37 22 46

De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos às 16.00

«**O MORGADO DE FAFE EM LISBOA**», de Camilo Castelo Branco. Encenação de Ruy Furtado.

Teatro da Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 320000

De 19 de Novembro a 1 de Dezembro, às 21.30; sábados e domingos às 16.
Festival Grupo de Campolide
Companhia do Teatro de Almada

Carlos Gonçalves em «**O CAPOTE**», de Nicolau Gogol. Encenação de Joaquim Benite. Com Canto e Castro, Luís Vicente, Maria Henriqueta, António Mota e Vítor Gonçalves.

Circo Chen

Praça de Toiros do Campo Pequeno

Todas as noites às 21.30; quintas e sábados às 16.00; domingos e feriados às 15.00 e às 17.30

«**O PRIMEIRO CIRCO DA EUROPA**» com a grande atracção mundial Família Zambo.

Teatro do Século

R. do Século, 41

De 4.ª a sábado, às 21.30; domingos às 17.30.

«**EMBALAGEM PERDIDA**» de Vera Feyder. Dramaturgia e encenação de Ricardo Marquez. Cenografia de Mário Jorge. Intérpretes: Lucindo Loureiro e Cucha Carvalheiro.

Centro Comercial das Amoreiras

Halley Hall
Centro Nacional de Cultura — Tel. 36 722

Até ao dia 31, às 22.00.

«**DOCE AMIGO**». Colagem e textos de Chaucer, Eugénio de Andrade, Tchekhov e Marguerite Yourcenar. Dramaturgia de Alexandre Leitão, José Artur, Pestana e Jorge Listopad. Encenação de Jorge Listopad. Cenografia de Tomás Taveira. Figurinos de Nuno Carinhas. Música Telectu Grupo de Teatro da Universidade Técnica.

Feira Popular de Lisboa

CIRCO PAQUITO CARDINAL
Todos os dias às 21.30, domingos às 17.30

Comuna

P. de Espanha — Tel. 72 08 18

De terça a sábado às 21.30
Domingos às 17.00

«**AMADIS**», de Abel Neves. Encenação João Mota. Interpretação: Abel Neves, Alfredo Brissos, Ameno Gonçalves, Amélia Varejão, Amélia Videira, André Nuno, António Melo, Carlos Paulo, Cecília Sousa, Isabel Medina, João Mota, Jorge Loureiro, José Pedro Gomes, Maria Marília, Marques Arede, e Paulo Ferreira.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

Todos os dias, às 21.30, domingos às 16.00.

«**POUCO BARULHO**», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varela Silva. Com Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

Teatro Maria Matos

Av. Miguel Contreiras — Tel. 89 70 07

A REVISTA À PORTUGUESA
1.ª parte 1910 a 1945
De 3.ª a sábado às 21.45, aos sábados também às 16, domingos só às 16.

Escolha de textos e cooperação literária de Joaquim Pessoa, com Aida Baptista, Vítor Rosado, Margarida Carpinteiro, Maria da Graça, Vitorino, Hercinda d'Almeida, Rui de Sá, José Raposo, Gabriel Pais, Jorge Trincheiras, Sílvio Pleno e o Grupo de Bailado Olissipo.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

Sala Experimental

De 3.ª a sábado, às 21.45; sábado e domingo às 16.30

O «Grupo Fernando Pessoa»

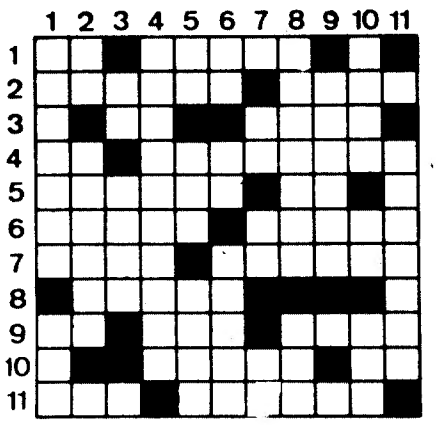
Em «**CENA IMPOSSÍVEL OU RITMO-RI-RIMA**», de E. Mello e Castro com Mónica Lapa, Michel de Roubaix, Mizé e João d'Ávila. Estilista: Ana Salzar.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º

HORIZONTAIS:

1 Preposição. O alvorecer. Tempo do verbo ser.
2 Elegância. Mil cento e dois em romano.
3 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Justapor.
4 Antes do meio-dia. Afrouxamos.
5 Nome de peixes. Rénio (s.q).
6 Eduquem. Tocar de leve.
7 Rezai. Calunia.
8 Naipe das cartas de jogar; 9 Quantum Satis. Ovário dos peixes. Grupo de pessoas.
10 Fado. Prefixo de negação.
11 Cidade da Alemanha. Iria para fora.



VERTICAIS:

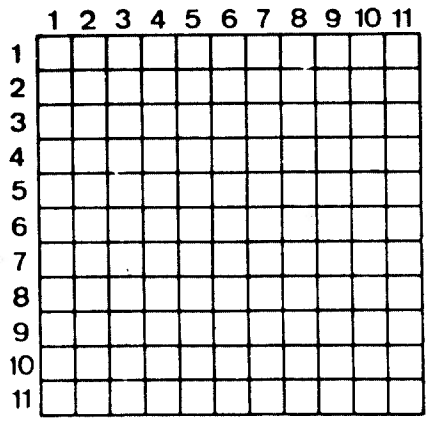
1 Cidade de Ásia Menor, capital da Síria. Pronome relativo.
2 Pertences. Outeiros.
3 Pronome reflexo. Ligai.
4 Caixinhas onde se vai guardando o dinheiro que se deseja economizar.
5 Nesse lugar. Medida de líquidos da Holanda. Origens (fig).
6 Laço. Abreviatura de Santíssimo. Guarnecera de asas.
7 Carta de jogar. Reis. Pronome pessoal.
8 Apoios. Raer.
9 Principia. Artigo definido.
10 Enguia. Antes de Cristo. Claridade solar.
11 Curaram.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º

HORIZONTAIS:

1 Orla. Cidade da Polónia.
2 Versejar. Mete em mala.
3 Separa de. Adicionar.
4 Nota musical. Apelido.
5 Falda. Cai para fora. Textualmente.
6 Vossa alteza. Largo de Lisboa. Ruim.
7 Equipes. Lavrais.
8 Criminoso. Artigo.
9 Oceano. Nome de mulher. Colina na Suécia.
10 Ondas curtas. Preposição.
11 Serrade Portugal. Limparmetais.



VERTICAIS:

1 Triturava. Moderato.
2 Aqui está. Casa humilde.
3 Sacrifica. Coisa (ant).
4 Amofina. Paraíso. Érbio (s.q).
5 Altar cristão. Sadias. Estime.
6 Botequim. Serviço nacional.
7 Rente. Magnete natural. Estima.
8 Patrões. Agora.
9 Nome de jogo. Fio de latão.
10 Olé. Falsifica.
11 Grande cabaça seca e limpa interiormente e que os indígenas do Maranhão enchem de pedras e agitam, nas suas festas. Ente.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14594**

HORIZONTAIS:

1 A. FOME. É. CR.
2 Luar. Serrou.
3 Nauta. Uni.
4 Cáfila. Bisa.
5 Aca. Orão. Em.
6 Nara. Mal.
7 Tirares. Chá.
8 Alojastes.
9 Moelas. Ui!
10 Mi. Na. Suara.
11 Ali. Ocorram.

VERTICAIS:

1 Alicante. MÁ.
2 Açaí. Mil.
3 Fantarrão.
4 Orai. Aalen.
5 Ulo. Rolão.
6 Estarreja.
7 Ea. Sasso.
8 Er. Bom. Ur.
9 Rui. Actuar.
10 CONSELHEIRA.
11 Ruiam. Ás. Am.

PROVÉRBIO: A fome é má conselheira.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14434**

HORIZONTAIS:

1 Torar. Aramá.
2 Ruas. Alegar.
3 Trinara.
4 Vala. Asa. Ab.
5 Adias. Ata.
6 Aar. Trama.
7 Somai. Aba.
8 AC. An. Er.
9 Segaras.
10 Sardas. Bara.
11 Ara. Corar.

VERTICAIS:

1 Trova. Passa.
2 Ou. Ada. Cear.
3 Ra. Lias. Grã.
4 Ás. Aaro. Ad.
5 Moras.
6 Ara. Ta! As.
7 Alisarias.
8 Remata. Bo.
9 Agá. Ama. Aar.
10 Mara. Abé. Rã.
11 Árabe. Arear.

Rádio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: Música portuguesa; **21.00**: Cozinha económica; **21.30**: Noites de luar; **23.30**: Último jornal. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.30**: Fantasia e fuga, em sol menor, BWV 542, de Bach; **16.45**: Trechos de óperas italianas; **17.00**: Integrais; **17.22**: «Bourrée Fantasque», de Chabrier; **17.30**: Música tradicional e folclórica da Índia; **18.00**: Música, de Chopin; **18.40**: Música de câmara; **19.30**: Terra viva, planeta azul; **20.00**: Excertos do ofício religioso hebraico, de Ernest Bloch; **20.40**: Música orquestral; **21.00**: Música e músicos portugueses; **21.30**: Os anos 80; **22.30**: O canto e os seus intérpretes; **23.30**: Música sacra; **00.15**: Seis pavanas, de Luys Milan; **00.25**: Três obras, para violino e viola dedilhada, de Paganini; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RADIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Musical; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Musical; **21.30**: Quando o telefone toca; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.30**: Tempo de desporto; **22.45**: Programas religiosos; **23.00**: Vigésima quarta hora; **01.00**: Peça a que quiser; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RCM-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Pé-de-vento; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Nunca mais é sábado; **24.00**: Só com gelo; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

16.00: Ré maior; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Quando o telefone toca; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Espaço musical; **22.30**: Diário do desporto; **23.00**: A hora é esta; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional
(Braga, Porto, Lisboa e Évora)

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.00**: Noticiário regional; **18.30**: Ligação à rede nacional.

FM-Estéreo

14.00: Cem mais; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **21.00**: Vista alegre; **22.00**: Oceano Pacífico; **23.55**: Boa noite. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

18.00 — Tempo dos Mais Novos

A emissão de hoje é preenchida com mais um episódio das séries «A Volta ao Mundo com Willy Fogo-Confusão no Enrietta» e «Calimero».

18.35 — Notícias

18.50 — Desportivamente

19.15 — A Revolução Liberal

(1.º programa): «Os Mártires da bpátria»

Após as invasões francesas, pode dizer-se que nada voltou a ser como dantes em Portugal. Mas uma vez expulsos os invasores e derrotado Napoleão, o país continuaria sob domínio estrangeiro. Desta feita seriam ingleses que enquadravam o exército e governavam O país, enquanto a corte e o rei continuavam no Brasil. Contra esta situação vários patriotas tentaram rebelar-se, mas seriam descobertos, presos e vários deles executados. Seria assim que morreria enforcado Gomes Freire de Andrade. Um programa de Fernando Pereira Marques. Realizado por Luís Beja.

19.55 — O Livro Grande de Petete

«O Café»

20.00 — Telejornal

20.27 — Boletim Meteorológico

20.35 — Louco Amor

Jorge Augusto perde a paciência com Nanda e expulsa-a do apartamento quando ela o tenta esponsabilizar pela separação da filha e do genro. Guilherme encontra Patrícia no ilube de Golfe e convida-a para tomar uma bebida. Durante a audiência, Fernando pressiona Lúcia de tal forma que ela caba por confessar ao juiz que está apaixonada por Jorge Augusto e que pretende casar-se com ele. O juiz pronuncia, então, a sua sentença, entregando a custódia de Marquinho a Fernando. Lipe procura Fernando e pede-lhe para voltar a trabalhar na fábrica. Depois visita a Galeria de Márcia onde começa a sentir-se mal. No regresso a casa o carro que ele conduz sofre um acidente, pois Lipe desmaia sobre o volante.

21.30 — Concurso «Um, Dois, Três»

O programa de hoje, apresentado como sempre por Carlos Cruz, tem por tema «A Noite». A cenografia é de António Casimiro, a produção de Isabel Fragata, José Montalvão e Luís Fialho Rico. A produção é de Pedro Martins.

23.58 — Último Jornal.

«Rei Lear»: a 2.ª parte esta noite na rubrica «Teatro para Sempre»

19.30 — Desenhos Animados

«Heathcliff e Marmaduke»

19.50 — Viana do Castelo

«A Cidade»: Viana do Castelo é uma cidade com histórias de marinheiros e navegantes quinhentistas, gravadas nos seus monumentos de granito. Começaremos com o nascer do Sol, a nossa peregrinação pela cidade visitando os muitos atractivos que ela tem para nos oferecer. Produção de Gabriela Teles e Ana Cristina Alvim. Realização de Ruy Ferrão.

20.20 — Teatro Para Sempre

«Rei Lear» (II parte): Esta célebre e muitas vezes representada peça teatral, de William Shakespeare, é hoje apresentada, (a segunda parte) numa encenação de 1977, de Giorgio Strehler. Nos principais papéis, estarão Tino Carraro, Renato de Carmine Gabriela Lavia, Ottavia Piccolo e Anna Rossino. Lear é a tragédia das grandes mudanças, uma enorme alegoria da velhice, da dor que cega e restitui o essencial da alma humana. É uma tragédia cómica, e do absurdo, em que tenta dar uma leitura objectiva, total. O parvo é, neste espectáculo, a persistência de um amor mal sucedido: a persistência de Cornélia junto de Lear.

22.30 — Jornal da Noite

«A Revolução Liberal»: hoje o primeiro programa

«Heathcliff e Marmaduke», nos Desenhos Animados da RTP 2

AMANHÃ

RTP-1

12.00 — Notícias
12.05 — Espaço 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — «Origens»
13.30 — Ciclo Preparatório TV
18.00 — Tempo dos Mais Novos
18.35 — Notícias
18.50 — Século XX
19.45 — Boletim Meteorológico para a Agricultura
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.35 — «Louco Amor»
21.30 — Imagens em Movimento
22.00 — Actual
23.10 — O Homem Invisível
23.40 — Último Jornal

RTP-2

19.30 — Desenhos Animados
20.00 — Videopolis
20.30 — Falar de Macau
21.00 — Sessão das Nove — «Alemanha Mãe Pálida»
22.50 — Jornal da Noite

DL

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
05.40 **3,70 m**	11.27 **1,50 m**
18.12 **3,40 m**	23.37 **1,60 m**

Dia 3

06.22 **3,60 m**	
19.01 **3,30 m**	12.17 **1,60 m**

TEMPERATURA DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	7º
VIANA DO CASTELO	23º
VILA REAL	15º
PORTO	21º
COIMBRA	20º
CABO CARVOEIRO	18º
CASTELO BRANCO	9º
PORTALEGRE	15º
LISBOA	15º
ÉVORA	15º
BEJA	14º
FARO	16º
SAGRES	17º
PONTA DELGADA	14º
FUNCHAL	21º

A publicidade aos óculos do "Monstro da Lagoa Negra"

Sporting acusa RTP de corrupção

O Sporting Clube de Portugal prepara-se para acusar a RTP de corrupção, a propósito da publicidade emitida sobre a venda de óculos destinados ao filme de três dimensões passado na sexta-feira à noite, estando a recolher assinaturas a partir de um documento distribuído ontem no Estádio José Alvalade, durante o jogo que a sua equipa de futebol disputou com o Vitória de Setúbal.

O documento a ser enviado juntamente com as assinaturas ao Procurador-Geral da República, Provedor de Justiça, Alta Autoridade Contra a Corrupção e Instituto para a Defesa do Consumidor, refere que, «como notou a Imprensa, as embalagens dos óculos foram vendidas a 190$00, mas produzidas a custo irrisório (mão-de-obra prisional), tendo o lucro ascendido, supõe-se, a centenas de milhares de contos (...). Aliás, vender por 190$00 um produto cujo custo rondou ridículos escudos, constitui crime de especulação nos termos da alínea a) do n.º 1 do Art.º 24 do Decreto-Lei n.º 41.204; e a RTP, foi cúmplice ao propagandear a venda desse produto, não obstante saber que a sua margem de lucro era muito superior à legal».

Afirma o clube dirigido por João Rocha que, tal atitude, por parte da RTP «foi não só uma afronta aos comericantes honestos deste País, como constituiu também uma ofensa aos direitos do consumidor, defraudado pelo menos duas vezes, com a compra dos óculos por 190$00 e com uma projecção sabidamente falhada, pois o falhanço total do filme em outros países, designadamente em França há três anos, era coisa de tal modo notória que a RTP não podia ignorá-lo, sob pena de dar tristíssima ideia da sua formação técnica e de planeamento de programas».

Recorde-se que, neste momento, existe um contencioso entre o Sporting e a RTP, a propósito das obras «Metro» em Alvalade.

Totoloto: 50 mil contos para anónimo de Grândola

Um anónimo de Grândola é até agora o único apostador que acertou na «chave» (10-16-32-34-35-44+5) da última edição do Totoloto, pelo que, a manterem-se os resultados apurados até à hora do fecho do nosso jornal pelos escrutinadores da Santa Casa da Misericórdia, irá receber cerca de 50 mil contos. O apostador da «Vila Morena» gastou apenas 90 escudos. Quanto aos restantes prémios do Totoloto estão assim distribuídos: 2.º prémio, de 9 a 10 apostadores, 3.º prémio, de 404 a 440, 4.º prémio, de 26 327 a 29 636 e 5.º prémio, de 530 640 a 569 000. Entretanto, no Totobola houve 148 apostadores com treze resultados certos, de 11 011 a 11 780 com doze e de 114 603 a 124 920 com onze.

Sete anos do "Acção Socialista"

Passou no sábado, dia 30 de Novembro, o sétimo aniversário da publicação do «Acção Socialista», semanário do PS, cuja publicação se iniciou a 30 de Novembro de 1978. Apesar de sair a público ininterruptamente desde essa data, o último número do «Acção Socialista» não faz nenhuma referência ao seu próprio aniversário. Ao seu director e a quantos trabalham no «Acção Socialista», o «DL» envia a propósito cordiais saudações.

/D/E/C/A/R/A/S/

JOÃO BOTELHO, galardoado com o prémio de melhor realizador do Festival de Cinema do Rio de Janeiro, nasceu em Lamego, em Maio de 1949. Estreou-se no cinema através do cineclubismo, depois escreveu em várias revistas e frequentou a Escola de Cinema do Conservatório de Lisboa. «Um Adeus Português», é a segunda longa metragem de João Botelho, rodada em 1985. A acção do filme, que só será exibido no circuito comercial a partir de Janeiro, passa-se na «África portuguesa» em 1973 e no Portugal de hoje. Os principais actores são Ruy Furtado, Isabel de Castro, Maria Cabral, Fernando Heitor, Luís Lucas e Cristina Hauser.

EURICO DE MELO afirmou em Poiares que «os aumtos de preços não têm boas nem más ocasiões, terão de ser feitos quando forem necessários».

«Se não tivéssemos subido determinados preços 14 por cento na semana passada, teríamos de os aumentqr 16 ou 18 por cento em Dezembro ou em Janeiro», disse. «e se não fosse o eleitoralismo feito no passado, os aumentos teriam sido de 10 ou 12 por cento», considerou Eurico de Melo. Reiterando que o aumento do poder de compra dos portugueses cifrar-se-á em dois por cento no final de 1986, Eurico de Melo desafiou «os que atiram pedras ao Governo a atirarem-nas no fim do seu mandato».

JOSÉ EDUARDO DOS SANTOS enviou ao Governo brasileiro uma mensagem de agradecimento pela solidariedade manifestada ao seu país em face das agressões do regime sul-africano, soube-se em Brasília. Na sua mensagem ao Ministério brasileiro das Relações Exteriores, o presidente de Angola assinala que «os contínuos actos de agressão contra o seu país perpetrados pelo regime racista da África do Sul, constituem uma ameaça à Paz na África Austral e à segurança internacional».

ANTÓNIO ARNAUT, o livro do ex-dirigente socialista foi apresentado sábado, em Coimbra, numa cerimónia realizada no edifício Chiado.

Trata-se de um livro de contos intitulado "Rude Tempo, Rude Gente", que aborda, segundo o próprio autor, «uma temática social telúrica». A apresentação do livro foi feita por Carlos Reis, professor da Faculdade de Letras de Coimbra, que o considerou «não só um acto cultural, mas também um acto cívico». Segundo afirmou, o título do livro «fala-nos das preocupações centrais de António Arnaut» e salientou que o primeiro conto, "Rude Tempo", propõe uma espécie de estratégia de representação».

DUARTE PIO, duque de Bragança, afirmou ontem no Castelo de S. Jorge, que «as lições de História, mormente desde 1910, até agora, demonstram que há que alterar quanto antes um sistema de provados inconvenientes». Ao falar perante várias centenas de monárquicos reunidos para comemorar o dia 1 de Dezembro, D. Duarte Pio, herdeiro do trono de Portugal, declarou que «lhe cabe servir a colectividade» e que «está por isso aberto ao contacto com todos os homens de boa vontade, seja qual for a sua filiação partidária ou prática política».

JOEL BRANCO acaba de lançar um novo **single**, com duas canções da autoria de Carlos Alberto Vidal (lembram-se do «Avô Cantigas»?) com arranjos e direcção musical de Carlos Alberto Moniz. Uma, sobre o tema do Natal, «São quase dois mil anos» e a outra sobre o tema eterno da vida e da saudade, dos homens, das coisas, da família, que tem por título «A lareira acesa».

Arcebispo de Braga defende "pluralismo político"

Para o arcebispo de Braga «o pluralismo político, para os bispos, tal como para os sacerdotes e verdadeiros cristãos, não pode ser uma palavra vã». Esta afirmação de D. Eurico Nogueira foi feita durante a missa na Sé, em que se comemorou o aniversário da sua entrada na Arquidiocese de Braga.

Na homília, D. Eurico Nogueira referiu-se à repercussão provocada por afirmações suas tornadas públicas e salientou que os bispos «não são infalíveis no seu ensino ordinário». «Só o Papa é juiz da ortodoxia e competência pastoral dos bispos diocesanos» — salientou.

D. Eurico considerou o pluralismo político «um estímulo e a busca de diferentes pistas de solução para os problemas de ordem pública, a fim de, com o confronto de várias hipóteses, se apurar a mais válida nas circunstâncias envolventes».

Muitas das dificuldades — concluiu — situam-se num «defeituoso entendimento da democratização da Igreja, com insuficiente distinção prática entre o sacerdócio comum e ministerial, na exagerada clericalização dos leitos e laicização dos padres, na falta de verdadeira e profunda renovação interior a acompanhar reformas exteriores».

VISITE A URSS EM 1985

ÚLTIMA PARTIDA PASSE O SEU FIM DE ANO NA URSS

Partida: 27 de Dezembro (7 dias)
Visitando: Moscovo, Leninegrado

ASSOCIAÇÃO PORTUGAL URSS
Rua de S. Caetano N.º 30/1200 Lisboa
Tels. 60 11 99 - 60 10 99

Com o Apoio Técnico da
MUNDIRAMA